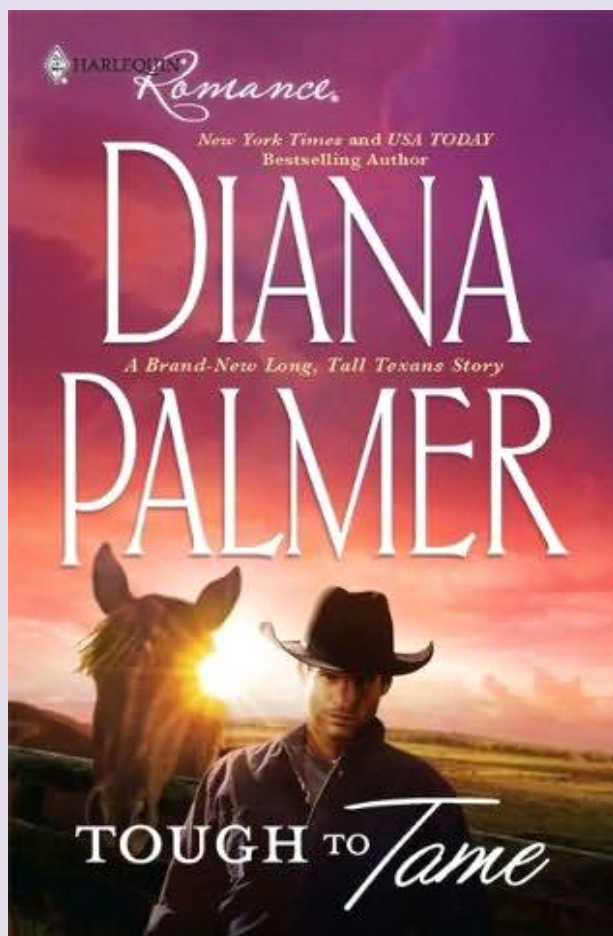


Indomável

— Bentley Rydel e Cappie Drake —

Diana Palmer

Homens do Texas 43



Uma nova e fascinante história da saga Homens do Texas!

A autora de bestsellers do New York Times, Diana Palmer, lhes dá as boas vindas de volta à Jacobsville para mostrar um pouco mais sobre Bentley Rydel. Ele vive arduamente e ama ferozmente — mas algumas vezes é necessário a mulher certa para fazer de um homem um herói. Este rude texano será *difícil de domar!*



CAPÍTULO 1

CAPPIE DRAKE estava parada em um canto da clínica veterinária onde trabalhava, os olhos cinzentos arregalados de apreensão. Ela procurava pelo chefe, dr. Bentley Rydel. Ele estava irritado ultimamente, e ela havia sido o alvo de todo o sarcasmo e ofensas. Ela era a mais nova empregada no emprego. Sua antecessora, Antonia, havia pedido a conta e fugido para as montanhas no último mês.

— Ele foi almoçar — veio um sussurro divertido detrás dela.

Cappie pulou. Sua colega, Keely Welsh Sinclair, sorria para ela. A mulher jovem tinha dezenove anos, enquanto que Cappie tinha vinte e três, havia casado recentemente com Boone Sinclair, mas mantinha o emprego na clínica apesar de seu novo estilo de vida. Ela amava animais.

Assim como Cappie. Mas nesse momento se perguntava se amar os animais era suficiente para aguentar Bentley Rydel.

— Eu perdi o pacote de medicamentos para o coração — Cappie disse com uma careta — Eu sei que está por aqui em algum lugar, mas ele estava gritando e eu fiquei tão frustrada que não consegui encontrá-lo. Ele disse coisas horríveis.

— É outono — Keely disse.

Cappie franziu a testa.

— E daí?

— É outono — ela repetiu.

A outra mulher a encarava atônita.

Keely deu de ombros.

— Todo outono o dr. Rydel fica mais temperamental do que de costume e fica fora por uma semana. Ele não tem um número de telefone para emergências, ele não telefona para cá e ninguém sabe onde ele está. Quando ele volta, nunca diz onde esteve.

— Ele está assim desde que eu fui contratada — Cappie apontou — E eu sou a quinta técnica contratada nesse ano, pelo que a dr. King disse. Dr. Rydel assusta as pessoas.

— Você precisa gritar também, ou apenas sorrir quando ele se cansar — Keely disse em um tom amigável.

Cappie fez uma careta.

— Eu nunca grito com ninguém.

— É uma boa hora para aprender. De fato...

— Onde diabos está o meu maldito casaco de chuva?

O rosto de Cappie se tornou horrorizado.

— Você disse que ele estava almoçando!

— Obviamente ele voltou — Keely respondeu enquanto o chefe entrava na sala de espera onde duas moças chocadas o encaravam por trás de suas mesas.

O dr. Bentley Rydel era alto, mais de 1,80 m, olhos azuis que adquiriam um brilho especial quando ele estava zangado. Ele tinha cabelo preto, curto e geralmente despenteado porque ele corria os dedos através dele quando estava frustrado. Seus pés eram grandes, como as mãos. Seu nariz havia sido quebrado em algum ponto, o que apenas apresentava mais caráter ao rosto anguloso. Ele não era convencionalmente bonito, mas as mulheres o achavam atraente. Ele não as achava atraentes. Se havia um odiador de mulheres mais notório do que Bentley Rydel em todo o distrito Jacobs, Texas, seria um martírio encontrá-lo.

— Meu casaco de chuva? — ele repetiu encarando Cappie como se fosse culpa dela ele ter partido sem ele.

Cappie ficou em pé, o topo de sua cabeça mal encontrando o ombro de Bentley, e respirou fundo.

— Senhor — ela disse rapidamente — Seu casaco de chuva está no armário onde você o deixou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

Cappie limpou a garganta e balançou a cabeça como se quisesse limpá-la também. O movimento deslocou sua tiara precariamente posicionada. O cabelo comprido loiro ficou livre, deslizando ao redor de seus ombros como uma cortina de seda.

Enquanto ela estava debatendo seu próximo, e possivelmente último, comentário, Bentley observava o seu cabelo. Ela sempre o usava preso naquele estúpido rabo de cavalo. Ele não havia notado que era tão longo. Os olhos claros se estreitaram ao observá-la.

Keely, fascinada, tentou não olhar. Ela virou-se para as senhoras que observavam encantadas.

— Senhora Ross, se você trouxer — ela olhou para a sua mesa — Luvvy, o gato, novamente, nós examinaremos os seus problemas.

A senhora Ross, uma mulher baixa e pequena, sorriu e trouxe o gato com ela, lançando um último olhar para a cena que relutantemente tentava abandonar.

— Doutor Rydel? — Cappie gaguejou porque ele a encarava.

Ele franziu a testa repentinamente e piscou.

— Está chovendo — ele disse bruscamente.

— Senhor, isso não é minha culpa — ela devolveu — Eu não controlo o tempo.

— Muito provável — ele rufou. Ele virou-se, foi até o armário, pegou o casaco, derrubando todos os outros, e saiu pela porta como um tornado.

— E eu espero que você derreta! — Cappie murmurou.

— Eu ouvi! — Bentley Rydel disse sem olhar para trás.

Cappie corou e foi para trás do caixa, tentando não encontrar os olhos de Gladys Hawkins porque a mulher estava quase chorando de tanto gargalhar.

— Calma, calma — a doutora King, uma veterinária há muito tempo casada, disse com um sorriso gentil. Em seguida deu um tapinha no ombro de Cappie — Você fez bem. No período em que Antonia fez dois meses de trabalho aqui ela chorava pelo menos duas vezes por dia no banheiro, e ela nunca respondeu o doutor Rydel.

— Eu nunca trabalhei em um lugar assim — Cappie disse baixo — Quero dizer, a maioria dos veterinários são como você — eles são bons e profissionais, e eles não gritam com os empregados. E, claro, os empregados não gritam...

— Sim, eles gritam — Keely discordou sorrindo — Meu marido disse que eu era uma cabeleireira de animais glorificada, e na próxima vez em que ele veio aqui, nosso cabeleireiro lhe deu uma palestra sobre o que os cabeleireiros de animais fazem — ela deu um risinho — Abriu os olhos dele.

— Eles fazem muito mais do que alisar os pêlos — a doutora King concordou — Eles não os nossos olhos e ouvidos entre os exames. Muitas vezes nossos cabeleireiros salvaram vidas apenas por notar alguns pequenos problemas que poderiam se tornar fatais.

— Seu marido é ótimo — Cappie disse timidamente à Keely.

Keely riu.

— Sim, ele é, mas também é cabeça-dura, temperamental e teimoso.

— Aposto que não foi fácil domá-lo — a dra. King brincou.

Keely inclinou-se na direção dele.

— Nem metade do que o dr. Rydel será.

— Amém. Tenho pena da pobre mulher que se casar com ele.

— Acredite em mim, ela ainda não nasceu — Keely respondeu.

— Ele gosta de você — Cappie suspirou.

— Eu não o desafio — Keely disse simplesmente — E eu sou mais jovem do que a maioria dos empregados. Ele pensa em mim como uma criança.

Os olhos de Cappie se arregalaram.

Keely deu um tapinha no ombro dela.

— Algumas pessoas pensam — o sorriso sumiu. Keely estava lembrando de sua mãe, que havia sido assassinada por um amigo do pai de Keely. A cidade inteira falava sobre isso. Keely, entretanto, lidara bem com o assunto nos braços fortes de Boone Sinclair.

— Eu sinto muito por sua mãe — Cappie disse gentilmente — Todos nós sentimos.

— Obrigada — Keely respondeu — Nós estávamos começando a nos conhecer quando ela foi... assassinada. Meu pai recebeu uma pena curta, mas não acho que ele voltará. Ele tem medo do xerife Hayes.

— Ele é uma verdadeira beleza — Cappie disse — Bonito, corajoso...

— ... Suicida — Keely interrompeu.

— O que disse?

— Ele já levou dois tiros entrando no meio de tiroteios — a dra. King explicou.

— Sem esforços não há glória — Cappie disse.

Os companheiros sorriram. O telefone tocou, outro cliente entrou e a conversa se converteu em negócios.

Cappie foi tarde para casa. Era sexta-feira e o lugar estava lotado de clientes. Ninguém saiu antes das seis e meia, nem mesmo a pobre cabeleireira que perdeu metade do dia com um cão Siberiano. Os animais tinham o pêlo fino, e era uma guerra lavar e penteá-los. O dr. Rydel estava mais irritado do que o comum, também, encarando Cappie como se ela fosse responsável pelo grande número de pacientes.

— Cappie, é você? — o irmão dela gritou do quarto.

— Sou eu, Kell — ela respondeu. Ela tirou o seu casaco de chuva e a bolsa e entrou no pequeno quarto onde seu irmão estava deitado, rodeado por revistas, livros e um pequeno laptop. Ele esboçou um sorriso para ela.

— Dia ruim? — ela perguntou gentilmente, sentando ao lado dele na cama, suavemente para não piorar a dor.

Ele apenas concordou. Seu rosto estava rígido, o único sinal da dor que o comera vivo durante todas as horas do dia. Um jornalista, ele estava do outro lado do continente fazendo uma investigação para a revista quando entrou no meio de um tiroteio e feriu-se seriamente. A bala estava alojada em sua espinha, um lugar muito perigoso para ser operado. Mas ainda assim, Kell estava basicamente paralisado da cintura para baixo. Estranhamente, a revista não fornecera nenhum tipo de ajuda médica para ele, e ainda mais estranhamente, ele insistira que não queria nada. Cappie se indagava por que o irmão escolhera aquela profissão. Ele estivera no exército por vários anos. Quando saiu, se tornou um jornalista. E ganhara muito com isso. Ela mencionou isso a um amigo do ramo do jornalismo que ficou atônito. A maioria das revistas não pagava muito bem, ele mencionara ao ver o novo Jaguar de Kell.

Bem, pelo menos eles tinham o dinheiro guardado de Kell para sobreviver, mesmo

precariamente, depois que ele pagara a conta dos remédios. Seu salário, embora bom, mal podia pagar as utilidades e colocar comida na mesa.

— Você tomou os remédios para dor? — ela acrescentou.

Ele concordou.

— Não está ajudando?

— Não muito. Pelo menos, não hoje — ele acrescentou com um sorriso forçado. Ele era bonito, com o cabelo loiro ainda mais claro que o dela e os olhos claros. Ele era alto e musculoso; ou pelo menos era antes de ter sido ferido. Ele estava em uma cadeira de rodas agora.

— Algum dia eles conseguirão te operar — ela disse.

Ele suspirou e esboçou um sorriso.

— Talvez antes de eu morrer de velhice.

— Pare com isso — ela chiou suavemente, e inclinou-se para beijar a testa dele — Você precisa ter esperança.

— Eu tenho.

— Quer comer alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

— Não estou com fome.

— Eu posso fazer sopa de milho — era a favorita dele.

Ele a encarou seriamente.

— Eu estou empatando sua vida. Existem abrigos para ex-militares onde eu poderia ficar...

— Não! — ela explodiu.

Ele piscou.

— Mana, não está certo. Você nunca encontrará um homem que lhe aceitará com uma bagagem extra — ele começou.

— Nós já temos essa mesma conversa há vários meses — ela apontou.

— Sim, desde que você desistiu do seu emprego e mudou-se para cá, depois que eu fui... ferido. Se o nosso primo não tivesse morrido e nos deixado esse lugar, nós nem mesmo teríamos um teto sobre nossas cabeças. Está me matando ter que ver você assim.

— Não seja melodramático — ela chiou — Kell, tudo que nós temos é um ao outro — ela acrescentou sombriamente. Não me peça para jogá-lo na rua simplesmente para ter uma vida social. Eu nem mesmo gosto muito dos homens, lembra?

O rosto dele endureceu.

— E eu lembro do motivo também.

Ela corou.

— Pare, Kell — ela disse — Nós prometemos que não falaríamos mais sobre isso.

— Ele podia ter matado você — ele gemeu — Eu tive que ameaçá-la para que você fizesse a acusação!

Ela revirou os olhos. Seu único namorado se tornava um maníaco homicida quando bebia. Na primeira vez em que aquilo acontecera, Frank Bartlett agarrara o braço de Cappie e deixara uma mancha roxa. Kell a avisara para se afastar dele, mas ela, apaixonada e irracional, disse que ele não havia feito de propósito. Kell sabia mais, mas não conseguiu convencê-la. No quarto encontro, o garoto a levava a um bar, tomou alguns drinques, e quando ela gentilmente tentara fazê-lo parar, ele a puxara para fora e a agredira. Outros clientes precisaram socorrê-la e levá-la até em casa. O garoto havia voltado, envergonhado e chorando, implorando por mais uma chance. Kell batera o pé e dissera não, mas Cappie estava apaixonada e não ouviu. Eles estavam assistindo um filme na casa alugada, quando ela perguntou sobre o seu problema com bebidas.

Ele ficara irritado e começara a agredi-la, sem nem mesmo ela ter provocado. Kell tentou sentar em sua cadeira e ir até a sala de estar. Com nada mais do que uma lanterna como arma, ele afastara o lunático de Cappie e o jogara no chão. Ele estava atordoado e ferido, mas disse à ela como amarrar os braços do garoto atrás das costas, o que ela fez enquanto ele pegava o telefone e ligava para a polícia. Cappie foi para o hospital e o menino foi para a cadeira por agressão.

Com o braço quebrado em uma tipóia, Cappie testemunha contra ele, com Kell ao seu lado no tribunal lhe dando apoio. A sentença, mesmo assim, não havia sido extrema. O garoto pegou seis meses de prisão e um ano de serviço voluntário. Ele também jurou vingança. Kell levou a ameaça mais a sério do Cappie.

Os irmãos tinham um primo distante que morava em Comanche Wells, Texas. Ele havia morrido há um ano, mas o testamento demorara a ser liberado. Três meses depois, Kell recebeu uma carta informando que ele e Cappie haviam herdado uma pequena casa. Mas pelo menos era um lugar para morar. Cappie estava com dúvida em relação a sair de San Antonio, mas Kell insistira muito. Ele tinha um amigo em Jacobsville que era relacionado a um veterinário local. Cappie conseguiria um emprego lá, trabalhando como técnica veterinária. Então ela desistiu.

Ela não havia esquecido o garoto. Havia sido um pesadelo, por que ele era o seu verdadeiro primeiro amor. Felizmente para ela, o relacionamento não passara de alguns beijos calorosos e alguns toques, embora ele quisesse mais. Aquilo havia sido outro problema: a moral de Cappie. Ele a acusara de estar alienada do mundo real, de viver com um irmão superprotetor por muito tempo. Ela precisou afastar-se. Fácil dizer, mas Cappie não queria um relacionamento casual e disse isso. Quando ele bebia mais do que o comum, dizia que era culpa dela e lhe agredia, porque ela o deixava frustrado.

Bem, era a opinião dele. Cappie não concordava. Ele parecera um cavalheiro gentil quando ela o vira pela primeira vez. A irmã dele trouxera o cachorro até a clínica onde Cappie trabalhava. Ele estava sentado na caminhonete, e deixou que a irmã levasse sozinha um enorme cachorro alemão até o balcão. Quando ele viu Cappie, saiu do carro e ajudou. Sua irmã ficara surpresa. Cappie não percebeu.

Depois que terminou, Cappie descobriu que pelo menos duas de suas colegas havia sofrido o mesmo com os seus namorados. Algumas tiveram sorte, como Cappie, e se livraram dos abusadores. Outras ficaram presas em relacionamentos que não queriam por medo. Era difícil falar sobre o caráter dos homens apenas pela aparência. Pelo menos o dr. Rydel era obviamente violento e perigoso, disse a si mesma. Não que ela quisesse alguma coisa com ele.

— O que foi? — Kell perguntou.

— Oh, eu estava pensando em um dos meus chefes — ela confidenciou — O dr. Rydel é um terror. Tenho muito medo dele.

Ele franziu a testa.

— Certamente ele não é como Frank Bartlett?

— Não — ela disse rapidamente — Eu não acho que ele alguma vez já tenha batido em uma mulher. Ele não é desse tipo. Ele somente reclama, xinga e amaldiçoa. Ele ama os animais. Ele ligou para a polícia por causa de um homem que trouxe um cãozinho com cortes por todos os lugares. O homem havia batido no cão e fingiu que ele havia caído das escadas. O dr. Rydel sabia a verdade. Ele testemunhou contra o homem e ele foi para a cadeia.

— Bom para o dr. Rydel — ele sorriu — Se ele é bom com os animais, não deve ser do tipo de pessoa que bate em mulheres — ele teve que concordar — Meu amigo disse que o Rydel era um bom patrão — ele franziu a testa — Seu namorado chutou o seu gato no primeiro encontro.

Ela fez uma careta.

— E eu pedi desculpas por ele — Pouco tempo depois, o gato desapareceu. Ela

frequentemente se perguntava o que havia acontecido, mas ele voltou logo após a partida de seu namorado — Frank era tão bonito, tão... inteligente — ela disse baixo — Eu acho que fiquei lisonjeada por um homem daqueles olhar duas vezes para mim. Eu não sou bonita.

— Você é. Por dentro.

— Você é um bom irmão. Quer a sopa?

Ele suspirou.

— Eu a comerei se você fizer. Sinto muito. Pelo modo como estou.

— Como se você pudesse evitar — ela murmurou e sorriu — Eu vou prepará-la.

Ele a observou pensativo.

Ela trouxe a sopa em uma bandeja e comeu com ele. Eram somente os dois sozinhos no mundo. Seus pais haviam morrido havia tempo, quando ela ainda tinha dez anos. Kell, que era incrivelmente atlético e saudável naqueles dias, simplesmente tomara conta dela e era como um pai substituto. Ele estivera no exército, e eles viajaram pelo mundo. Uma boa parte de sua educação havia sido completa por meios de cursos por correspondência, embora ela conhecesse boa parte do mundo. Agora, Kell achava que ele era um fardo, mas o que ela havia sido durante todos aqueles anos em que ele sacrificou sua vida social para cuidar de uma criança com o coração partido? Ela devia muito a ele. Esperava apenas retribuir.

Lembrava-se dele em um uniforme, um oficial, digno e exigente. Agora, ele estava confinado ou na cama ou na cadeira de rodas. Não era nem mesmo motorizada, porque eles não conseguiam manter uma. Ele continuava a trabalhar, de seu próprio modo, escrevendo um livro. Era uma aventura, baseada nos conhecimentos que ele adquirira no exército e com alguns amigos com quem trabalhara, ele dizia, na contra-capá.

— Como está o livro? — ela perguntou.

Ele riu.

— Na verdade está indo muito bem. Eu falei com um colega de Washington que me contou algumas novas estratégias políticas e inovações da área da robótica.

— Você conhece todo mundo.

Ele fez uma careta para ela.

— Eu conheço quase todo mundo — ele suspirou — Estou com medo de a conta do telefone estar acima da média nesse mês. Além disso também precisei encomendar alguns livros sobre a África para pesquisa.

Ela o encarou com orgulho.

— Eu não me importo. Você ajuda muito — ela disse suavemente — Mais do que muitas pessoas em melhor estado físico.

— Eu não durmo como a maioria das pessoas — ele disse zombeteiro — Então eu posso trabalhar por horas.

— Você precisa pedir alguma coisa ao dr. Coltrain que lhe faça dormir.

Ele suspirou.

— Eu pedi. Ele me deu uma receita.

— A qual você não comprou — ela acusou — Connie, da farmácia, gosta de você.

— Nós não temos dinheiro agora — ele disse gentilmente — Eu darei um jeito.

— Sempre é o dinheiro — ela disse infeliz — Eu queria ser talentosa e esperta, como você. Talvez conseguisse um emprego que pagasse melhor.

— Você é boa no que faz — ele disse com a voz firme — E você adora o seu trabalho. Acredite em mim, existem muitas coisas mais importantes do que um salário enorme. Eu sei disso.

Ela suspirou enquanto comia a sopa.

— Acho que sim — ela o encarou rapidamente — Mas ajudaria nas contas.

— Meu livro nos renderá milhões — ele disse com um sorriso — Ele vai alcançar o topo da lista do “New York Times”, e eu serei convidado para entrevistas e poderei comprar um carro novo.

— Otimista — ela acusou.

— Ei, sem esperança, o que nós temos? — ele olhou ao redor com uma careta — Paredes sem pintar, rachados na pintura, um carro com duzentos mil quilômetros rodados e um telhado furado.

— Oh, puxa — ela murmurou, seguindo o olhar dele em direção à mancha amarela no teto — Aposto que um dos pregos soltou-se do estanho. Queria tanto poder comprar um telhado de madeira.

— Bem, estanho é mais barato, e também é bonito.

Ela o encarou teimosamente.

— É mais barato — ele insistiu — Você não gosta do som da chuva no telhado? Escute. É como música.

Era como uma bateria de estanho, ela disse, mas ele apenas sorriu.

Ela sorriu.

— Acho que você está certo. Não podemos desejar mais do que podemos ter. Nós conseguiremos, Kell — ela assegurou — Sempre conseguimos.

— Pelo menos nós estamos juntos — ele concordou — Mas você devia pensar no asilo para militares.

— Depois que eu estiver morta e enterrada, você pode ir para um asilo — ela assegurou — No momento, apenas coma a sopa e descanse.

Ele sorriu ternamente.

— Ok.

Ela retribuiu o sorriso. Ele era o melhor irmão do mundo, e ela não o abandonaria enquanto restasse vida em seu corpo.

Havia parado de chover quando ela chegou ao trabalho na manhã seguinte. Estava triste. Não queria sair da cama. Havia algo mágico em ficar na cama com a chuva caindo, segura e aquecida. Mas queria o seu emprego. Não podia fazer os dois.

Estava colocando o seu casaco de chuva no armário quando um braço comprido passou por cima de seu ombro e depositou um casaco lá.

— Pendure para mim, por favor — o dr. Rydel disse grosseiramente.

— Sim, senhor.

Ela o pendurou em um cabide. Quando fechou a porta e virou-se, ele ainda estava parado ali.

— Algo errado, senhor? — ela perguntou formalmente.

Ele estava com a testa franzida.

— Não.

Mas ele parecia estar com o peso do mundo sobre seus ombros. Ela sabia o que era aquilo, porque amava o irmão e não podia ajudá-lo. Os olhos cinzentos buscaram os azuis dele.

— Quando a vida lhe oferece limões, faça uma limonada? — ela aventurou-se.

Uma risada escapou dos lábios dele.

— O que diabos você sabe sobre limões com a sua idade? — ele perguntou.

— Não é a idade, dr. Rydel — ela disse — É a experiência. Se eu fosse um carro,

precisariam me decorar com acessórios de ouro sólido para que eu reluzisse.

Os olhos dele se suavizaram, mas apenas um pouco.

— Eu acho que estaria em um ferro-velho.

Ela riu, rapidamente tentando controlar-se.

— Desculpe.

— Por quê?

— Não é fácil falar com você — ela confessou.

Ele respirou fundo. Apenas por um minuto, pareceu estranhamente vulnerável.

— Não estou acostumado com as pessoas. Lido com elas na prática, mas vivo sozinho. Durante quase toda a minha vida — ele franziu a testa — Seu irmão mora com você, não é? Por que ele não trabalha?

Ela endireitou-se.

— Ele estava fazendo a cobertura de uma Guerra e uma bomba explodiu perto dele. Ele foi atingido na coluna e eles não podem operá-lo. Ele está paralizado da cintura para baixo.

Ele fez uma careta.

— É uma das piores maneiras de se acabar em uma cadeira de rodas.

— Pois é — ela concordou em voz baixa — Ele foi um militar por anos, mas cansou-se de viajar pelo mundo, e então conseguiu um emprego em uma revista. Ele disse que assim não ficaria tão longe — ela suspirou — Ele sente dor e eles não conseguem fazer nada para evitá-la — ela o encarou — É difícil.

Por um instante, um sentimento de ternura brilhou nos olhos dele.

— Sim. É mais fácil machucar-se do que ver alguém que você ama machucado — o rosto dele suavizou-se ao encará-la — Você cuida dele.

Ela sorriu.

— Sim. Bem, pelo menos quando ele deixa. Ele cuidou de mim desde que eu tinha dez anos, quando nossos pais morreram em um acidente. Ele quer que eu o deixe ir para um asilo militar, mas nunca permitirei isso.

Ele a olhou pensativo. E infeliz. Ele parecia precisar muito de um ombro amigo, mas não tinha ninguém. Ela conhecia o sentimento.

— A vida é dura — ela disse gentilmente.

— Então você morre — ele acrescentou e esboçou um sorriso — Volte ao trabalho, senhorita Drake — ele hesitou — Seu nome, Cappie. É diminutivo de quê?

Ela hesitou. Em seguida mordeu o lábio inferior.

— Diga — ele insistiu.

Ela respirou fundo.

— Capella — ela disse.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— A estrela?

Ela riu deliciada. A maioria das pessoas não tinha idéia do que significava.

— Sim.

— Um dos seus pais era um astrônomo — ele adivinhou.

— Não. Minha mãe era astrônoma, e meu pai era astrofísico — ela corrigiu corando — Ele trabalhava para a NASA.

Ele torceu os lábios.

— Pessoas inteligentes.

— Não se preocupe, eu não sou assim. Kell ganhou todo o talento. De fato, ele está escrevendo um livro, uma aventura — ela sorriu — Eu só sei que vai ser um enorme sucesso.

Ele vai ganhar muito dinheiro, e então nós não precisaremos mais nos preocupar com dinheiro para remédios e saúde.

— Saúde — ele interrompeu — É uma piada. Pessoas sem ter o que comer para comprar remédios, sem roupas para comprar gás, tento que escolher entre o essencial e sem ajuda de ninguém.

Ela ficou surpresa com a atitude dele. A maioria das pessoas acha que o tratamento para saúde era disponível para todos. Na verdade ela só podia comprar o básico. Se alguma vez tivesse uma emergência médica, teria que pedir ajuda ao estado. Esperava também consegui-la. Ainda estava impressionada por Kell não ter recebido nenhum apoio de seus patrões.

— Nós não vivemos em uma sociedade perfeita — ela concordou.

— Não. Não estamos nem próximos.

Ela quis perguntar por que ele entendia tanto do assunto. Mas antes que pudesse ultrapassar a timidez, os telefones repentinamente começaram a tocar e três pacientes de quatro patas entraram pela porta com seus donos. Um deles, um grande Boxer, rosnou para um pequeno poodle cujo dono o trazia sem uma coleira.

— Segure ele! — Cappie disse, correndo até o Boxer.

O dr. Rydel a seguiu, segurando a coleira do Boxer com força. Ele a segurou o suficiente para estabelecer controle, e também para que a cabeça do cachorro ficasse ereta.

— Sente, amigo — ele disse em um tom de comando — Sente!

O Boxer sentou-se. Assim como todos os donos. Cappie deu uma gargalhada. O dr. Rydel a encarou sério, virou-se, e levou o Boxer até a sala de consultas sem dizer uma palavra.

CAPÍTULO 2

QUANDO CHEGOU em casa, Cappie contou sobre o incidente com o Boxer ao irmão, e como tudo acabara. Ele gargalhou. Já havia se passado muito tempo desde a última vez em que ela o vira sorrir.

— Bem, pelo menos ele consegue controlar animais e pessoas — ele disse.

— Consegue mesmo — ela pegou os pratos sujos e os colocou na bandeja — Você sabe que ele é muito exigente com os cuidados com a saúde. Para as pessoas. Eu me pergunto se ele conhece alguém que não pode pagar remédios, médicos ou hospitais. Ele nunca fala sobre a sua vida particular.

— Nem você — ele disse secamente.

Ela fez uma careta.

— Eu não sou interessante. Ninguém gostaria de saber o que eu faço em casa. Eu cozinho, limpo e lavo a louça. O que tem de excitante nisso? Quando você estava no exército, conhecia estrelas de filmes e lendas do esporte.

— Eles são como você e eu — ele disse — Fama não é uma referência de caráter. Nem a riqueza.

— Bem, eu não me importaria em ser rica — ela suspirou — Nós poderíamos consertar o telhado.

— Um dia — ele prometeu — Nós sairemos do buraco.

— Você acha?

— Milagres acontecem todos os dias.

Ela não acreditava muito naquilo. Recentemente havia dado o sangue por um milagre que lhe providenciasse um novo casaco de chuva. O único que ela tinha, comprado por um dólar em um brechó, estava furado, curto e faltando botões. Ela havia colocado outros no lugar, mas nenhum deles combinava. Seria tão bom ter um que viesse de uma loja, novinho, com o cheiro que as roupas tem quando ninguém nunca as usou.

— Em que você está pensando? — Kell perguntou.

— Casacos de chuva novos — ela suspirou. Então viu a expressão dele e fez uma careta — Desculpe. Foi só um pensamento tolo. Não fique chateado.

— O Papai Noel pode lhe trazer um — ele disse.

Ela o encarou enquanto caminhava até a porta.

— O Papai Noel não encontraria este lugar nem que tivesse um GPS. E se ele encontrasse, suas renas furariam o telhado e acabariam nos amassando.

Ele ainda ria quando ela chegou à cozinha. Cappie procurou a velha árvore de natal artificial e a colocou na sala de estar, onde Kell podia vê-la de sua cama de hospital. Ela tinha um jogo de luzes novo, o único que ela podia comprar, e o colocou como enfeite. Finalmente ela acendeu a árvore. Tornou-se uma obra de arte, algo mágico, quando ela apagou as outras luzes e a olhou.

— Puxa — Kell disse em um tom suave.

Ela caminhou até a porta e sorriu para ele.

— Sim. Puxa — ela suspirou — Bem, pelo menos é uma árvore. Eu queria ter uma de verdade.

— Eu também, mas você passou todos os natais doente na cama até que nós percebemos que você era alérgica a pinheiros.

— Chato.

Ele deu uma gargalhada.

— Agora, tudo o que nós precisamos decidir é o que colocaremos embaixo dela.

— Presentes artificiais, eu acho — ela disse baixo.

— Pare com isso. Não estamos na miséria.

— Ainda.

— O que eu farei com você? Existe um Papai Noel, “Virginia” — ele chiou — Você apenas não o conhece.

Ela acendeu as luzes novamente e sorriu para ele.

— Ok. Você está certo.

— E nós colocaremos presentes.

Apenas se eles ganhassem na loteria, ela pensou cinicamente, mas não disse nada. A vida era dura quando se vivia nas raízes da sociedade. Kell era muito mais otimista do que ela. O seu otimismo desaparecia mais a cada dia.

A semana começou mal. O dr. Rydel e a dra. King tiveram uma discussão séria sobre uma deficiência renal avançada de um belo gato Persa negro.

— Nós podemos fazer diálise — a dra. King argumentou.

Os olhos claros do dr. Rydel soltavam faíscas.

— Você pretende contribuir para o sofrimento do Harry?

— O quê?

— A sua dona está aposentada. Tudo o que ela tem é a aposentadoria, porque seu plano de pensão foi detonado na crise econômica — ele disse calorosamente — Como diabos você acha que ela vai conseguir pagar uma diálise para um gato que tem, no máximo, apenas alguns dias de vida até sucumbir à dor?

A dra. King o encarou de uma maneira estranha. Ela não disse nada.

— Eu posso irrigá-lo, drogá-lo e mantê-lo vivo por pelo menos mais um mês — ele disse entredentes — E ele logo estará agonizando. Eu posso fazer a diálise e atrasar isso. Ou você acha que os animais não sentem dor?

Ela não disse nada. Apenas o encarava.

— Diálise! — ele zombou — Eu adoro animais também, Dra. King, e eu nunca desistiria de um que tivesse pelo menos uma mísera chance de vida. Mas esse gato não está tendo uma vida normal — ele está passando pelo inferno diariamente. Ou você nunca viu um humano no estágio final de uma insuficiência renal? — ele perguntou.

— Não, eu não vi — a Dra. King disse, em um tom gentil que não era comum.

— Você pode saber que é a coisa mais próxima do inferno na terra. E eu não vou, repito, não vou fazer diálise com esse gato e esse é o conselho que eu dou ao dono.

— Ok.

Ele franziu a testa.

— Ok?

Ela não sorriu.

— Deve ter sido muito difícil — ela disse baixo.

O rosto dele, por um instante, demonstrou a angústia de uma perda pessoal de grande magnitude. Ele virou-se e voltou ao seu escritório. Nem mesmo bateu a porta.

Cappie e Keely encararam a dra. King, de olhos arregalados e sem conseguir dizer nada.

— Vocês não sabem, não é? — ela perguntou. Ela levou as duas mulheres até outra sala e fechou a porta — Vocês não me ouviram dizer isso — ela instruiu, e esperou até que as duas

concordassem — A mãe dele tinha sessenta anos quando eles diagnosticaram insuficiência renal há três anos. Eles fizeram diálise e deram remédios para adiar o inevitável, mas ela perdeu a batalha há um ano quando eles descobriram um tumor inoperável na vesícula. Ela agonizou. Durante todo o tempo, ela tinha apenas o seguro social e o convênio médico para ajudar. Seu marido, o padraço do dr. Rydel, não o deixou ajudar. De fato, o dr. Rydel teve que brigar para conseguir ver a mãe. Ele e o padraço foram inimigos durante anos, e só piorou quando a mãe ficou doente. Sua mãe morreu e ele culpa o padraço, primeiro por não deixá-la fazer os exames, e segundo por não deixá-lo ajudar com os gastos. Ela vivia em uma terrível pobreza. Seu marido era muito orgulhoso para aceitar ajuda de outras pessoas, e ele trabalhava como guarda noturno em uma companhia.

Não havia dúvidas do motivo da preocupação do dr. Rydel pela saúde, Cappie pensou. Agora o via de uma maneira diferente. Também entendia a sua frustração.

— Ele também está certo sobre a dona do Harry — a dr. King acrescentou — A senhora Trammel não fica com muito dinheiro depois que paga os remédios, as contas e as utilidades. Certamente ela não pode pagar tratamentos caros para um gato velho que não tem muito tempo de vida de qualquer modo — ela fez uma careta — É maravilhoso saber que temos tantos tratamentos. Mas às vezes não é bom ter que tomar algumas decisões. O gato é velho e está sempre com dor. Será que nós estaremos fazendo o melhor com esse tratamento de milhares de dólares que a dona não pode pagar apenas para prolongar o sofrimento?

Keely deu de ombros.

— Bailey, o cão de Boone, meu marido, teria morrido se o dr. Rydel não o tivesse operado as pressas — ela informou.

— Sim, ele está velho também — a Dra. King concordou — Mas Boone podia pagar.

— Pois é — Keely concordou.

— Nós temos convênio médico para animais agora também — Cappie apontou.

— Mas é a mesma questão moral — a Dra. King afirmou — Será que nós deveríamos fazer alguma simplesmente por que podemos fazê-la?

O telefone tocou, as duas linhas na mesma hora, e uma mulher com um gato nos seus braços entrou pedindo ajuda.

— Será um longo dia — a Dra. King suspirou.

Cappie contou ao irmão sobre a mãe do dr. Rydel.

— Eu acho que nós não somos as únicas pessoas que gostariam de ter convênio médico — ela disse sorrindo gentilmente.

— Acho que não. Pobre homem — ele franziu a testa — Como tomar uma decisão dessa em relação a um animal? — ele acrescentou.

— Não tomamos. Recomendamos o que pode ser o melhor, mas deixamos a senhora Trammel dar a última palavra. Ela foi mais realista do que nós todos pensávamos. Ela disse que Harry havia vivido por dezenove bons anos, havia sido mimado e nos envergonhou por acharmos que a morte era um triste final. Ela acha que os gatos também vão para um lugar bom, e eles podem correr sem carros e cães para persegui-los — ela sorriu — No final, ela decidiu que era melhor deixar o dr. Rydel fazer o necessário. A gata de Keely deu cria, gatinhos brancos com olhos azuis. Ela prometeu um à senhora Trammel. A vida continua.

— Sim — ele ficou sombrio — Continua.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Qualquer dia vai surgir um avanço na medicina e você vai ser operado e voltará a

andar.

— E depois disso eu ganharei o Oscar, estabelecerei contato com os comunistas e encontrarei a cura para o câncer — ele acrescentou secamente.

— Um milagre por vez — ela interrompeu — E como você ganharia o Oscar? Você nem é ator!

— Não me confunda com fatos irrelevantes — ele encostou-se nos travesseiros e fez uma careta — Além disso, a dor vai me matar antes mesmo que eles encontrem uma técnica cirúrgica miraculosa — ele fechou os olhos e suspirou — Um dia sem dor — ele disse baixo — Somente um dia. Eu faria tudo por isso.

Ela sabia, diferente de muitas pessoas, que dores crônicas podiam causar uma depressão perigosa e geral. Os remédios que ele tomava apenas diminuía o sofrimento. Nada que eles receitassem acabava realmente com a dor.

— O que você precisa mesmo é de um milkshake de chocolate, batatas fritas e um hambúrguer cheio de colesterol — ela disse.

Ele fez um rosto torturado.

— Vá em frente, me atormente!

Ela deu um risinho.

— Eu paguei uma conta antes do dia e recebi um desconto de dez dólares — ela disse abrindo a bolsa — Nós comeremos fora essa noite! Só preciso ir até o banco.

— Que beleza! — ele exclamou.

Ela piscou para ele.

— Eu voltarei antes que você perceba — ela olhou o relógio — Oops, melhor correr antes que o banco feche!

Ela pegou a velha jaqueta jeans, a bolsa e correu até a porta.

O velho carro era temperamental. Já tinha quase duzentos mil quilômetros rodados, e parecia uma lata velha. Ela o ligou e fez uma careta ao ver o marcador de combustível. Só tinha um quarto do tanque. Bem, era uma corrida de apenas cinco minutos de Jacobsville até Comanche Wells. Ela teria o suficiente para ir ao trabalho e voltar por mais um dia. Então se preocuparia com o combustível. Os dez dólares serviriam para isso, mas Kell precisava se animar um pouco. Aqueles momentos de depressão eram ruins para ele, e eles estavam se tornando mais frequentes. Faria qualquer coisa para animá-lo. Até mesmo caminhar até o trabalho.

Ela conseguiu pegar o dinheiro dois minutos antes de o banco fechar. Então dirigiu até a lanchonete de fast-food e pediu hambúrguers, fritas e milkshakes. Ela pagou por eles — recebeu cinco centavos de troco — e voltou ao carro. Então duas coisas deram errado de uma só vez.

O motor do carro falhou e um carro virou a esquina e bateu na porta do lado do passageiro de seu carro.

Ela ficou sentada, tremendo, vendo as ruínas de seu carro, com milkshake de chocolate caído no jeans e na jaqueta, e pedaços de hambúrguer caídos no chão. Era um belo impacto. Não conseguia se mexer. Ficou sentada, olhando a sujeira, imaginando como ficaria sem um carro, porque seu seguro cobria apenas dívidas. Não tinha como consertar o carro, isso se ele tivesse conserto.

Virou a cabeça em câmera lenta e viu o carro que a atingira. O motorista saiu, amaldiçoando. Ele riu. Isso explicava porque ele havia passado em um sinal vermelho sem parar. Ele encostou-se no carro arruinado e riu ainda mais.

Cappie perguntou-se se ele tinha seguro. Também perguntou-se se não havia um ferro de

aço para usar antes que a polícia chegasse para salvar o homem.

A porta de seu carro foi aberta. Ela deu de encontro com um par de olhos azuis frios como gelo.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela piscou. Dr. Rydel. Perguntou-se de onde ele vinha.

— Cappie, você está bem? — ele repetiu. Sua voz estava muito suave, nada parecida com o brilho nos olhos claros.

— Acho que sim — ela disse. O tempo pareceu parar. Não conseguia fazer o cérebro funcionar — Eu estava levando hambúrguers e milkshake para o Kell — ela disse — Ele estava tão deprimido. Achei que isso o animaria. Estava preocupada em gastar o dinheiro com isso em vez de gastar com o combustível — ela riu atordoada — Acho que não precisarei me preocupar com o combustível agora — ela acrescentou olhando ao redor e vendo o prejuízo.

— Você tem sorte de não estar em um desses carros novos. Você estaria morta.

Ela olhou na direção do outro motorista.

— Dr. Rydel, você tem algum pedaço de ferro que eu possa emprestar? — ela perguntou normalmente.

Ele viu o que ela olhava.

— Você não quer zangar a polícia, Cappie.

— Eu não contarei se você não contar.

Antes que ele pudesse responder, um carro de polícia de Jacobsville apareceu, as luzes piscando, e parou. Obviamente alguém no restaurante os chamara.

O oficial Kilraven desceu do carro e caminhou na direção de Cappie.

— Oh, Deus, é ele — Cappie disse — Ele vai matar o outro motorista de medo.

Kilraven inclinou-se na janela do carro de Cappie.

— Você está bem? Precisa de uma ambulância?

— Céus, não — ela disse rápido. Como se ela pudesse pagar por isso! — Estou bem. Apenas tremendo um pouco — ela indicou o outro motorista que a atingira — O dr. Rydel não quer me emprestar um pedaço de ferro, então você poderia, por favor, dar um tiro nele? Eu nem mesmo tenho seguro contra batidas e não foi minha culpa. Eu precisarei caminhar até o trabalho por culpa dele.

— Não posso atirar nele — Kilraven disse com um brilho nos olhos prateador — Mas se ele tentar me agredir, o levarei para a cadeia em meu carro. Ok?

Ela iluminou-se.

— Ok!

Ele ficou em pé e disse algo ao dr. Rydel. Um minute depois, ele caminhou na direção do homem bêbado, sentiu o seu bafo, fez uma careta e lhe ofereceu um teste do bafômetro, que o sujeito recusou. Aquilo significava um teste de sangue no hospital, mas Kilraven tinha certeza de que o homem iria falhar. Ele informou que o homem estava preso e o algemou. Cappie Também o ouviu ligar para um guincho e reforço.

— Um guincho? — ela gemeu — Eu não posso pagar um guincho.

— Não se preocupe com isso agora. Vamos. Eu te levo para casa.

Ela a ajudou a sair do carro. Ela pegou a bolsa.

— Eu espero que ele tenha um ressaca do tamanho do Texas quando acordar amanhã — ela disse friamente, observando Kilraven colocar o prisioneiro no carro. O homem ainda estava rindo.

— Oh, eu espero que ele engravide — o dr. Rydel murmurou — E que sejam gêmeos.

Ela riu roucamente.

— Muito melhor. Obrigada.

Ele a levou até o grande Land Rover.

— Espere aqui. Eu demorarei somente um minuto.

Ela ficou quieta, fascinada com o interior do veículo. Ele lhe trazia visões dos santuários africanos, de elefantes, girafas e antílopes. Desejou ter pelo menos um versão dos anos vinte dessa beleza. Nunca mais precisaria se preocupar com estradas ruins.

Ele voltou pouco depois com um saco e um carregador de copos. Ele os colocou no colo dela.

— Dois hambúrguers, fritas e dois milkshakes de chocolate.

— Como...?

— Bem, é fácil dizer quando você está vestindo partes deles — ele apontou indicando as manchas de chocolate, mostarda, maionese e comida em suas roupas — Coloque o cinto de segurança.

Ela colocou.

— Eu pagarei você — ela disse firme.

Ele deu um risinho.

— Tanto faz.

Ele ligou o motor e saiu da cidade com ela.

— Você precisa me ajudar. Eu não sei onde você mora.

Ela disse o nome da rua, e o número da casa. Eles não conversaram. Ele parou na frente da pequena casa, com a tintura manchada, os degraus afundando e o telhado cedendo.

Ele fez uma careta.

— Ei, não desdenhe — ela disse — É uma boa casa, com quartos grandes e está paga. Um primo distante nos deixou de herança.

— Legal. Você tem outros primos?

— Não. Sou só eu e Kell.

— Nenhum outro parente?

Ela balançou a cabeça.

— Nós não temos nenhuma família.

Ele a encarou sério.

— Se nós tivéssemos dinheiro para consertá-la, ficaria maravilhosa — ela disse.

Ele a ajudou a sair do carro e caminharam até a varanda. Ele hesitou em entregá-la a bolsa com a comida e os carregadores de copo.

— Você gostaria de entrar e conhecer Kell? — ela aventurou-se — Apenas se você quiser — ela acrescentou rapidamente.

— Sim, eu gostaria.

Ela destrancou a porta e entrou.

— Kell, cheguei! — ela gritou — E trouxe companhia!

— Se está usando batom e tem um bom senso de humor, traga até aqui! — ele brincou.

O dr. Rydel deu uma gargalhada.

— Desculpe, eu não uso batom — ele respondeu.

— Opa.

Cappie riu e caminhou na direção do quarto um pouco hesitante, fazendo com que o veterinário a seguisse.

Kell estava deitado na cama com o velho laptop. Ele parou, as sobrancelhas arqueadas, enquanto eles entravam.

— Nós devíamos ter pedido mais comida — ele disse com um sorriso.

Cappie piscou.

— Veja bem, a comida não é o problema. Eu estava saindo do estacionamento e o motor morreu. Um bêbado bateu no carro e quase o arruinou.

— Por sorte ele não arruinou você — Kell disse franzindo a testa — Você está bem?

— Apenas um pouco machucada. O dr. Rydel foi gentil em me trazer até em casa. Dr. Rydel, esse é meu irmão, Kell — ela começou.

— Você é o veterinário? — Kell perguntou, e os olhos claros brilharam — Eu achei que você tivesse presas e um rabo comprido...

— Kell! — ela exclamou horrorizada.

O dr. Rydel deu um risinho.

— Somente durante o expediente de trabalho — ele respondeu.

— Eu vou matar você! — ela disse ao irmão.

— Calma, calma — o dr. Rydel disse complacente — Todos sabem que eu sou um horror de patrão. Ele só está dizendo o que você não se sente confortável em dizer.

— E ele tem senso de humor — Kell disse — Obrigado por trazê-la até em casa — ele acrescentou, e o sorriso sumiu — Os meus dias de motorista aparentemente acabaram.

— Existem veículos com controle manual — o dr. Rydel apontou.

— Nós vamos encomendar um assim que terminarmos de pagar o iate — Kell disse com o rosto sério.

Cappie deu uma gargalhada.

— E a piscina olímpica.

O dr. Rydel sorriu.

— Pelo menos vocês ainda tem senso de humor.

— É a única parte de mim que ainda funciona — Kell respondeu — Eu já me ofereci para ficar em um asilo para militares, mas ela não aceita.

— Somente sobre o meu cadáver — ela devolveu, e o encarou.

Ele suspirou.

— É bom ser amado, mas o sentimento familiar está comandando você, querida — ele recordou.

— Encalhados ou nadando, nós ficaremos juntos — ela disse teimosamente — Eu não vou te jogar na rua.

— Asilos para militares são muito bons — Kell começou.

Cappie fez uma careta.

— Seu milkshake está esquentando — ela interrompeu. Ela pegou a bandeja da mão do dr. Rydel e entregou um a Kell, junto com um canudo — Aqui está o seu hambúrguer e as fritas — ela disse — Está trabalhando?

— Na verdade estou fazendo uma pausa para jogar — ele respondeu — E estou ganhando.

— Eu jogo Sudoku — o dr. Rydel comentou.

Kell gemeu.

— Eu não sou bom com números. Eu tentei jogar e quase fiquei louco. Não consegui preencher uma única coluna. Como você consegue?

— Eu sou bom com exatas — o outro homem disse simplesmente — Números e ciências. Eu adoraria ser escritor, mas não sou bom com palavras.

Kell riu.

— Eu também sou bom com exatas, mas não sei jogar Sudoku. Mas sou bom com palavras também — ele acrescentou zombeteiro.

— É por isso que nós temos um guarda-livros — o dr. Rydel disse — Eu acho que as

peessoas teriam muitos problemas se os seus nomes e as condições do animal fossem constantemente soletradas erradamente. Não me dei bem no colégio por causa disso.

— Eu também — Kell confessou — Trigonometria quase me impediu de conseguir um diploma. Eu também não me dei bem com biologia — ele acrescentou educadamente.

O dr. Rydel deu um risinho.

— Minha matéria preferida. Só tirava nota A.

— Eu aposto que a biologia também te adorava — Cappie disse com um risinho — Não é? Ele concordou.

— Eu trazia pizza para os meus amigos todos os sábados a noite para compensá-los.

— Pizza — Cappie murmurou — Eu lembro do gosto disso. Acho.

— Eu não quero falar sobre pizza — Kell disse provando o milkshake — Você e os seus cogumelos.

— Ele odeia cogumelos, e eu odeio lingüiça italiana — Cappie comentou — Adoro cogumelos.

— Eca — Kell comentou.

Ela sorriu.

— Nós deixaremos você jantar. Se você precisar de alguma coisa é só chamar, certo?

— Claro. Do que você gostaria de ser chamada?

Ela torceu o nariz e saiu pela porta.

— Prazer em conhecê-lo — Kell disse ao veterinário.

— O prazer foi meu — o dr. Rydel disse.

Ele seguiu Cappie até a sala de estar.

— É melhor você comer o seu lanche antes que ele esfrie — ele disse — Eles não ficam gostosos.

Ela sorriu timidamente.

— Obrigada novamente por me trazer, e pela comida — ela estava se perguntando como chegaria ao trabalho na manhã seguinte, mas sabia que encontraria uma maneira. Podia pedir uma carona a algum dos outros técnicos veterinários.

— Sem problemas — ele a encarou em silêncio por um segundo — Tem certeza de que ficará bem?

Ela concordou.

— Eu sou medrosa. Por isso fiquei tão perturbada. Ficarei bem. São só alguns machucadinhos. Verdade.

— Você me diria se fosse algo mais? — ele perguntou.

Ela deu um risinho.

— Bem, se você achar que precisa ir ao médico mais tarde, pode me ligar. Ligue no escritório — ele acrescentou — Eles anotarão o recado e me avisarão onde eu estiver.

— É muito gentil. Obrigada.

Ele respirou fundo. Os olhos azuis se estreitaram no rosto dela.

— Você tem muito peso sobre os ombros para uma mulher de sua idade — ele disse baixo.

— Algumas pessoas tem ainda mais — ela respondeu — Eu amo o meu irmão.

Ele sorriu.

— Eu percebi.

Ela o observou curiosamente.

— Você tem família?

O rosto dele endureceu.

— Não mais.

— Sinto muito.

— As pessoas envelhecem. Elas morrem — ele tornou-se distante — Nós conversaremos depois. Boa noite.

— Boa noite. Obrigada.

Ele deu de ombros.

— De nada.

Ela o observou partir com um estranho sentimento de perda. Ele era de muitas maneiras a pessoa mais infeliz que ela já conhecera.

Ela terminou o seu jantar e foi buscar os pacotes do irmão.

— Seu chefe é legal — ele disse — Não é o que eu esperava.

— Como você pode contar o que eu disse sobre ele, seu homem horrível? — ela perguntou com raiva fingida.

— Ele é uma dessas almas raras que nunca mentem — ele disse simplesmente — Ele joga limpo, não com armadilhas.

— Como você sabe?

— Está no jeito dele — ele disse simplesmente. Em seguida sorriu — Eu sou assim. É só prestar atenção. Agora venha aqui e me conte o que aconteceu.

Ela respirou fundo e sentou-se na cadeira ao lado da cama. Odiava ter que contar a verdade a ele. Não seria muito legal.

CAPÍTULO 3

CAPPIE PEGOU uma carona para o trabalho com Keely, prometendo não tornar isso um hábito.

— Eu só preciso arrumar outro carro — ela disse, como se a única coisa que ela tivesse que fazer fosse ir a uma concessionária. De fato, ela não tinha idéia do que fazer.

— O meu irmão é o melhor amigo do xerife Hayes Carson — Keely lembrou — e Hayes conhece Kilraven. Ele contou a ele sobre o incidente, e Kilraven teve uma conversa com a companhia de seguro do motorista — ela deu um risinho — Eu sei que alguns fatos importantes foram lembrados. O que importa é que o seguro do motorista vai consertar o seu carro.

— O quê?

— Bem, ele estava bêbado, Cappie. De fato, ele está ocupando uma cela no centro de detenção enquanto nós conversamos. Você pode fazer a companhia de seguro dele lhe comprar um Jaguar igual ao do meu irmão.

Ela não mencionou que Kell já tivera um Jaguar, e não há muito tempo. Mas aqueles dias pareciam muito distantes agora.

— Puxa. Você sabe que eu nunca explorei ninguém.

Keely riu.

— Eu também não. Mas você poderia. O dono da seguradora não pareceu se importar muito por ter que pagar o conserto de um carro velho quando lembrou-se disso.

— Foi muito gentil — Cappie disse estarrecida. Foi um milagre — Eu não sabia o que fazer. Meu irmão é um inválido, e o único dinheiro que nós temos são as suas economias e o que eu levo para casa. Não é muita coisa.

— Antes de me casar com Boone, precisava contar os centavos — a garota disse — Eu sei o que é ter pouco. Eu acho que você se sai muito bem.

— Obrigada — ela suspirou — Você sabe, Kell foi militar durante vários anos. Ele enfrentou os mais perigosos tipos de situações, mas nunca se feriu. Então ele saiu do exército e foi trabalhar para essa revista, foi para a África cobrir uma história e foi atingido por uma bala perdida. Imagine só.

Keely franziu a testa.

— Ele não tinha seguro? A maioria das revistas faz isso para os seus funcionários.

— Bem, não, ele não tinha. Estranho, não?

— Eles o mandaram para a África para cobrir um caso — Keely acrescentou — Que tipo de caso? Uma notícia recente?

Cappie piscou.

— Eu nunca perguntei a ele. Eu só soube que ele estava deixando o país. Então eu recebi uma ligação, dizendo que ele estava no hospital com muitos machucados e chegaria em casa assim que possível. Ele nem ao menos me deixou visitá-lo. Uma ambulância o trouxe para a nossa casa alugada em San Antonio.

Keely não disse nada. Mas quase precisou morder a língua.

Cappie a encarou.

— É uma história muito estranha, mesmo sendo eu a contá-la — ela disse lentamente.

— Talvez seja verdade — Keely disse reconfortante — Apesar de tudo, a realidade às vezes é muito mais estranha do que a ficção.

— Acho que sim — ela calou-se. Mas pretendia falar com Kell naquela mesma noite.

Quando chegou em casa, havia um grande SUV estacionado na calçada. Ela franziu a testa ao subir os degraus e entrar na casa. A porta estava destrancada.

Ela ouviu o som de risadas vindo do quarto de Kell.

— Cheguei! — ela gritou.

— Venha aqui — Kell gritou — Tenho companhia.

Ela tirou o casaco e entrou no quarto. O visitante de Kell era alto e magro, os cabelos negros tinham algumas mechas cinzas nas têmporas. Ele tinha olhos verdes e um rosto sombrio, e uma das mãos parecia estar queimada. Ele a colocou no bolso quando viu onde os olhos dela haviam pousado.

— Este é um velho amigo — Kell disse — Minha irmã, Cappie. Este é Cy Parks. Ele tem um rancho em Jacobsville.

Cappie esticou a mão, sorrindo, e apertou a dele.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu. Você precisa levar Kell ao rancho para nos visitar — ele acrescentou — Eu tenho uma esposa maravilhosa e dois garotinhos. Eu adoraria que vocês os conhecessem.

— Você, com uma esposa e filhos — Kell disse balançando a cabeça — Eu não imaginaria isso nem em meus sonhos mais selvagens.

— Oh, isso acontece com todos nós, mais cedo ou mais tarde — Cy disse preguiçosamente. Ele torceu os lábios — Então você trabalha para Bentley Rydel, certo?

Ela concordou.

— Ele realmente tem um forcado, ou é apenas fofoca maliciosa? — Cy perguntou zombeteiro.

Ela corou.

— Kell...! — ela murmurou para o irmão.

Ele ergueu as duas mãos e sorriu.

— Eu não disse nada a ele. Honestamente.

— Ele não disse — Cy concordou — Na verdade eu recebo muitas ligações de Bentley Rydel na época dos partos. Ele é nosso veterinário. Um bom homem.

— Sim, ele é — Cappie disse — Ele me trouxe para casa depois que um bêbado bateu em meu carro.

O rosto de Cy endureceu.

— Eu ouvi falar. Sinto muito.

— Bem, a companhia de seguro do homem vai arrumar o nosso carro — Cappie acrescentou com um sorriso — Eles ficaram preocupados com o que nós poderíamos fazer.

— Nós faríamos — Kell disse, e não sorriu — Você podia ter morrido.

— Eu só ganhei alguns arranhões — ela disse sorrindo — Nada com o que se preocupar.

Kell sorriu.

— É um costume meu.

— Você precisa sair mais — Cy disse ao homem na cama — Eu sei que vocês tem crises de dor, mas ficar prostrado aqui só vai piorar as coisas. Acredite em mim, eu entendo.

Os olhos de Kell escureceram.

— Acho que você está certo. Mas eu tenho algo a fazer. Estou trabalhando em um livro. Sobre a África.

O rosto de Cy Parks esticou-se.

— Aquele lugar deixou marcas em muitos de nós — ele disse enigmaticamente.

— Ainda está deixando marcas em outros homens — Kell disse.

— Os cartéis de drogas latino-americanos estão se mudando para lá — Cy informou — Que inferno, como se a África já não tivesse problemas internos suficientes.

— Enquanto os poderosos tiranos não pararem se aumentar sua fortuna oprimindo os mais fracos, os combatentes não acabarão por lá — Kell murmurou.

— Combatentes? — Cappie perguntou curiosa.

— Dois grupos lutando por supremacia — Kell respondeu.

— Um bom, um ruim — ela adivinhou.

— Não. Enquanto a política interna continuar, os dois lados terão argumentos positivos. Os estrangeiros é que estão causando mais problemas. O seu tipo de diplomacia é frequentemente praticado com pistolas automáticas e incêndios acidentais.

— E Els também — Cy acrescentou.

Cappie piscou.

— Com licença?

— Explosivos improvisados — Kell traduziu.

— Você esteve no exército também, senhor Parks? — Cappie perguntou.

Cy hesitou.

— Algo do tipo. Veja a hora — ele disse observando o relógio — Lisa quer que eu vá com ela comprar um novo cercadinho para o nosso caçula — ele disse com um sorriso — Nosso mais velho destruiu o primeiro.

— Criança forte — Kell notou. — Sim. Cabeça-dura também.

— Imagino de onde ele tenha herdado isso — Kell pensou alto, com os olhos brilhando.

— Eu não sou cabeça-dura — Cy disse complacente — Eu apenas sou resistente a idéias estúpidas.

— Grande diferença.

Cy fez uma careta.

— Eu voltarei lhe fazer uma visita no final da semana. Se você precisar de algo...

Kell sorriu.

— Obrigado, Cy.

— Eu iria vir no mesmo dia em que Eb e Micah vieram — Cy acrescentou — Mas nós estávamos fora da cidade com as crianças. Foi bom vê-lo novamente.

— Digo o mesmo — Kell disse — Eu lhe devo uma.

— Por quê? — Cy deu de ombros — Amigos ajudam amigos.

— Ajudam mesmo.

Cappie encarou o irmão confusa. Uma conversa parecia estar acontecendo debaixo de seu nariz e ela não entendia.

— Até logo — Cy disse — Prazer em conhecê-la, senhorita Drake — ele disse sorrindo.

— O prazer é meu — ela respondeu.

Cy saiu sem olhar para trás.

Depois que ele saiu, Cappie continuou encarando o irmão.

— Você não disse que tinha amigos aqui. Por que eu nunca os vi?

— Eles vinham enquanto você estava no trabalho — ele disse — Várias vezes.

— Oh.

Ele revirou os olhos.

— Eu os conheci quando estava no exército — ele disse — Eles são bons homens. Um pouco inusitados, mas boas pessoas.

— Oh! — ela relaxou — O senhor Parks tem um ferimento.

— Sim. Ele se queimou tentando salvar a mulher e a filha de um incêndio. Ele foi o único sobrevivente. Isso o mudou. Mas agora ele casou novamente e tem dois filhos, e parece ter deixado o passado para trás.

— Pobre homem — ela fez uma careta — Sem dúvidas ele deve ter mesmo mudado. Quem eram os outros homens que vocês mencionaram?

— Outros amigos. Eb Scott e Micah Steele. Micah é médico em Jacobsville. Eb Scott tem uma espécie de centro de treinamento para unidades paramilitares.

Ela piscou.

— Você parece atrair amigos estranhos.

— Homens com armas — ele concordou. Em seguida deu um risinho.

Ela riu.

— Ok. Estou sendo preconceituosa. O que você quer para o jantar?

— Nada pesado — ele disse — Tive um bom almoço.

— Mesmo? — ela não se lembrava de ter deixado nada a não ser sanduíches em uma bolsa.

— Cy trouxe o menu completo do restaurante chinês local — ele disse — Os restos estão na geladeira. Eu não me importaria de comê-los no jantar.

— Comida chinesa? Comida chinesa de verdade, de um restaurante de verdade, que eu não preciso cozinhar? — ela colocou a mão na testa — Talvez esteja ouvindo coisas.

Ele deu um risinho.

— É muito bom, não é? Vá esquentar. Traga-me um pouco de carne de porco e de macarrão. Tem um pouco de arroz doce e mangas para sobremesa também.

— Eu morri e estou no paraíso — ela disse em um tom zombeteiro.

— Eu também. Vá logo. Eu já estou no quarto capítulo do livro!

— É mesmo? — ela riu. Ele estava muito alegre. Mais do que estivera em semanas — Ok, então.

Ele colocou o laptop novamente no colo.

— Eu posso ler?

Ele concordou.

— Quando estiver pronto.

— Fechado — ela foi até a cozinha e pegou as caixas de comida chinesa. Era tudo o que ela podia fazer para evitar as lágrimas. Cy Parks era um homem bom. Um homem muito bom. Exceto pelos hambúrguers e milkshakes, que ela ainda devia ao dr. Rydel, não comiam nada diferente há muito tempo. Isso era um banquete. Ela colocou um pouco no congelador para algum momento de necessidade e aqueceu o resto. Seu dia já estava melhorando.

E ficou ainda melhor. Um homem alto com cabelo escuro e olhos azuis chegou dirigindo o carro de Cappie dois dias depois. O grande SUV estava logo atrás. Cappie estremeceu com a visão. Seu velho carro havia sido reformado, sua lataria desamassada, pintada e reparada. Os bancos eram até mesmo de couro e o chão sem buracos. Ela o observou sem conseguir esconder o espanto.

Cy Parks saiu do SUV e seguiu o homem de cabelos escuros até a varanda.

— Eu espero que você goste de azul — ele disse à Cappie — Havia uma liquidação de tintas.

Ela mal conseguia pronunciar as palavras.

— Senhor Parks, eu nem sei o que dizer... — ela explodiu em lágrimas — É tão gentil!

Ele apoiou a mão gentilmente no ombro dela.

— Calma, calma, é apenas um daqueles raros atos de gentileza com os quais não estamos acostumados. Algum dia você poderá fazer o mesmo por alguém.

Ela secou os olhos.

— Quando eu ficar rica, juro que farei!

Ele deu um risinho.

— Este é Harley Fowler — ele apresentou o companheiro — É um bom mecânico e é capataz do meu rancho. Eu pedi que ele supervisionasse o seu carro. A companhia de seguro pagou por tudo — ele acrescentou quando ela começou a protestar. Em seguida sorriu — Nós fazemos as coisas acontecerem aqui em Jacobsville. A agente de seguros local é cunhada de um empregado meu.

— Bem, obrigada a vocês dois — ela disse roucamente — Muito obrigada. Eu já estava com vergonha de pedir carona à Keely. Ela é muito gentil, mas era uma imposição. Eu moro há cinco milhas da casa dela.

— Não há de que.

A porta da frente abriu-se e Kell saiu com a cadeira de rodas na varanda. Ele piscou quando viu o carro.

— Bom Deus, isso foi trabalho rápido — ele disse.

Cy sorriu.

— Você deve se lembrar de que eu sempre conseguia tudo o que queria.

— Obrigado — Kell disse a ele — Por nós dois. Se eu puder fazer algo por você...

— Você já fez o suficiente — Cy disse baixo. Os olhos verdes brilharam — Mas você pode me colocar no livro que está escrevendo. Eu gostaria de ter vinte e sete anos, ser incrivelmente bonito e um lingüista.

Kell revirou os olhos.

— Você mal consegue falar inglês — ele afirmou.

Cy o encarou.

— Retire o que disse, ou eu mandarei Harley arrancar todos os pneus desse carro.

Kell ergueu as duas mãos, os olhos prateados brilhando.

— Ok, você pode trabalhar como tradutor um dia. De verdade.

Cy suspirou.

— Não quero isso — ele franziu a testa — Você ainda fala Persa?

Kell concordou sorrindo.

— Eu tenho um amigo que está procurando um emprego com a companhia. Você acha que poderia ajudá-lo? Ele é muito esforçado, e pagaria pelas aulas.

Kell franziu a testa.

— Não é caridade — Cy murmurou o encarando — É uma necessidade legítima. O cara quer trabalhar do outro lado do oceano, mas nunca conseguirá o emprego se não aperfeiçoar o idioma.

Kell relaxou.

— Tudo bem, então. Eu aceito. E obrigado.

Cy sorriu.

— Obrigado — ele respondeu — Ele é um bom homem. Você gostará dele — ele encarou

Cappie, que estava se perguntando para que tipo de companhia Cy trabalhava — Não se preocupe — ele assegurou — Eu odiava as mulheres, mas esse cara me faz parecer civilizado. Ele precisará vir quando você estiver no trabalho.

Cappie ficou curiosa.

— Por que ele odeia as mulheres?

— Eu acho que ele foi casado com uma — Cy zombou.

— Bem, isso certamente explica tudo — Kell deu um risinho.

— Muito obrigada por consertar meu carro — Cappie disse a Cy — Eu não esquecerei.

— Sem problemas. Ficamos felizes em ajudar. Oh, não esqueça as chaves, Harley!

Harley entregou as chaves à ela enquanto Cy se afastava e entrava no próprio carro.

— Ela está ronronando como uma gatinha — Harley disse — Funciona muito bem.

— O carro é uma garota? — ela perguntou.

— Somente quando um homem está dirigindo — Kell disse com um sorriso travesso.

— Amém — Harley disse a ele.

— Vamos, Harley — Cy gritou do carro.

— Sim, senhor — ele sorriu para os irmãos e sentou no banco do passageiro do grande SUV de Cy.

— Que homem gentil — Cappie disse — Olhe só, Kell! — ela caminhou até o carro, abriu a porta e ofegou — Eles lubrificaram as juntas! Ela não raspa mais. E olhe, eles arrumaram o freio quebrado e trocaram o radio que não funcionava... — ela começou a chorar novamente.

— Não faça isso — Kell disse gentilmente — Você me fará chorar, também.

Ela fez uma careta para ele.

— Você tem bons amigos.

— Tenho mesmo! — ele sorriu — Agora você não precisará implorar por caronas.

— Será um alívio, mesmo Keely tendo sido maravilhosa — ele encarou o irmão — Eu não acho que o seguro pagou por tudo isso.

— Sim, ele pagou — ele disse sério — Tudo.

Ela sorriu para ele.

— Ok. Você tem amigos realmente muito leais.

— Você não sabe quão leais — ele disse — Mas eu lhe contarei um dia. Agora vamos voltar para dentro. Está frio aqui fora.

— Está um pouco gelado — ela virou-se e o seguiu até dentro da casa.

A semana passou rápido. Ela recebeu o pagamento na sexta-feira e foi fazer comprar nos sábados de manhã em Jacobsville. Kell havia dito que adoraria ganhar um novo roupão no natal, então ela foi até a loja para ver os preços e modelos.

Foi uma surpresa trombar com o dr. Rydel no departamento masculino. Ele a olhou curiosamente. Ela não entendeu o motivo até perceber que deixara os longos cabelos compridos soltos ao invés de prendê-los. Ele parecia estar fascinado.

— Procurando por algo em particular? — ele perguntou.

— Sim. Kell quer um roupão.

— Compras de natal — ele adivinhou, e sorriu.

— Sim.

— Eu estou trocando uma jaqueta — ele suspirou — Eu fiz a besteira de ir direto da igreja para atender uma emergência. Acabei rasgando a manga.

Ela riu suavemente.

— Um risco a correr — ela disse.

Ele concordou.

— Seu carro está bom.

— Obrigada — ela disse. Podia imaginar como um carro velho, e desbotado, desagradava um homem que dirigia um Land Rover, mas não disse nada — O senhor Parks mandou o seu capataz supervisionar o trabalho. A companhia de seguro pagou por tudo.

— Muito gentil. Ele conhece o seu irmão?

— Eles são amigos — ela franziu a testa — O senhor Parks não parece um rancheiro — ela raciocinou.

— O que disse?

— Tem algo nele que eu não sei o que é, algo perigoso — ela disse procurando a palavra certa — Ele é muito gentil, mas eu não iria querer que ele se zangasse comigo.

Ele deu um risinho.

— Alguns traficantes que estão na prisão poderiam confirmar a sua hipótese — ele disse.

— O quê?

— Você não sabe?

— Sabe o quê?

— O senhor Parks é um mercenário aposentado — ele disse — Ele lutou em algumas guerras na África, há alguns anos. Recentemente, ele, dois amigos e Harley Fowler acabaram com um centro de distribuição de drogas local. Houve um tiroteio.

— Em Jacobsville, Texas? — ela exclamou.

— Sim. Parks é um dos homens mais perigosos que eu já conheci. Ele não gosta de muitas pessoas. E existem poucas de quem ele goste,

Ela sentiu-se estranha. Imaginava como o seu irmão havia conhecido um homem assim, porque ele e Cy pareciam ser velhos amigos.

— Para onde você está indo? — o dr. Rydel perguntou repentinamente.

Ela piscou.

— Eu não sei — ela respondeu corando — Quero dizer, eu queria, bem, parar na loja de brinquedos.

Ele a encarou atônito.

— Loja de brinquedos?

Ela limpou a garganta.

— Tem esse novo video-game. “Halo”...

— ODST — ele disse com evidente surpresa — Você é uma jogadora?

Ela limpou a garganta novamente.

— Bem... sim.

Ele disse algo grosseiro.

Ela o encarou.

— Dr. Rydel! — ela exclamou — Não é um vício jogar vídeo-games. Eles diminuem a tensão e são divertidos — ela argumentou.

Ele deu um risinho.

— Eu tenho os três jogos da série “Halo” da Bungie — ele confessou, nomeando a famosa companhia que criara os mais excitantes jogos de todos os tempos — E o que acabou de sair.

Ela arregalou a boca.

— Você tem?

— Sim. Eu tenho “Halo:ODST” — ele disse torcendo os lábios — Você joga pelo computador?

Ela não queria confessar que não podia pagar por isso.

— Eu gosto de jogar sozinha — ela disse — Ou com Kell. Ele é louco pela série Halo.

— Eu também — o dr. Rydel disse. Os olhos azuis piscaram — Talvez nós possamos jogar algum dia, quando estivermos livres.

Ela o olhou de maneira travessa.

— Eu posso derrubar caçadores com uma automática — Caçadores eram os mais formidáveis vilões do jogo “Halo” porque eles eram enormes e precisavam levar tiros nos lugares certos para morrerem.

Ele piscou.

— Nada mau, senhorita Drake!

— Você joga há muito tempo? — ela perguntou.

— Desde a faculdade — ele respondeu sorrindo — E você?

— Desde o colegial. Kell estava no exército e alguns homens que trabalhavam com ele vinham jogar vídeo-game quando estavam de folga. Nós tínhamos uma vida boa — ela torceu os lábios e os olhos brilharam — Eu não aprendi somente a usar armas e táticas, como também aprendi muitas palavras úteis e interessantes para serem usadas quando eu perdesse o jogo.

— Garota malvada — ele chiou.

Ela riu.

— Eu provavelmente verei você na loja — ele acrescentou.

Ela corou.

— Provavelmente sim.

Ele sorriu e voltou a olhar as roupas.

Quinze minutos depois, ela estacionou na frente da loja de brinquedos e saiu. Estava cheia de adolescentes, mas haviam dois homens parados na sessão de jogos de combates. Um deles eram o dr. Rydel. O outro, surpreendentemente, era o oficial Kilraven.

O dr. Rydel olhou para cima e sorriu quando a viu se aproximar. O olhar de Kilraven seguiu o do companheiro. As sobrelanceiras dele se arquearam.

— Ela está fazendo compras de natal — o dr. Rydel anunciou.

— Comprando jogos para um parente? — Kilraven perguntou alto.

O dr. Rydel deu um risinho.

— Ela é uma jogadora — ele confidenciou — Ela consegue derrubar caçadores com uma automática.

Kilraven assoviou por entre os dentes.

— Impressionante — ele disse — Eu geralmente faço isso com um rifle personalizado.

— Eu posso fazer isso também — ela disse — Mas a automática também funciona, graças à visão infravermelha.

— Você jogou toda a série Halo? — Kilraven perguntou.

Ela concordou.

— Agora eu estou procurando pela ODST — ela disse — Kell, meu irmão, também gosta. Ele me ensinou a jogar.

Kilraven franziu a testa.

— Kell Drake?

— Sim...

— Eu o conheço — Kilraven disse baixo — Bom homem.

— Você esteve no exército? — ela perguntou inocentemente.

Kilraven deu um risinho.

— Há muito tempo.

— Kell abandonou há um ano — ela disse — Ele foi enviado à África por uma revista e foi atingido. Ele está paralisado da cintura para baixo — pelo menos até que eles possam operá-lo.

Kilraven piscou.

— Ele foi atingido... ele estava trabalhando para uma revista? — ele perguntou incrédulo — Fazendo o quê?

— Escrevendo reportagens.

— Escrevendo reportagens? Kell sabe escrever?

— Ele é muito bom com a língua inglesa — ela começou na defensiva.

— Eu nunca fui — Kilraven disse em um tom estranho — Por que ele saiu do exército? — ele quis saber.

Ela piscou.

— Bem, eu não tenho certeza... — ela começou.

— Vejam este — o dr. Rydel interrompeu, segurando um jogo — Vocês já jogaram esse?

Kilraven deu um sorriso. Ele pegou a caixinha verde e leu a descrição. Em seguida deu um risinho.

— Claro que sim! “Elder Scrolls, Anistia” — ele murmurou — É ótimo! Você não precisa pesquisar se não quiser. Existem dúzias de outros pesquisadores. Você pode até mudar a aparência do seu personagem, nomeá-lo, escolher diversas corridas... já jogou? — ele perguntou a Cappie.

Ela deu um risinho.

— Na verdade é o meu preferido. Eu amo “Halo”, mas gosto de usar um controle duplo também.

— Viciada — Kilraven murmurou sorrindo para ela.

O dr. Rydel se aproximou de Cappie e limpou a garganta.

— Você está comprando ou trabalhando hoje? — ele perguntou a Kilraven.

O homem olhou de Cappie para o dr. Rydel e seus olhos brilharam.

— Se vocês perceberam, eu estou usando um uniforme — ele afirmou — Estou até carregando uma arma. Eu estaria assim se estivesse no meu dia de folga?

O dr. Rydel sorriu para ele.

— Você estaria comprando vídeo-games em um dia de trabalho?

Kilraven o encarou.

— Para sua informação, estou investigando um crime.

— Está?

— Com certeza. Eu soube de mão segura que pode haver uma tentativa de roubo aqui — ele ergueu a voz ao dizer isso e um jovem garoto tirou um jogo de dentro da jaqueta e o colocou novamente na prateleira. Com as bochechas pegando fogo ele lançou um sorriso de desculpas a Kilraven e caminhou rapidamente até a porta.

— Se vocês me desculparem — Kilraven murmurou — Eu darei alguns conselhos àquele jovem.

— Como ele sabia? — Cappie perguntou atônita, enquanto observava o oficial caminhar até a porta e chamar o jovem delinqüente.

— Só Deus sabe, mas eu ouvi falar que ele faz coisas do tipo — ele sorriu — Ele está no horário de almoço, caso você queira saber. Eu só estava brincando. Gosto de Kilraven.

Ela o encarou de uma maneira estranha.

— Tubarões gostam de tubarões, não é? — ela perguntou de maneira travessa.

CAPÍTULO 4

NO COMEÇO, Bentley acreditou não ter escutado direito. Então viu o sorriso zombeteiro e deu uma gargalhada. Ela o comparara a um tubarão. Estava impressionado.

— Eu estava me perguntando se você sabia como falar comigo sem se esconder atrás de uma porta — ele murmurou.

— Você é difícil — ela confessou — Mas Kell também é para muitas pessoas. Ele simplesmente passa reto por pessoas que não o conhecem.

— Exatamente — ele afirmou. Em seguida deu de ombros — Eu não sei como lidar com as pessoas — ele confessou — Minhas habilidades sociais não são muito boas.

— Você é maravilhoso com animais — ela respondeu.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Obrigado.

— Você sempre gostou deles? — ela perguntou.

Os olhos dele ficaram sombrios. Então ele os desviou.

— Sim. Mas meu pai, não. Eu só comecei a demonstrar minha afeição por eles depois que ele morreu. Eramos só minha mãe e eu até o colegial. Foi quando ela conheceu o meu padrasto — o rosto dele endureceu.

— Deve ter sido difícil para você — ela disse baixo — Acostumar-se com outro homem na casa.

Ele franziu a testa ao encará-la.

— Sim.

— Oh, eu sou muito perceptiva — ela disse com diversão nos olhos — Eu também sofro de extrema modéstia em relação aos meus outros atributos — ela deu um risinho.

Ele riu novamente.

Kilraven voltou, parecendo zangado.

— Você parece um homem com uma missão — Bentley murmurou.

— Acabei de finalizar uma. Aquele jovem nunca mais vai querer roubar algo.

— Que bom. Você não o prendeu?

Kilraven arqueou uma sobrancelha.

— Na verdade ele conhece alguns códigos do jogo “Call of Duty” que nem mesmo eu conhecia. Então eu liguei para o nosso chefe de polícia.

— Códigos são contra a lei? — Cappie perguntou confusa.

Kilraven deu um risinho.

— Não. Cash tem um jovem cunhado, Rory, que é louco por “Call of Duty”, então o nosso ladrãozinho em potencial vai à casa de Cash mais tarde para ensiná-lo. Cash pode dizer mais algumas palavras a ele.

— Boa estratégia — Bentley disse.

Kilraven deu de ombros.

— O garoto adoro jogos mas mora com uma mãe viúva que tem dois empregos apenas para colocar comida na mesa. Ele queria “Call of duty”, mas não tinha dinheiro. Se ele e Rory se derem bem, como eu acho que darão, ele poderá jogar e aprender hábitos de cidadãos modelos.

— Boa psicologia — Bentley disse a ele.

Kilraven suspirou.

— É difícil para as crianças ter que viver assim. Jogos são um modo de vida para a nova geração, mas eles são muito caros.

— É por isso que nós temos uma mesa de jogos usados que são mais acessíveis — o dono da loja, ouvindo o que eles falavam, comentou com um sorriso — Obrigado, Kilraven.

O oficial deu de ombros.

— Eu passo tanto tempo aqui que me sinto obrigado a proteger as mercadorias — ele comentou.

O dono da loja deu um tapinha nas costas dele.

— Bom homem. Eu poderia lhe dar um desconto na próxima vez.

Kilraven o encarou.

— Tentando subornar um oficial de polícia...

O dono ergueu as duas mãos.

— Nunca! — ele exclamou — Eu disse “poderia”!

Kilraven deu um risinho.

— Obrigado. Era uma boa idéia. Você não tem nenhum jogo baseado na história escocesa? — ele acrescentou.

O dono da loja, um jovem alto e bonito, lançou-lhe um olhar de pena.

— Você é o único cliente que gosta da história escocesa do século XVI. E eu repetirei que a maioria dos historiadores acha que James Hepburn recebeu o que merecia.

— Não é verdade — Kilraven murmurou — O lorde Bothwell foi influenciado por aquela rainha da França. Seus atrativos o confundiram.

— Atrativos? — Cattie perguntou de olhos arregalados — Quais atrativos?

— Se você precisa perguntar, é porque não tem nenhum — Bentley disse zombeteiro.

Ela riu.

— Ok. Já entendi.

Kilraven balançou a cabeça.

— Bothwell tem qualidades admiráveis — ele insistiu, encarando o dono da loja — Ele era destemido, sabia ler, escrever e falar francês, e até mesmo seus inimigos diziam que ele era incapaz de ser subornado.

— Pode ser, mas isso ainda não fornece dados para um vídeo-game — o rapaz disse.

Kilraven apontou um dedo para ele.

— Só por que você é um partidário de Mary, Rainha da Escócia. E eu devo dizer que também não existe nenhum jogo sobre ela!

— Caramba — o dono disse secamente — Oh, vejam, um cliente! — ele aproveitou a oportunidade para se afastar.

Os dois companheiros de Kilraven o encaravam de uma maneira estranha.

— Entretenimento deveria ser educacional — ele defendeu-se.

— E é — Bentley apontou — Nesse jogo — ele ergueu um sobre jornada nas estrelas — Você aprende a derrubar navios inimigos. E neste aqui — ele levantou um sobre alienígenas — Você aprende a usar um raio mortal e explosivos.

— Você não apreciava a verdadeira história — Kilraven suspirou — Eu devia lecionar na escola primária.

— Eu posso vê-lo na frente de um monte de pais, explicando por que as crianças estavam tendo pesadelos sobre técnicas de tortura do século XVI — Bentley murmurou.

Kilraven torceu os lábios.

— Eu já fui acusado de usá-las — ele disse — Você acredita? Quero dizer, eu sou um cidadão cumpridor da lei e tudo mais.

— Eu consigo pensar em pelo menos um seqüestrador que discordaria — Bentley comentou.

— Mentiras. Mentiras viciosas — ele disse defensivamente — Ele se machucou daquele jeito tentando saltar pela janela de um carro.

— Enquanto ele andava a sessenta quilômetros por hora? — o outro homem perguntou.

— Ei, não é minha culpa se ele não quis esperar pela denúncia.

— Foi bom você ter percebido e fechado a janela a tempo.

— Sim — Kilraven suspirou — Infelizmente eu não vi que ele tinha um cassete. Mas ele me entregou muito delicadamente.

Bentley encarou Cappie.

— Foi apenas uma torção no pulso ou uma fratura? — ele perguntou.

Kilraven o encarou friamente.

— Foi uma ficção.

— Uma o quê?

— Imaginação dele — Kilraven assegurou. Em seguida deu um risinho — De qualquer modo, ele ficará na cadeia por um longo tempo. Ele resistiu à prisão, agrediu um oficial e tinha dois crimes na ficha além dos seqüestros.

— Eu espero que você nunca fique bravo comigo — Bentley disse.

— Eu me preocuparia mais com o chefe — Kilraven respondeu — Ele fez um cara comer uma esponja de sabão na frente de toda a vizinhança.

— Eu soube que ele foi provocado — Bentley disse.

— Um criminoso o insultou verbalmente em seu próprio jardim enquanto ele lavava o carro. Claro que Cash amoleceu desde o casamento.

— Não muito — Bentley disse — E ele ainda é muito bom como atirador. Ele salvou a vida da garotinha de Colby Lane quando ela foi seqüestrada.

— Ele pratica no campo de treinamento de Eb Scott — Kilraven disse — Todos nós praticamos. Ele nos deixa usar de graça. Computadores, armas e tudo mais.

— Eb Scott? — Cappie perguntou.

— Eb era um mercenário — Kilraven disse à ela — Ele, Cy Parks e Micah Steele lutaram em uma das mais sangrentas guerras da África há alguns anos. Eles estão todos casados e de algum modo mais calmos. Mas assim como Cash Grier, eles não são realmente domesticados.

Cappie apenas concordou. Estava lembrando o que o irmão havia dito sobre Cy Parks.

Kilraven pigarreou.

— Opa, a hora do almoço acabou. Preciso ir. Até logo.

— Você não almoçou — Bentley observou.

— Eu comi muito no café da manhã — Kilraven respondeu — Não posso perder o meu horário de almoço — ele acrescentou com um sorriso — Até logo.

— Imagine só, um jogador — Cappie comentou — Eu nunca imaginaria.

— Um monte de militares mantém as suas técnicas jogando — ele disse.

— Você esteve no exército? — Cappie quis saber.

Ele sorriu e concordou.

— Eu posso lhe garantir que foi o que me salvou de uma vida de crimes. Eu fui detido por andar com uma gangue de meninos que haviam destruído uma farmácia. Eu só estava no carro com eles, mas fui acusado de protegê-los — ele suspirou — Minha mãe foi até o juiz e prometeu que lhe daria o seu próximo filho se ele me mandasse para o exército ao invés de me prender. Ele concordou — ele a encarou com um sorriso — Ele já tem setenta anos, mas eu ainda mando um presente de natal todo ano. Devo muito a ele.

— Ele foi muito bom.

— Eu também acho.

— Kell arrumou alguns problemas no seu último ano do colegial. Eu não lembro muito bem, era muito jovem, mas ele me contou sobre isso. Ele estava andando com uma das gangues da cidade e houve um tiroteio. Ele não foi atingido, mas um dos meninos morreu. Kell foi preso junto com eles. Ele pegou uma juíza que havia crescido no território das gangues e havia perdido um irmão para a violência. Ela lhe deu a oportunidade de escolher entre ser preso ou alistar-se e fazer algo de sua vida. Ele aceitou a sugestão, e a deixou orgulhosa — ela suspirou — Foi trágico. Ela levou um tiro e morreu no próprio quarto durante um negócio com drogas na casa ao lado.

— A vida é perigosa — Bentley afirmou.

Ela concordou.

— Imprevisível e perigosa — ela o encarou — Acho que é por isso que eu gosto de jogar vídeo-games. É algo que eu possa controlar. A vida não é assim.

Ele sorriu.

— Não. Não é — ele observou enquanto ela pegava uma cópia do jogo que estava na prateleira — Você vai fazê-lo esperar até o natal para poder jogar?

— Sim.

Os olhos dele brilharam.

— Eu posso levar o meu. Deixar você sentir o gostinho antes de provar de verdade.

Ela pareceu fascinada.

— Você poderia?

— Pergunte a Kell — ele hesitou — Eu poderia levar uma pizza. E alguma cerveja.

Ela torceu os lábios.

— Eu já estou babando — ela fez uma careta — Eu poderia cozinhar...

— Não é justo. Você não deve servir os convidados. Além disso, não como uma pizza decente há semanas. Eu estarei de plantão hoje a noite, mas nós poderemos ter sorte.

Os olhos dela brilharam.

— Isso seria bom. Eu tenho certeza de que Kell adoraria. Nós não temos muita companhia.

— Seis horas?

O coração dela saltou.

— Sim. Seis horas está ótimo.

— É um encontro.

— Tudo bem.

Ele concordou.

Ela caminhou, um pouco trêmula, até o caixa e pagou pelo jogo. Sua vida havia mudado em uma fração de segundo. Não sabia aonde iria chegar, e estava um pouco receosa em se envolver com o chefe. Mas ele era muito bonito e tinha qualidades que ela admirava. Além disso, pensou, era apenas uma noite de diversão. Não havia nada suspeito nisso.

Ela contou a Kell logo que chegou em casa.

Ele riu.

— Não pareça tão culpada — ele chiou — Eu gosto do seu chefe. Além disso, é bom ver o jogo que eu ganharei no natal — ele sorriu angelicalmente.

— Você pode ganhar — ela disse — E pode não ganhar.

— Você pode ganhar um novo casaco de chuva — ele murmurou.

Ela sorriu.

— Puxa.

Ele a encarou carinhosamente.

— Eu sei que é difícil viver assim. Nós estávamos bem em San Antonio. Mas eu não queria estar por perto quando Frank saísse da cadeia — o rosto dele endureceu.

O coração dela saltou. Não havia pensado em Frank ultimamente. Mas agora a ameaça e a fúria dele voltavam com força total.

— Ele foi preso há quase seis meses, e o julgamento foi há três. Ele ganhou crédito por bom comportamento. Nós estamos aqui há três meses — ela mordeu o lábio inferior — Oh, querido. Eles o soltarão em breve.

Os olhos dele estavam frios.

— Deveria ter sido uma sentença mais longa. Mas apesar do passado dele, foi a primeira vez que ele foi acusado de verdade, e eles não poderiam prendê-lo por muito tempo em uma primeira acusação. O advogado do caso dele era muito bom.

Ela respirou fundo.

— Estou feliz por nós estarmos fora da cidade.

— Eu também. Ele morava há um quarteirão de nós. Não vai ser tão fácil nos encontrar aqui.

Ela o encarou sombriamente.

— Você acredita nas ameaças dele — ela murmurou — Não é?

— Ele é o tipo de homem que cumpre o que diz — ele falou — Eu não sou o homem que eu era, ou nós nunca teríamos deixado a cidade por causa de uma ameaça. Mas aqui, eu tenho amigos. Se ele vier até aqui procurando confusão, encontrará.

Ela sentiu-se um pouco melhor.

— Eu não queria que ele fosse preso novamente.

— Não importaria — ele disse — Você tê-lo esquecido já é suficiente. Ele estava acostumado com mulheres que tinham medo dele. Sua própria irmã sentou nos fundos do tribunal durante o julgamento. Ela tinha medo de ficar perto dele, porque não havia mentido por ele quando a polícia perguntara.

— O que torna um homem assim? — ela perguntou infeliz — Por que ele precisa bater em uma mulher para sentir-se forte?

— Eu não sei, mana — Kell disse gentilmente — Honestamente eu não acredito que ele tenha sentimentos por algo ou alguém. A irmã dele disse que ele jogou um cachorro da ponte quando eles eram crianças. Ele deu risada.

O rosto dela ficou triste.

— Eu acreditei que era um cavalheiro. Ele era tão doce comigo, trazendo flores e chocolates no trabalho, escrevendo cartas de amor. Então ele veio até a nossa casa e a primeira coisa que ele fez foi chutar o gato quando eu briguei com ele.

— Aquele gato era um bom jogador de caráter — Kell afirmou.

— Quando eu protestei, ele disse que os animais não sentiam dor e eu não devia me

preocupar tanto com um gato. Eu devia ter percebido o tipo de pessoa que ele era.

— As pessoas apaixonadas não são realistas nem responsáveis — Kell disse roucamente — Você estava tão louca por ele que eu achei que você o perdoaria por assassinato.

Ela concordou infeliz.

— Eu aprendi da maneira mais dura que aparência e comportamento não medem um homem. Eu devia ter corrido desde a primeira vez em que ele me ligou apenas para conversar.

— Você não sabia. Como poderia? Ele era um estranho.

— Você sabia — ela disse.

Ele concordou.

— Eu havia conhecido homens como ele no exército — ele disse — Eles são bons combatentes porque não se incomodam com o massacre. Mas isso acaba com eles na vida civil.

Ela inclinou a cabeça.

— Kilraven disse que Eb Scott deixa os oficiais usarem o seu campo de treinamento de graça. Você não o conhece?

— Sim.

— E Micah Steele?

— Sim.

Ela hesitou.

— Eles são todos mercenários aposentados, Kell.

— São mesmo.

— Eles estavam no exército? — ela insistiu.

— O exército usa serviço contratado — ele disse evasivamente — Pessoas com habilidades necessárias para certos trabalhos.

— Como combates.

— Exatamente — ele respondeu — Nós usávamos algumas firmas para complementar as nossas tropas no Meio-Oeste. Elas são usadas na África para algumas operações.

— Tantos segredos — ela reclamou.

— Bem, você não pode espalhar algo que pode lhe prejudicar ou causar uma revolta diplomática — ele apontou — Mercenários sempre participaram de missões. Mesmo o que eles chamam de transparência no governo nunca vai acabar com isso. Enquanto nós tivermos estados renegados que nos ameacem, nós teremos mercenários — ele olhou o relógio — Você não deveria ligar o aparelho de vídeo-games? — ele perguntou — São cinco e meia.

— Já? — ela exclamou — Bom Deus, eu preciso arrumar a sala. E a cozinha. Ele vai trazer pizza e cerveja.

— Você não bebe — ele disse.

— Bem, não, mas você gosta de uma cerveja de vez em quando. Eu acho que alguém disse a ele — ela corou.

— Eu gosto de um copo de cerveja — ele sorriu — É bom ter amigos que tragam comida.

— Como o seu amigo Cy e a comida chinesa. Eu ficarei mimada.

— Talvez seja essa a idéia. Seu chefe gosta de você.

Ela já havia pensado nisso.

— Não mencione chifres, forcas ou fuzis enquanto ele estiver aqui — ela disse firme.

Ele fez continência para ela.

Ela fez uma careta e foi arrumar as coisas.

— Isso não é justo! — Cappie explodiu ao “morrer” pela décima vez tentando destruir um

dos caçadores do jogo.

— Não jogue o controle — Kel disse firme.

Ela o segurou com uma mão, apertando com força. Em seguida fez uma careta e o colocou na mesinha lentamente.

— Ok — ela disse — Mas eles são quase à prova de balas.

— Ela deveria saber — Kell disse a um divertido Bentley Rydel — Ela sempre morre ultimamente.

— Eles sempre me matam! — ela explodiu — Não é minha culpa! Esses caçadores não são como os do nível 3... eles são quase invencíveis, e são tantos...!

— Eu me preocuparia mais com os alienígenas que jogam as granadas — Bentley apontou — Enquanto você está tentando pegos os caçadores, os carinhas estão jogando você para todos os lados.

— Eu quero um lançador de fogo — ela afirmou — Ou um lançador de foguetes! Por que eu não consigo encontrar um lançador de foguetes?

— Nós não queremos que acabe rápido, não é? — Bentley chiou. Ele sorriu ao ver a fúria dela — Paciência. Você precisa ir devagar e pegar um de cada vez, assim eles não acabarão com você.

Ela olhou para o chefe de uma maneira zombeteira, virou-se para a tela e tentou novamente.

Era tarde quando ele foi embora. Os três haviam revezado um controle. Bentley e Kell queriam jogar com os dois, mas isso tiraria Cappie da competição, porque ela era a única que se sentia bem jogando sozinha.

Ela caminhou até a varanda com Bentley.

— Obrigada por trazer a pizza e a cerveja — ela disse — Da próxima vez eu oferecerei o jantar, se você quiser. Eu sei cozinhar.

Ele sorriu.

— Pode contar com isso. Eu sei cozinhar também, mas poucas coisas, e já estou enjoado delas.

— Obrigada por trazer o jogo também — ela acrescentou — É muito bom. Kell vai adorar.

— O que nós fazíamos para nos divertir antes dos vídeo games? — ele perguntou quando eles chegaram em seu carro.

— Eu assistia programas de perguntas e respostas — ela disse — Kell gostava de programas policiais e filmes antigos.

— Eu gosto de programas de investigação, mas nunca consigo assistir um inteiro — ele suspirou — Sempre aparece uma emergência. Sempre aparece um animal doente. E como eu sou o único veterinário que fica de plantão, sou sempre eu.

— Sim, mas você nunca reclama, nem quando está muito cansado — ela disse gentilmente.

Ele sorriu.

— Eu gosto dos meus clientes.

— Eles gostam de você também — ela balançou a cabeça — Incrível, não é?

— O quê?

Ela corou.

— Oh, não, não por causa do... quero dizer... — ela fez uma careta — Quero dizer que é incrível você nunca se cansar de atender emergências mesmo quando o tempo está ruim.

Ele deu um risinho.

— Você precisa mesmo de umas aulas sobre auto-confiança — ele disse, e não de uma maneira gentil.

— É difícil ser auto-confiante quando se é tímido — ela argumentou.

— É impossível não ser quando se tem um emprego como o meu e as pessoas não querem fazer o que você recomenda — ele devolveu — Alguns animais morreriam se eu não conseguisse convencer os seus donos.

— Com certeza.

— Se serve de consolo — ele disse — Quando eu tinha a sua idade, tive o mesmo problema.

— E como você superou?

— Meu padrasto decidiu que minha mãe não consultaria um médico para tratar uma infecção urinária. Eu já estava no curso de veterinária, e sabia o que acontecia quando os animais não eram tratados. Eu disse a ele. Ele me disse que era o homem da casa e ele decidia o que fazer — ele sorriu recordando — Então eu fiz uma escolha — afastar-me, ou deixar minha mãe com a saúde cada vez mais precária, ou até mesmo morrer. Eu disse a ele que ela consultaria um médico, a coloquei no carro e a levei até um profissional.

— O que o seu padrasto fez? — ela perguntou atônita.

— Ele não podia fazer muita coisa, já que eu havia pagado o médico — o rosto dele endureceu — E não foi o primeiro desentendimento que nós tivemos. Ele era pobre e orgulhoso. Ele preferia deixá-la sofrer do que admitir que não podia pagar uma consulta médica ou um medicamento — ele a encarou — É um inferno ter que escolher entre comida ou médicos e remédios. Ou entre uma casa aquecida ou remédios.

— Pois é — ela respondeu. Corou um pouco, e esperou que ele não notasse — Kell e eu nos saímos bem — ela disse rápido — Mas ele fica sem remédios se eu não bater o pé. Você deve achar que eu sou dura por agir assim com ele.

— Ele não é uma má pessoa.

— Mas poderia ser — ela disse. Em seguida hesitou — Eu namorei um homem, brevemente, em San Antonio — ela hesitou novamente. Talvez fosse muito cedo para isso.

Ele aproximou-se.

— Um homem.

A voz dele tornou-se suave. Baixa. Reconfortante. Ela cruzou os braços sobre o peito. Estava vestindo um suéter, mas estava frio. As lembranças eram igualmente frias. Ela estava recordando, o rosto demonstrando todo o tormento. Ele batera nela. Na primeira vez, ele dissera que havia sido por causa da bebida, e chorou, então ela o perdoou. Mas na segunda vez, ele provavelmente a mataria se Kell não tivesse ouvido seus gritos e vindo salvá-la. Ainda assim, ela fraturara o braço quando ele a jogara no sofá. Kell havia atingido Frank com uma lâmpada, mesmo estando na cadeira de rodas, e fizera ela chamar a polícia. Ele a fizera testemunhar também. Ela apertou ainda mais os braços sobre o peito, tremendo com a lembrança.

— O que aconteceu?

Ela o encarou, desejando contar, mas com medo. Frank pegou uma sentença de seis meses, mas já havia prestado três e estava livre. Ele viria atrás dela? Ele seria louco para fazer uma coisa dessas? Bentley acreditaria se ela contasse? Eles mal se conheciam. Era muito cedo, pensou. Muito cedo para desenterrar o passado e contar tudo a ele. De qualquer modo não havia motivo para contar. Frank não arriscaria ser preso novamente vindo atrás dela. Bentley poderia pensar mal dela se ela contasse, pensar que havia sido sua culpa. Além disso, ela ainda

não queria contar a ele.

— Ele era uma pessoa ruim, só isso — ela gaguejou — Ele chutou meu gato. Eu achei terrível. Ele somente deu risada.

Os olhos dele se estreitaram.

— Um homem que chuta um gato também chuta um ser humano.

— Provavelmente seja verdade — ela admitiu e sorriu em seguida — Bem, eu o namorei por pouco tempo. Eu não gostava de ficar muito perto dele. Kell também não gostava.

— Eu gosto do seu irmão.

Ela sorriu.

— Eu também gosto dele. Ele estava entrando em depressão enquanto nós estávamos em San Antonio. Nós estávamos atolados em dívidas, contas de hospital. Tivemos muita sorte quando nosso primo morreu e nos deixou esse lugar — ela acrescentou.

Bentley arqueou as sobrancelhas.

— Esse lugar pertencia a Harry Farley. Ele morreu no exército há mais ou menos seis meses. Ele não tinha nenhum parente. O distrito o enterrou em respeito ao serviço militar que ele prestou.

— Mas Kell disse... — ela começou.

A expressão dela fez Bentley hesitar.

— Oh. Espere um minute — Bentley disse rápido — Está certo, eu ouvi mesmo falar que ele tinha um primo distante ou talvez dois.

Ela sorriu.

— Somos nós.

— Meu erro. Não estava lembrando — ele a olhou em silêncio — Bem, eu acho melhor ir. É o primeiro sábado em que eu não sou chamado — ele acrescentou com um sorriso — Pura sorte.

— Lei dos lucros — ela brincou — Algum dia você teria que se dar bem.

— Concordo. Vejo você na segunda.

— Obrigada novamente pela pizza.

Ele abriu a porta do Land Rover.

— Eu aceitarei o convite para o jantar — ele disse — Quando nós marcarmos um encontro, você pode me dizer o que preparará e eu trago os ingredientes — ele ergueu uma mão quando ela começou a protestar — Não é bom brigar comigo. Você não vencerá. Pergunte à Keely. Melhor ainda, pergunte à doutora King — ele deu um risinho.

Ela riu também.

— Ok, então.

— Boa noite.

— Boa noite.

Ele fechou a porta. Cappie voltou à varanda e o observou acenar a partir. Ficou parada lá por vários segundos até perceber que o vento frio estava machucando seu rosto. Entrou em casa, sentindo-se feliz como nunca antes se sentira.

CAPÍTULO 5

CAPPIE SENTIU-SE embaraçada ao encontrar Bentley na manhã seguinte. Não sabia se devia mencionar que ele havia ido até sua casa no final de semana. Suas colegas de trabalho eram muito legais, mas ficava nervosa ao pensar nas brincadeiras que poderiam surgir. Aquilo nunca daria certo. Não queria que ele se sentisse desconfortável no próprio escritório.

Tendo vivido muito tempo em San Antonio, não conhecia a vida em cidades pequenas. Não lhe havia ocorrido que nada conseguia ser mantido em segredo.

— Como estava a pizza? — a doutora King perguntou.

Cappie a encarou horrorizada.

A doutora King sorriu.

— Minha prima trabalha na pizzeria. O dr. Rydel mencionou aonde estava indo. E ela é a melhor amiga de Art, a dona da loja de jogos, então ela soube que ele comprou o jogo para jogar com você e o seu irmão.

— Oh, Deus — Cappie disse preocupada.

A doutora King deu um tapinha nas costas dela.

— Calma, calma — ela disse em um tom reconfortante — Você se acostumará. Nós somos como uma grande família no distrito Jacobs, porque a maioria das pessoas viveu sempre aqui, e nossas famílias moram aqui há gerações. Nós sabemos tudo o que está acontecendo. Nós apenas lemos os jornais para saber quem foi encontrado fazendo.

— Oh, Deus — Cappie disse novamente.

— Olá — Keely disse retirando o casaco enquanto se juntava à elas — Como foi o sábado? — ela acrescentou.

Cappie estava com vontade de chorar.

A doutora King encarou Keely de uma maneira expressiva.

— Ela ainda não está acostumada com cidades pequenas — ela explicou.

— Não se preocupe — Keely disse — O doutor Rydel certamente está — ela riu ao ver a expressão atormentada de Cappie — Se ele estivesse preocupado com fofocas, nunca teria entrado na sua casa.

— Ela acha que nós vamos zombar dela — a doutora King disse.

— Sem chances — Keely acrescentou — Todos nós namoramos — ela corou — Especialmente eu, e muito recentemente — ela referia-se ao marido, Boone, claro.

— E ninguém zombou dela — a doutora King acrescentou — Bem — ela acrescentou — não quando Boone estivesse por perto — ela acrescentou e deu um risinho.

— Obrigada — ela disse.

A doutora King apenas sorriu.

— Bentley odeia a maioria das mulheres. Uma de nossas jovens clientes fez uma brincadeira com ele um dia. Ela usava roupas sugestivas, muita maquiagem, e quando ele se inclinou para examinar o cachorro ela o beijou.

Os olhos de Cappie se arregalaram.

— O que ele fez?

— Ele saiu da sala, me chamou e disse à jovem que estava indisposto e a doutora King cuidaria do caso.

— O que a jovem fez? — Cappie perguntou.

— Ficou vermelha como um pimentão, pegou o cachorro e foi embora. Acontece — a doutora King disse com um sorriso — Que o cão tinha uma saúde perfeita. Ela apenas o tomou como desculpa para atrair o doutor Rydel.

— Ela voltou?

— Oh, sim, ela era uma mulher muito insistente. Na terceira vez em que esteve aqui, ela insistiu para ver o dr. Rydel. Ele chamou Cash Grier, nosso chefe de polícia, e ele explicou todas as circunstâncias que podiam ser consideradas assédio sexual. Ele não sorriu enquanto falava. E quando ele terminou de falar, a jovem pegou o animal, foi para casa e estranhamente se mudou para Dallas.

— Puxa! — Cappie exclamou.

— O dr. Rydel é muito capaz de deter interesses indesejados — ela aproximou-se — Eu posso acreditar que você gosta de jogar vídeo games?

Cappie riu.

— Sim, eu gosto.

— Meu marido tem um placar de 16.000 pontos no Xbox LIVE — ela disse e arqueou as sobrancelhas.

Keely a encarou sem entender.

— O meu placar é 4.000 — Cappie disse animada — E o do meu irmão é 15.000 — ela deu um risinho — Quando melhor o placar, melhor o jogador. E também deve-se levar em conta a frequência.

— Eu acho que o meu placar seria no máximo 200 — a doutora King suspirou — Entenda, eu sou muito solicitada quando o doutor Rydel está atendendo emergências. Então eu começo muitos jogos que o meu marido precisa terminar.

— Kell tinha colegas no exército que ultrapassavam esses placares. Aqueles homens eram ótimos! — Cappie disse — Eles saíam conosco quando estavam de folga. Kell sempre tinha ótimos equipamentos de vídeo-games. Alguns deles também tinham, mas nós sempre estávamos com a geladeira cheia. Garoto, aqueles rapazes sabiam comer!

— Vocês moraram em muitos lugares, não? — Keely perguntou.

— Sim. Eu já vi muitos lugares exóticos.

— Qual é o seu favorito?

— Japão — Cappie respondeu sorrindo — Nós fomos para lá quando Kell estava servindo na Coreia. Não que a Coreia não seja um lindo país. Mas eu amo o Japão. Vocês deviam ver os equipamentos tecnológicos que eles tem. E a tecnologia de telefones celulares — ela balançou a cabeça — Eles estão realmente a nossa frente.

— Você andou no trem bala? — Keely perguntou.

— Sim. É mais rápido do que eles dizem. Eu adorei a estação de trem. Eu adorei tudo! Kyoto parece um retrato vivo. Com tantos jardins, árvores e templos.

— Eu adoraria visitar qualquer cidade no Japão, mas especialmente Kyoto — Keely disse — A mulher de Judd Dunn, Christabel, viajou até lá com ele para comprar gado. Ela disse que Kyoto era inacreditável. Com muitas histórias, e muito bonita.

— Realmente — Cappie respondeu — Nós visitamos um templo. O jardim Zen é tão adorável. São apenas pedras e areia. A areia é padronizada assim como a água. As pedras são situadas como um lago. E ao redor as árvores japonesas enfeitam ainda mais a paisagem. Também havia uma floresta de bambus, todos verdes, e um enorme lago de peixes ornamentais — ela balançou a cabeça — Eu adorava morar lá. Kell também dizia que era o seu favorito, dentre todos os lugares onde nós já vivemos.

— Nós vamos trabalhar hoje ou viajar ao redor do mundo? — uma voz curta e profunda veio de trás delas.

Todas pularam.

— Desculpe, dr. Rydel — Keely disse rápido.

— Eu também — Cappie imendou.

— *Nihongo no daisuki desu* — o dr. Rydel disse e curvou-se educadamente.

Cappie deu uma gargalhada.

— *Nihon no tomodachi desu. Konichi wa, Rydel sam* — Ela respondeu e inclinou-se também.

Keely e a Dra. King os encararam fascinadas.

— Eu disse que gosto da língua japonesa — o dr. Rydel traduziu.

— E eu disse que era amiga do Japão. E também disse olá — Cappie também traduziu — Você fala japonês! — ela exclamou para Bentley.

— Só o suficiente para ser preso em Tokyo — Bentley disse sorrindo — Eu prestei serviço em Okinawa. E aprontei um pouco em Tokyo.

— Não é uma cidade pequena? — a Dra. King perguntou.

— Pequena, e muito povoada — Bentley disse. Ele a encarou zombeteiramente — Se você não acredita em mim, pode ver os clientes na sala de espera, observando a recepção vazia e deliberadamente olhando seus relógios.

— Opa! — A dra. King correu.

Assim como Keely e Cappie, que não pararam de rir.

Houve uma mudança no relacionamento de Cappie e do dr. Rydel. Ele não era mais mal educado com ela, e ela não tinha mais medo dele. O relacionamento dos dois tornou-se cordial, quase amigável.

Então ele veio jantar no sábado seguinte, e ela encontrou-se envergonhada enquanto os três comiam a refeição que ela preparara cuidadosamente.

— Você é uma ótima cozinheira — Bentley disse sorrindo.

— Obrigada — ela disse corando ainda mais.

Kell, observando a cena, divertia-se e sorria.

— Ela sabe cozinhar desde que era uma criança — ele disse a Bentley — Claro que nós estávamos desesperados — ele acrescentou com um suspiro.

Ela riu.

— Ele consegue queimar água — ela afirmou — A comida queimava tanto que eu me sentia praticamente em chamas. Eu emprestei um livro de receitas da mulher de um de seus companheiros e comecei a praticar. Ela sentiu pena e me deu algumas aulas.

— Aulas deliciosas — Kell recordou com um sorriso — A mulher era uma cozinheira de

mão cheia e sabia fazer crepes franceses. Eu engordei dez quilos. Então o marido dela foi transferido e as aulas acabaram.

— Ei, uma nova família se mudou — ela argumentou — Era a comandante de uma companhia, e ela sabia fazer pratos vegetarianos incríveis.

Kell a encarou.

— Eu odeio vegetais.

— Gostos diferentes para pessoas diferentes — ela devolveu — Além disso, não há nada errado com um bom ensopado de abóbora.

Kell e Bentley trocaram olhares horrorizados.

— O que acontece entre os homens e as abóboras? — ela exclamou erguendo as mãos — Eu nunca conheci um homem que comesse abóbora. É um vegetal perfeitamente respeitável. Você pode fazer vários pratos com ele.

Bentley torceu os lábios.

— Enfeites de Halloween, pesos de papel...

— Comidas! — ela devolveu.

— Ei, eu não como pesos de papel — Bentley afirmou.

Ela balançou a cabeça.

— Por que você não busca aquela sobremesa maravilhosa que você fez? — Kell pediu.

— Tudo bem — ela disse. Ela ficou em pé e começou a recolher os pratos. Bentley levantou-se e ajudou, tão naturalmente como se tivesse feito isso a vida inteira.

Ela o olhou de uma maneira estranha.

— Eu moro sozinho — ele deu de ombros — Estou acostumado a limpar a mesa — ele franziu a testa — Bem, a jogar os pratos plásticos fora. Eu como muita comida congelada.

Ela fez uma careta.

— Não há nada errado com comida congelada — Kell acrescentou — Eu já comi muito.

— Eu só comia quando estava muito tarde e não tinha outra coisa — Cappie riu — E na maior parte do tempo, eu sempre deixava coisas que você só precisava colocar no microondas.

— Tá bem — Kell deu um risinho.

— Que tipo de sobremesa você preparou? — Bentley perguntou.

Ela riu.

— Um bolo inglês.

Ele piscou.

— Eu não como um desses há anos. Minha mãe costumava fazê-los — a felicidade sumiu do rosto dele por alguns segundos.

Cappie soube que ele estava recordando a morte da mãe.

— É um bolo inglês de chocolate — ela disse, sorrindo, como se tentasse fazê-lo esquecer o passado.

— Muitas pessoas não comem chocolate por causa de alergias — ela disse.

— Eu não tenho alergias — Bentley assegurou — E eu espero que seja um bolo grande. Se você permitir que eu leve um pedaço para casa, deixarei que você chegue uma hora depois qualquer dia dessa semana.

— Dr. Rydel, isso parece suborno — ela exclamou.

Ele sorriu.

— E é.

— Nesse caso você pode levar dois pedaços — ela disse.

Ele deu um risinho.

Observando os dois na cozinha, Kell sorriu. Cappie tinha medo dos homens desde a experiência ruim que tivera com o namorado. Era bom vê-la tão confortável na companhia de outro homem. Bentley poderia ser o homem que curaria suas cicatrizes emocionais.

— Onde eu coloco isso? Bentley perguntou após recolher os pratos.

— Coloque-os na pia. Eu os lavo mais tarde.

Ele olhou ao redor em silêncio. A cozinha era precária. Havia um velho microondas, um velho fogão e uma velha geladeira, uma mesa e cadeiras que pareciam ter vindo de uma liquidação. A cafeteira sobre a bancada parecia ter visto dias melhores.

Ela notou o interesse dele e sorriu infeliz.

— Nós não trouxemos muitas coisas quando viemos de San Antonio. Nós vendemos muitas coisas para outros soldados para não ter que pagar a transportadora. Depois, Kell se feriu, e nós precisamos vender mais coisas para pagar as contas.

— Ele não tinha seguro médico?

Ela balançou a cabeça.

— Ele disse que o seguro da revista estava bagunçado, e ele saiu sem levar nada — ela retirou a tampa da travessa que cobria o bolo e pegou pratos para servi-lo. O pequeno jogo de porcelana da mãe fora umas das poucas coisas que sobraram. Adorava os enfeites de cor rosa.

— Isso é ruim — Bentley murmurou. Mas estava olhando por sobre o ombro dela com a testa franzida, a mente trabalhando com algo que ouvira falar sobre o irmão dela. Se Kell era amigo dos mercenários locais, ele devia tê-los conhecido no exército. Eles eram muito velhos para terem servido recentemente. Mas ele sabia que eles haviam estado na África há poucos anos. Assim como Kell. Aquilo era mais do que uma coincidência, tinha certeza.

O silêncio dele a deixou curiosa. Ela virou-se, os olhos suaves o encarando.

Os olhos dele, azuis, se estreitaram ao ver o belo rosto rodeado por cabelos loiros. Ela era muito bonita, coberta pelo suéter branco e pelo jeans escuro. Seus seios eram firmes e pequenos, proporcionais ao seu tamanho. Sentiu o corpo enrijecer ao notar o modo como ela o olhava.

Ele não era bonito, mas tinha um físico maravilhoso, desde as pernas fortes no jeans até o peito largo delineado sob a camiseta de malha. O bege favorecia sua pele, o fazia parecer bronzeado, a gola olímpica rodeando o pescoço forte.

— Você está me encarando — ele disse roucamente.

Ela procurou as palavras certas. Sua boca estava seca.

— Os lóbulos da sua orelha são muito bonitos.

Ele piscou.

— O que você disse?

Ela corou até a raiz dos cabelos.

— Oh, bom Deus! — a mão que segurava a faca tremeu e ela ameaçou cair. Ele moveu-se para a frente e a pegou antes que ela caísse no chão, no mesmo momento em que ela se inclinava. Eles trombaram.

O braço dele deslizou ao redor dela para evitar que ela trombasse contra a bancada e acabou a puxando com força contra si. Ela prendeu a respiração audivelmente enquanto segurava nele para não cair.

Ela sentiu o queixo dele contra suas têmporas, a respiração soando áspera. O braço dele se contraiu.

— Obr... obrigada — ela gaguejou contra o pescoço dele — Eu sou tão desastrada!

— Ninguém é perfeito.

Ela riu nervosamente.

— Eu certamente não. Obrigada por salvar a faca do bolo.

— O prazer foi meu.

A voz dele era quase um sussurro, profunda, suave e lenta. Ele abaixou a cabeça lentamente, fazendo com que os seus olhos se encontrassem. Ela sentiu o peito dele subir e descer contra os seus seios em uma intimidade que crescia a cada segundo. Ela olhou para cima, mas seus olhos pararam na boca esculpida. Era muito sensual. Ela nunca prestara muita atenção, até agora. E ela não conseguia parar de olhar.

Ela sentiu os dedos dele se curvarem ao redor de seu cabelo, como se ele adorasse tocá-los.

— Eu amo cabelos compridos — ele disse suavemente — O seu é lindo.

— Obrigada — ela sussurrou.

— Cabelo suave. Boca bonita — ele inclinou-se e deslizou o nariz contra o dela enquanto sua boca pousava sobre os lábios entreabertos — Boca muito bonita.

Ela ficou parada, esperando, implorando para que ele não se afastasse. Adorava a pressão do corpo dele contra o seu. Adorava a sua força, a sua altura, o cheiro suave de sua colônia. Ela ficou lá, os lábios colados nos dele, os olhos entreabertos, esperando, esperando...

— Onde está o bolo? — veio o choramigo da sala de estar — Eu estou com fome!

Eles se separaram tão rápido que Cappie quase caiu.

— Já está saindo! — Céus, aquela era a voz dela? Soava tão artificial!

— Eu levarei a cafeteira até a sala para você — Bentley disse. A própria voz dele parecia estranhamente profunda, e ele não a encarou enquanto saía do cômodo.

Cappie cortou o cabelo, forçando a mente a ignorar o que havia acontecido. Tinha tantas complicações em sua vida no momento que realmente não precisava de mais uma. Mas se perguntava se seria possível colocar esse gênio novamente na garrafa.

E de fato, não foi. Depois de terminado o bolo e alguns minutos de conversa, Bentley recebeu uma chamada em seu telefone de trabalho e desligou com uma careta.

— Uma das fêmeas de Cy Parks está dando a luz pela primeira vez. Eu preciso ir. Sinto muito. Eu adorei o jantar, e o bolo.

— Nós também — Cappie disse.

— Nós precisamos repetir a dose — Kell concordou sorrindo.

— Da próxima vez eu levarei vocês dois a um restaurante — Bentley disse.

— Bem... — Cappie hesitou.

— Venha comigo até a porta — Bentley disse à ela, e não sorriu.

Cappie olhou na direção de Kell esperando que ele a salvasse, mas ele apenas sorriu. Ela virou-se e seguiu Bentley até a porta.

Ele parou nos degraus, virou-se e a encarou sem piscar, a luz que passava pelas janelas iluminando seu rosto.

Ela mordeu o lábio inferior e pensou em algo que pudesse dizer. Sua mente não estava cooperando.

Ele também não conseguia dizer nada. Eles apenas se encaravam.

— Eu odeio mulheres — ele afirmou.

Ela gaguejou.

— Eu sinto muito — ela disse.

— Oh, que inferno. Venha aqui.

Ele a puxou contra si, inclinou-se e a beijou com uma paixão que não a deixava pensar em mais nada. Os braços dela deslizaram ao redor do pescoço dele enquanto sucumbia à insistente pressão da boca dele que entreabria seus lábios e invadia a suavidade de sua boca. Era muito, muito cedo mesmo, mas ela não conseguia falar nada. Ele não a deixava respirar tempo suficiente, e o prazer que dominava seu corpo afastava qualquer pensamento racional.

Segundos depois, ele a empurrou e afastou-se.

— Puxa! — ele disse roucamente.

Ela o encarou com a boca aberta.

As sobrancelhas dele se arquearam.

Ela tentou falar, mas não conseguiu dizer uma única palavra.

Ele respirou fundo.

— Eu realmente não gostaria que você me encarasse desse jeito — ele disse.

— O... o quê? — ela gaguejou.

Ele riu suavemente.

— Bem, eu posso dizer que estou lisonjeado por tê-la deixado sem fala, mas eu não quero envergonhá-la. Até segunda.

Ela concordou.

— Segunda.

— No escritório.

Ela concordou novamente.

— O escritório.

— Cappie?

Ela ainda o encarava. E concordou mais uma vez.

— Cappie.

Ele deu uma gargalhada. Inclinou-se e a beijou novamente.

— E eles ainda dizem que o caminho para conseguir um homem é pelo estômago — ele murmurou — Isso é muito mais rápido do que comida. Até logo.

Ele virou-se e caminhou até o carro. Cappie ficou parada observando até ele virar a esquina. Não notou que estava frio até Kell chamá-la e finalmente perceber que estava sem um casaco.

Depois disso, ficou muito difícil trabalhar no mesmo lugar que Bentley sem olhar para ele, sem conseguir desviar, quando o via entre os pacientes. Ele percebeu. Não conseguia parar de sorrir. Mas quando Cappie começou a bater com a cara nas portas por se distrair olhando para ele, todo mundo no escritório começou a sorrir, e isso a inibiu.

Forçou a sua mente a manter-se nos animais, e não no homem alto que os tratava.

Um pouco antes da hora de partir, um garotinho entrou correndo na clínica veterinária. Ele estava carregando um cachorro grande, enrolado em um pano, tremendo e sangrando.

— Por favor, é o meu cão, você precisa ajudá-lo! — o garoto choramingou.

Um homem preocupado aproximou-se deles.

— Ele foi atingido por um carro — o homem disse — Eles nem mesmo pararam! Continuaram andando!

O dr. Rydel apareceu na sala e deu uma olhada rápida para o cachorro.

— Tragamo aqui! — ele disse ao garoto. Em seguida esboçou um sorriso — Nós faremos

tudo que for possível. Eu prometo.

— O nome dele é Ben — o garoto choramingou — Eu o tenho desde pequeno. É o meu melhor amigo.

O dr. Bentley ajudou o garoto a colocar Ben na mesa de operações. Não pediu que o garoto saísse enquanto examinava o cachorro. Ele pediu que Keely o ajudasse a limpar a ferida e segurasse o cachorro enquanto ele verificava o estrago.

— Nós precisaremos de um raio X. Peça ajuda a Billy para carregá-lo — ele disse com um sorriso.

— Sim, senhor.

— Ele vai morrer? — o garoto perguntou.

O dr. Rydel pousou a mão no ombro dele.

— Eu não vejo nenhuma evidência de dano interno ou concussão. Parece uma fratura, mas antes de afirmar corretamente, precisarei de um raio X para ver a extensão do ferimento. Então nós faremos um exame de sangue para ter certeza de que é possível anestesiá-lo. Eu precisarei operar. Ele tem alguns ferimentos na pele e nos músculos além da fratura.

O homem que acompanhava o garoto ficou preocupado.

— Isso ficará caro? — ele perguntou preocupado.

O garoto estremeceu.

— Eu perdi o meu emprego na semana passada — ele disse pesadamente — Nós estamos com um bebê em casa.

— Não se preocupe com isso — o dr. Rydel disse em um tom firme — Nós fazemos alguns trabalhos voluntários por aqui, e minha cota ainda não acabou. Nós cuidaremos de tudo.

O homem mordeu o lábio inferior, com força, e desviou o olhar.

— Obrigado — ele disse baixo.

— Todos nós passamos por momentos ruins — o dr. Rydel disse — E passamos por eles. As coisas irão melhorar.

— Obrigado, doutor! — o garoto explodiu, passando a mão pela cabeça do animal — Obrigado!

— Eu gosto de cães — o doutor deu um risinho — Isso vai demorar um pouco. Por que você não deixa o seu número de telefone com a secretária e nós ligamos assim que o seu cachorro tiver passado pela cirurgia?

— Você faria isso? — o homem perguntou surpreso.

— Claro. Nós sempre fazemos isso.

— O nome dele é Ben — o garoto disse fungando — Ele tomou todas as vacinas. Nós o levamos todo ano à clínica do abrigo de animais.

O que queria dizer que o dinheiro sempre era curto, mas eles cuidavam do animal. O dr. Rydel ficou impressionado.

— Nós daremos o número do nosso telefone. Você é um bom homem — o pai do menino disse baixo.

— Eu gosto de cães — o dr. Rydel disse novamente com um sorriso — Vá para casa. Nós ligaremos para você.

— Fique bom, Ben — o garoto disse ao cachorro. O cão nem ao menos estava avançando em ninguém. Ele tremeu — Nós voltaremos e levaremos você para casa o mais rápido possível. Honestamente.

O homem puxou o garoto com ele, lançando um último olhar agradecido ao veterinário.

— Eu posso cuidar da conta dele — Keely aventurou-se.

O dr. Rydel balançou a cabeça.

— Eu faço isso em casos extremos como esse. Não é sacrifício.

— Sim, mas...

Ele aproximou-se.

— Eu tenho um Land Rover. Quer saber o preço?

Keely deu uma gargalhada.

— Ok. Eu desisto.

Billy, o assistente de veterinária, ajudou Keely a levar Ben até o raio X. Cappie voltou depois de um minuto.

— Eu prometi que avisaria você de que Ben gosta de manteiga de amendoim — ela disse — Quem é Ben?

— Perna quebrada, APC — ele abreviou.

Ela sorriu.

— Atingido por carro — ela traduziu — O acidente que mais ocorre entre os cães. Eles sabem quem o atingiu?

— Não — o dr. Rydel disse irritado — Eu mesmo ligaria para Cash Grier.

— Eles não pararam?

— Não — ele disse bruscamente.

— Eu pararia se atropelasse um animal — Cappie disse gentilmente — Eu tinha um gato quando nós morávamos em San Antonio, antes de Kell sair do exército. Eu tive que dá-lo quando nós nos mudamos para cá — ela recordou que Frank o chutara, com tanta força que Cappie o levava consigo ao trabalho no outro dia, apenas para examiná-lo. Ele tinha ferimentos, mas, felizmente, nenhum osso quebrado. Então o gato fugira, e voltara depois que Frank partira. Ela havia dado o gato antes de ela e Kell saírem da cidade, para ter certeza de que Frank não tentaria atingi-la através do animal. Ele era desse tipo de homem.

— Você está muito pensativa — ele comentou.

— Eu sinto falta do meu gato — ela mentiu sorrindo.

— Nós temos muitos gatos por aqui — ele disse — Eu acho que Keely tem uma família inteira em seu celeiro e são gatinhos recém nascidos. Ela lhe daria um se você pedisse.

Ela hesitou.

— Eu não sei se conseguiria manter um gato — ela respondeu — Kell não conseguiria cuidar dele. Ele mal consegue cuidar de si mesmo.

Ele não forçou. Apenas sorriu.

— Um dia, ele encontrará uma garota gentil que o levará para sua casa e o mimará até não poder mais.

Ela piscou.

— Kell?

— Por que não? Ele só está paralisado, não morto.

Ela riu.

— Acho que sim. Ele é muito forte.

— E ele também não é um mau jogador — ele apontou.

— Eu percebi.

— Cappie você já tem a conta da senhorita Dill? — veio uma voz da sala de entrada.

Ela fez uma careta.

— Não, desculpe, dra. King. Já estou indo.

Ela virou-se, frustrada. O dr. Rydel a encarava de um modo que fazia o seu coração acelerar. Gostava disto também.

CAPÍTULO 6

CAPPIE FICOU até tarde para ajudar com os pacientes, atrasados devido à cirurgia com o cachorro. As cirurgias geralmente eram agendadas para as quintas, mas emergências sempre eram resolvidas. De fato, havia um serviço de emergência vinte e quatro horas em San Antonio, mas os veterinários da clínica do dr. Rydel sempre apareciam se fossem chamados. Em algumas situações, a longa viagem até a cidade grande causava a morte de um paciente. Eles estavam considerando a admissão de um quarto veterinário ao grupo, assim eles conseguiriam facilmente acomodar as emergências.

O cachorro, Ben, saiu da cirurgia com uma perna engessada e foi colocado em uma jaula até a anestesia acabar. No dia seguinte, se ele não apresentasse complicações, seria mandado para casa com antibióticos, remédios para dor e instruções detalhadas para tratamento pós-operatório. Cappie ficou muito feliz pelo garoto. Sentia pena das crianças cujos animais eram feridos. Não que adultos aceitassem a situação mais facilmente. Animais eram como parte da família. Era difícil ver algum ferido, ou até mesmo perder um.

Kell estava pensativo quando ela chegou em casa. De fato, ele parecia desanimado. Ela tirou o casaco e a bolsa.

— Qual é o problema com você? — ela perguntou com um sorriso.

Ele colocou o computador deliberadamente ao seu lado na cama.

— Eu recebi uma ligação de um delegado de polícia de San Antonio, do programa de apoio à testemunhas — ele disse baixo — Frank Bartlett saiu da cadeia hoje.

Ela estava esperando por esse dia. Seu coração disparou. Ele jurara vingança. Ele a faria pagar, havia dito, por tê-lo denunciado e preso.

— Não se preocupe — ele disse gentil — Nós estamos entre amigos aqui. Frank não seria louco de vir até aqui procurar problemas. Além do tempo passado na cadeia, ele tem um ano de testes. Eles ficarão de olho nele. Ele não arriscaria voltar para a cadeia após o término da sentença.

— Você acha? — ela perguntou. Recordou como Frank era um cabeça-dura. Ele não se dava bem com pessoas. Ouvira uma colega da clínica em San Antonio contar coisas sobre ele, uma das amigas da irmã de Frank. Ela dissera que Frank havia perseguido um homem que o acusara de fazer ameaças. O homem havia se ferido gravemente, mas nunca conseguira provar que havia sido Frank que causara o acidente. Cappie agora tinha certeza de que outros acidentes provavelmente haviam acontecido. Frank uma vez lhe admitira que passara um tempo na febre. Mas nunca lhe contara o motivo.

— Ele não conseguirá pegar você aqui — Kell continuou — Porque eu tenho armas de

fogo e eu sei como usá-las — ele acrescentou zombeteiro — No trabalho, eu não acho que ele conseguiria se aproximar. O dr. Rydel o jogaria pela porta de entrada — ele deu um risinho.

Cappie recordou que o dr. Rydel já havia feito isso. A Dra. King lhe contara. Um homem havia entrado com um cachorro muito ferido, com múltiplas fraturas, gritando que o animal havia caído de alguns degraus. Depois de examinar o cão, o dr. Rydel soube de tudo. Ele acusou o homem de espancar o bichinho, e o homem lhe dera um murro. O dr. Rydel o segurou e literalmente o jogou na porta de entrada, enquanto donos fascinados observavam. Então ele chamou a polícia e o homem foi preso. Também foi condenado.

Cappie sorriu ao recordar.

— O dr. Rydel fica muito zangado quando as pessoas abusam dos animais — ela disse ao irmão.

— Obviamente — ele torceu os lábios — Por que será que ele decidiu se tornar veterinário?

— Eu preciso perguntar a ele.

— Sim, você precisa. Eu fiz macarrão com queijo para o jantar — ele disse — Depois que você ligou para avisar que se atrasaria.

Ela fez uma careta sem que conseguisse evitar.

Kell apenas sorriu.

— É congelado — ele disse — Eu só aqueci.

Ela suspirou aliviada.

— Desculpe. Eu apenas já tive a minha cota de carboidratos por hoje.

Ele riu.

— Eu sei que não sou bom na cozinha. Um dia, porém, aprenderei. Apenas espere.

— Alguns homens nascem para serem chefes de cozinha. Você não é um deles. Eu farei uma salada para comer com o macarrão.

— Eu já fiz. Está na geladeira.

Ela beijou a bochecha dele, inclinando-se na cadeira de rodas.

— Você é o melhor irmão do mundo inteiro.

— Eu posso retribuir o cumprimento — ele alisou o cabelo dela — Escute, pequena, se o veterinário a pedir em casamento, aceite. Eu posso cuidar de mim.

— Você não sabe cozinhar — ela brincou.

— Eu posso comprar coisas congeladas para aquecer — ele devolve.

Ela suspirou.

— Como se o dr. Rydel fosse me pedir em casamento — ela riu — Ele gosta de mim, mas isso não quer dizer que ele se casará comigo algum dia.

— Você precisa convidá-lo novamente e fazer aquele prato delicioso com camarão. Eu soube que o dr. Rydel é louco por camarão.

— Verdade? Quem disse?

— Cy Parks.

Ela o olhou de uma maneira suspeita.

— Você tentou subornar Cy Parks para conseguir informações internas?

Kell a olhou de uma maneira angelical.

— Eu nunca faria uma coisa dessas.

— Faria sim — ela afirmou.

— Bem, o dr. Rydel com certeza sabia por que Cy estava perguntando. Ele apenas sorriu e perguntou se havia alguma outra informação que Cy gostaria de passar para nós.

Ela corou.

— Oh, meu Deus.

— Cy disse que o doutor falou mais sobre você do que sobre a fêmea que estava parindo — Kell acrescentou — Todos sabem que o dr. Rydel não gosta muito das mulheres. As pessoas ficam curiosas quando um solteiro convicto começa a sair com uma moradora local.

— Por que será que ele odeia as mulheres? — ela pensou alto.

— Pergunte a ele. Mas no momento, vamos comer. Estou com o estômago roncando.

— Caramba, já se passaram duas horas do nosso horário de jantar — ela concordou caminhando até a cozinha — Desculpe pelo atraso.

— Como está o cachorro? — ele perguntou aproximando-se da mesa.

— Ele ficará bem pelo que o dr. Rydel disse. O pobre garoto estava devastado. Eu senti pena do pai dele. Ele havia acabado de perder o emprego. Ele estava dividido entre tratar do cão e cuidar da família. Eles estão com um neném. O dr. Rydel não cobrou um centavo dele.

— Coração de ouro — Kell disse gentil.

— Nós íamos fazer uma vaquinha, mas o dr. Rydel nos lembrou que ele tem um Land Rover — ela riu — Ele herdou dinheiro da mãe, a Dra. King disse, e ganha bem como veterinário.

— Isso quer dizer que ele cuidará bem de você após o casamento.

Ela fez uma careta.

— Os bois antes dos carros, não os carros antes dos bois.

— Espere e veja — ele respondeu — É um homem totalmente fisgado. Ele apenas não sabe ainda.

Ela sorria de orelha à orelha enquanto colocava a comida na mesa. Já havia colocado os pensamentos sobre Frank no fundo da mente. Kell estava certo. Ele não arriscaria sua liberdade perseguindo Cappie novamente.

O dr. Rydel a levou a um parque de diversões na sexta à noite. Ela ficou chocada não apenas pelo convite, mas também pela escolha.

— Você gosta de parques de diversão? — ela exclamou.

— Claro! Eu adoro os brinquedos e o algodão doce — ele sorriu com reminiscência — Minha mãe guardava o dinheiro dos ovos para me levar à parques de diversão que passavam por Jacobsville. Ela andava nos brinquedos comigo. Até hoje eu me divirto ao ouvir alguém falando sobre mães que fazem biscoitos e andam em cadeiras giratórias. Minha mãe era repórter de um jornal. Ela era um verdadeiro rojão.

Ela pensava no assunto enquanto eles andavam nos corredores de areia onde os vendedores tentavam convencer as pessoas a jogar argolas ou bolas para ganharem prêmios.

— Em que você está pensando? — ele brincou;

Ela olhou para ele sorrindo.

— Desculpe. Eu estava recordando o que você disse sobre a sua mãe. Você passava muito tempo com ela?

O rosto dele fechou-se.

— Desculpe — ela disse corando — Eu não devia ter feito uma pergunta tão pessoal.

Ele parou e a encarou, adorando o brilho de sua pele contra o suéter amarelo claro que ela usava com um jeans, os cabelos loiros compridos e suaves ao redor dos ombros.

A mão dele tocou o cabelo dela e fez um afago, lançando arrepios pela espinha dela quando ele deu um passo a frente.

— Ela me criou — ele disse baixo — Minha mãe e meu pai nunca ficaram juntos. Eles se

separavam de duas a três vezes ao ano, e então brigavam para ver quem ficava comigo. Minha mãe me amava, mas meu pai só queria ficar comigo para feri-la — o rosto dele endureceu — Quando eu o deixava zangado, ele descontava nos meus animais. Ele atirou em um dos meus cães quando eu o respondi. Ele não me deixaria levar o cão ao veterinário, e eu não poderia salvá-lo. Foi por isso que eu decidi me tornar um veterinário.

— Eu já imaginava — ela confessou — Você fala sobre a sua mãe, mas nunca sobre o seu pai. Ou sobre o seu padrasto — ela apoiou as mãos na camisa dele. Podia sentir os músculos e os pêlos sob o tecido suave.

Ele suspirou. Sua mão cobriu a dela, tocando os dedos.

— Meu padrasto dizia que ser veterinário era uma profissão idiota, e dizia isso com frequência. Ele também não gostava de animais.

— Uma profissão idiota — ela ficou atônita — Eu acho que ele nunca precisou parir uma vaca com mais de cem quilos.

Ele deu um risinho.

— Não, ele nunca precisou. Nós não nos dávamos muito bem. Eu não sinto falta dele. Eu o odiei por muito tempo por deixar minha mãe adoecer a ponto da ciência não conseguir salvá-la. Mas algumas vezes nós culpamos as pessoas quando o destino é o único que faz as coisas ruins acontecerem. Lembra do velho ditado, “O homem casa e Deus desposa”? É a pura verdade.

— Ah, sua vontade é uma gota em um rio, gafanhoto — ela disse com um sotaque acentuado.

— Sua lunática — ele riu, mas inclinou-se e beijou o nariz dela — Sim, minha vontade é uma gota em um rio. Às vezes você precisa acreditar que as coisas acontecem do jeito que devem acontecer, e não do jeito que você quer que aconteçam.

— Por que você odeia as mulheres?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Todo mundo sabe disso. Você mesmo me disse — ela corou um pouco enquanto recordava as palavras dele; na primeira vez em que ele a beijara.

— Então você se lembra? — ele brincou suavemente — Você não sabe muito sobre beijos — ele acrescentou.

Ela mexeu-se desconfortável.

— Eu não pratico muito.

— Oh, eu acho que posso ajudá-la com isso — ele disse com a voz rouca — E só para avisar, eu não odeio você.

— Muito obrigada — ela disse zombeteira, e piscou para ele com delicadeza.

Ele inclinou-se lentamente para a boca dela.

— Não há de quê — ele sussurrou. Os lábios pousaram sobre os dela, forçando-a a levantar o queixo, para que ele tivesse acesso à sua boca.

Antes que ele pudesse beijá-la, uma voz profunda falou detrás dele.

— Comportamento lascivo em público é crime.

— Kilraven — Bentley gemeu, virando-se para o homem — O que você está fazendo aqui?

Kilraven, vestindo uniforme, sorriu com o desconforto nos rostos deles enquanto se aproximava e abaixava a voz — Eu estou investigando uma possível fraude no algodão doce.

— Com licença? — Cappie disse.

— Eu vou experimentar o algodão doce, e as maçãs do amor, e ter certeza de que elas não foram feitas com açúcar ilegal.

Os dois o encararam como se ele fosse um lunático.

Ele deu de ombros.

— Eu estou de folga, apenas não fui em casa para me trocar. Eu gosto de parques — ele acrescentou sorrindo — Jon, meu irmão, e eu costumávamos freqüentá-los quando éramos crianças. Isso me traz lembranças felizes.

— Eles tem um tiro ao alvo — Bentley disse a ele.

— Eu não perco meu talento inacreditável com jogos — Kilraven zombou.

— Eu estou impressionado com a sua modéstia — Bentley disse.

— Obrigado — Kilraven respondeu — Eu considero isso uma das minhas melhores qualidades, e eu tenho muitas — ele passou por eles. Winnie Sinclair, usando jeans, um suéter rosa e uma jaqueta, estava no parque com o irmão, Boone Sinclair, e sua mulher, a colega de trabalho de Cappie, Keely. Kilraven parecia irritado — Vejo vocês por aí — ele acrescentou.

Mas ao invés de ir à barraca de algodão doce, ele virou-se e caminhou até a saída do parque.

— Que estranho — Cappie murmurou o observando.

— Não tão estranho — Bentley respondeu. Os olhos dele estavam em Winnie Sinclair, que acabara de ver Kilraven a encarando e saindo do parque. Ela parecia devastada — Winnie Sinclair gosta dele — ele explicou — E ele odeia mais as mulheres do que eu.

Cappie seguiu o olhar dele. Keely sorriu e acenou. Ela acenou de volta. Winnie Sinclair sorriu debilmente, e virou-se para o outro lado.

— Pobrezinha — ela murmurou — Ela é tão rica, e tão infeliz.

— O dinheiro não traz felicidade — Bentley apontou.

— A falta dele pode lhe fazer muito infeliz — ela disse ausente.

A mão dele segurou a dela, fazendo com que ela o encarasse surpresa.

Ela hesitou, pois Keely estava sorrindo em sua direção.

— Eu não me importo com a opinião dos outros — Bentley disse — E ela não se atreverá a fazer piadinhas — ele acrescentou com um sorriso.

Cappie riu.

— Ok. Eu também não me importarei.

Ele entrelaçou os dedos nos dela, enquanto a encarava.

— Não consigo me lembrar da última vez em que sorri tanto — ele disse — Gosto de estar com você, Cappie.

Ela sorriu.

— Eu também gosto de estar com você.

Eles ainda sorriam um para o outro quando duas crianças passaram correndo entre eles e quebraram o feitiço.

Bentley a levou até em casa, mas não abriu a porta após desligar o motor e apagar as luzes. Ele soltou o cinto dela, e o seu próprio, inclinou-se no banco e a puxou para o seu colo. Antes que ela pudesse falar, a boca dele pousou sobre a dela, com ardor, e os dedos dele deslizaram lentamente sob o suéter.

Ela quis protestar. Era muito cedo. Mas ele encontrou o fecho do seu sutiã e o soltou com um rápido movimento de mão. Então ele encontrou a pele fresca e a tocou com tanta destreza que ela inclinou-se para lhe dar acesso.

— Muito rápido? — ele sussurrou contra a boca dela.

— Não — ela murmurou e arqueou-se ainda mais.

Ele sorriu enquanto sua boca cobria a dela mais uma vez, e sua mão aproximava-se do mamilo que endurecia contra o seu toque.

Depois de alguns minutos, beijar não era mais suficiente. A mão dele deslizou até a base da coluna dela e a ergueu contra si, o ventre dela colou-se ao dele no silêncio do veículo, quebrado apenas pelas respirações agitadas e os suaves gemidos dela. Podia sentir o desejo dele. Havia sido excitante com Frank, mas não tanto assim. Ela queria Bentley. Estava queimando por ele.

Ele abriu os botões de sua camisa e a puxou com força, fazendo com que os seios se colassem nos músculos de seu peito. Sua mão moveu o quadril dela contra o seu em um movimento tão lento que a fez gemer mais alto.

— Oh, Deus — ele gemeu estremecendo — Cappie!

As unhas dela se afundaram nas costas dele enquanto ela gemia e começava a tremer.

— Não pare — ela sussurrou — Não pare!

— Eu... Eu preciso!

Ele moveu-se abruptamente, enpurrando-a de volta ao seu lugar. Ele abriu a porta e saiu do Land Rover, apoiando-se na porta enquanto respirava fundo e tentava recobrar o controle que quase havia perdido.

Envergonhada, Cappie fechou o sutiã e abaixou o suéter. Ainda estava tremendo. Havia chegado perto. Graças a Deus eles estavam parados em frente à sua casa e não em uma estrada deserta onde nada poderia incentivá-los a parar. Apesar da resposta apaixonada, Cappie não queria um caso. Ele sabia disso? Ele estava esperando por um caso rápido? Ela não conseguiria. Simplesmente não conseguiria. Agora, sentindo algo próximo ao pânico, ele não desejaria vê-la novamente, não se ela dissesse não. E de qualquer modo aquilo afetaria o seu trabalho. Havia apenas uma clínica veterinária em Jacobsville, e era o seu trabalho. Se ela o perdesse, não conseguiria outro, não no mesmo campo.

Enquanto ela se torturava com os pensamentos, a porta abriu-se repentinamente.

— Eu sei — Bentley disse em um tom calmo e divertido — Você está se chutando mentalmente por tirar vantagem de mim em um momento de fraqueza. Mas está tudo bem. Estou acostumado à mulheres que tentam me seduzir.

Ela o olhou sem conseguir falar nada. De todas as coisas que esperara que ele dissesse, aquela era a última.

— Calma, calma, você não conseguirá me agarrar pela segunda vez em uma mesma noite — ele brincou — Eu tenho que pensar na minha reputação!

A mente dela começou a funcionar novamente, e ela sorriu aliviada. Pegou a bolsa e fechou a porta, o casaco apoiado em um dos braços.

— Escute — ele disse gentilmente — Não comece a se recriminar. Nós nos envolvemos um pouco rápido demais, mas lidaremos com isso.

Ela hesitou.

— Eu não sou muito moderna — ela gaguejou.

— Nem eu, docinho — ele disse suavemente.

Ela quase derreteu com o apelido carinhoso. Corou.

Ele inclinou-se e a beijou respeitosamente.

— Eu sei o tipo de mulher que você é — ele disse carinhosamente — Eu não vou forçá-la a algo que você não quer.

— Obrigada.

— Por outro lado, você também precisa me fazer uma promessa — ele apontou — Eu não vou namorar você se tiver que me preocupar com ser agarrado toda vez que lhe trouxer em casa. Não sou desse tipo de homem — ele acrescentou zombeteiro.

Ela sorriu de orelha à orelha.

— Ok.

Ele caminhou com ela até a porta, sorrindo complacente.

— Vejo você na segunda — ele disse. Segurou o rosto dela entre as duas mãos e a olhou por um longo tempo — Quando você acha que está seguro — ele murmurou — Acaba pulando diretamente na jaula do tigre.

— Eu estava pensando a mesma coisa — ela disse brincalhona.

Ele deu um risinho enquanto se inclinava para beijá-la novamente.

— Vamos com calma, docinho — ele sussurrou — Mas eu já sei como vai acabar. Nós somos bons juntos. E estou cansado de viver sozinho.

O coração dela quase explodiu de felicidade.

— Eu... Eu não sei se conseguiria viver com alguém — ela disse ainda preocupada.

Ele beijou as pálpebras dela.

— Nem eu, Cappie — ele sussurrou — Nós podemos conversar sobre exames e anéis — ele ergueu a cabeça. Os olhos brilhavam com sentimentos indecifráveis — Mas não hoje. Temos todo o tempo do mundo.

— Sim — ela sussurrou. Os olhos brilhando pela força de suas emoções — Está acontecendo tão rápido.

Ele concordou.

— Como um raio no céu.

Ela podia sentir o coração batendo rápido. Mas no fundo de sua mente, sentiu um medo repentino, um temor. Mordeu o lábio inferior.

— Você não sabe muito sobre mim — ela começou — Quando morava em San Antonio, eu namorava um homem...

O telefone dele tocou antes que ela pudesse falar sobre Frank. Ele o pegou do bolso e atendeu.

— Rydel — ele disse. Escutou algo e fez uma careta — Estarei no escritório em dez minutos. Traga o gato. Sim. Sim. Sem problemas — ele desligou — Eu preciso ir.

— Tome cuidado — ela disse.

Ele sorriu.

— Tomarei. Boa noite.

— Boa noite, dr. Rydel.

— Bentley.

Ela riu.

— Bentley.

Ele caminhou até o Land Rover, ligou o motor e partiu com um aceno de mão. Cappie o observou partir, então entrou em casa, o corpo parecendo flutuar.

Segunda-feira de manhã, Cappie ainda sentia-se confusa e em êxtase. Esperara que Bentley telefonasse no sábado ou no domingo, considerando quão envolvidos eles haviam ficado na noite de sexta-feira. Mas ele devia estar ocupado. Esperava que ele não tivesse mudado de idéia. Estava tão louca por ele que nem podia pensar na hipótese de ele ter reconsiderado os seus planos. Mas ela sabia que aquilo não ia acontecer. Eles estavam tão próximos que ela sabia que seria para sempre.

Então sentiu um choque ao entrar na clínica com um sorriso doce e encontrar o dr. Rydel a encarando com um olhar frio que enviava arrepios por sua coluna.

— Você está atrasada, senhorita Drake — ele disse brusco — Por favor, tente chegar no

horário certo.

Ela o olhou como se tivesse levado um golpe na cabeça. Keely, no caixa, a olhou de maneira solidária.

— Eu... Eu sinto muito, senhor — ela gaguejou.

— Eu preciso que você ajude Keely com o raio-X — ele disse, e virou-se abruptamente.

— Tudo bem — ela guardou o casaco, a bolsa e correu para ajudar Keely, que entrava na sala em que eles guardavam medicamentos. Ela pegou um elástico de seu bolso e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Por dentro, sentia-se entorpecida.

— É o gato da senhora Johnson — Keely explicou, com medo de ser ouvida pelo veterinário, que estava entrando na sala de operações — Ela pisou na pata dele. Está ferida, e o dr. Rydel está com medo de ela estar quebrada. A senhora Johnson não é muito leve — ela acrescentou com um sorriso.

— Sim, eu sei.

— Ela precisou deixá-lo conosco enquanto ia ao médico do coração. Estava muito infeliz. Ela está se recuperando de um ataque cardíaco, e está preocupada com o gato! — ela disse sorrindo. Keely abriu a gaiola e Cappie pegou o velho gato. Ele apenas ronronou. Nem ao menos tentou mordê-la, embora fosse óbvio que estava com dor.

— Que doce de animal — Cappie murmurou enquanto elas caminhavam até a sala do raio-X — Eu pensei que ele poderia nos morder.

— Ele é muito manso. Aqui — Keely caminhou até a mesa do raio-X e fechou a porta atrás delas — O que há de errado com o dr. Rydel? — ela sussurrou — Ele entrou na clínica como um tornado.

— Eu não sei — Cappie disse — Nós fomos ao parque de diversões na sexta-feira à noite e ele estava feliz, sorrindo...

— Vocês não brigaram? — Keely insistiu.

— Não! — ela quis acrescentar que eles haviam falado sobre anéis, mas não era uma boa hora. O homem alto que a encontrara na porta não parecia ter dito uma coisa dessas à ela.

— Eu me pergunto o que pode ter acontecido.

— Eu também — Cappie disse infeliz.

Elas tiraram o raio-X e Cappie levou o velho gato até a gaiola. A Dra. King a olhou de uma maneira preocupada, mas estava muito ocupada para conversar. Cappie sentiu-se doente. Não podia imaginar o que havia tornado o dr. Rydel um inimigo.

Ela esperou e ficou preocupada durante o dia inteiro, enquanto atendia doze pacientes e uma emergência. A senhora Johnson veio buscar o gato, a pata do bicho engessada, chorando horrores por tê-lo machucado. Cappie a acompanhou até a porta, sorrindo mesmo sem forças para isso. Mais cedo, pensara que o dr. Rydel diria algo, explicaria algo. Mas ele não fez nada. Ele a tratou como sempre, gentil, mas frio.

No final do dia, ela quis esperar e ver se conseguia falar com ele, mas uma emergência o tirou do escritório dez minutos antes do final do expediente. Ela dirigiu até sua casa com o coração nos pés.

— Seu mundo parece ter desmoronado — Kell disse quando ela entrou — O que aconteceu?

— Eu não sei — ela disse infeliz — O dr. Rydel me olhou como se eu tivesse uma doença

contagiosa e não disse uma única palavra o dia inteiro. Foram só negócios. Foi como no meu primeiro dia de trabalho.

— Ele parecia bem quando te buscou na sexta à noite — ele afirmou.

— E quando ele me trouxe de volta — ela acrescentou — Talvez ele esteja com medo.

Kell a encarou.

— Talvez sim. Todo mundo diz que ele era o maior inimigo das mulheres da cidade. Mas se esse é o caso, ele pode estar se apaixonando e precisa de tempo para pensar no assunto. Se ele estiver mesmo interessado, Cappie, ele não vai embora.

— Você acha? — ela perguntou esperançosa.

— Eu sei. Homens que agem como ele quando veio jantar não se tornam frios como gelo sem motivos. Talvez o final de semana dele tenha sido ruim.

O que não era motivo para descontar em Cappie. Por outro lado, ela não o conhecia tão bem assim.

— Talvez eu consiga falar com ele amanhã — ela disse.

Ele sorriu.

— Talvez sim.

Ela concordou.

— Eu vou preparar o jantar.

— Tente não se preocupar.

— Claro.

Mas ela se preocupou, e não conseguiu dormir. Foi trabalhar na manhã seguinte com um mau pressentimento.

O dr. Rydel estava no balcão quando ela entrou.

— Estou cinco minutos adiantada — ela disse quando ele a encarou.

— Venha até o meu escritório, por favor — ele disse.

Ela iluminou-se. Pelo menos, ele iria explicar. Certamente não era algo que tivesse a ver com ela.

Ele a deixou entrar e fechou a porta. Não ofereceu um lugar para ela sentar. Ele apoiou as mãos na mesa e a encarou friamente.

— Eu recebi uma visita no sábado de manhã.

— Recebeu? — Uma ex-namorada, ela pensou, e ele a queria de volta pelo jeito?

— Sim — ele respondeu bruscamente — O seu namorado.

— O meu o quê?

— Seu namorado, Frank Bartlett — ele disse friamente.

O corpo dela tremeu por inteiro. Frank viera até ali! Ele viera até Jacobsville! Sentou-se em uma cadeira. Ela devia ter contado sobre ele a Bentley. Não devia ter esperado.

— Ele não é meu namorado — ela começou.

Ele riu friamente.

— Não é mesmo? Não foi o que ele disse.

CAPÍTULO 7

CAPPIE QUASE podia imaginar o tipo de história que Frank contara a Bentley. Mas agora ela entendia a sua raiva.

— Eu posso explicar — ela começou.

— Você me disse sexta à noite que tinha um namorado — ele disse friamente — Eu não consegui ouvir o resto da história, mas Bartlett foi gentil e me contou. Você o acusou de assédio sexual e o fez ser preso. Ele passou algum tempo na cadeia e agora tem uma ficha criminal por sua causa.

Ela arregalou os olhos.

— Sim, mas não foi isso que aconteceu...!

— Eu sei tudo sobre mulheres que gostam de brincar com os homens — ele interrompeu — Quando eu tinha vinte anos e estava na faculdade, trabalhava em uma clínica. Isso garantia as minhas despesas e a mensalidade. O dono da clínica tinha uma assistente muito bonita, mas nunca saía com ninguém. Eu sentia pena dela. Ela só trabalhava para ele durante meio período, porque eu trabalhava o dia inteiro. Ela ficou até mais tarde em um final de semana, e me pediu para beijá-la. Então ela rasgou a blusa calmamente, bagunçou o cabelo e ligou para a polícia.

Cappie ficou pálida.

— Ela queria o meu emprego — Bentley continuou clinicamente — Eu gastei todas as minhas economias para contratar um detetive particular, que descobriu que aquela não era a primeira vez em que ela usava aquele golpe. Ela foi presa e a minha ficha foi limpa. O dono da clínica me contratou novamente e passou anos tentando me recompensar.

— Eu não sabia — ela sussurrou.

— Claro que não, ou você não teria tentado a mesma coisa.

Ela piscou incrédula.

— O quê?

— Você estava sempre falando sobre o que faria se tivesse dinheiro. Você sabe que eu sou bem de vida. Quando você ia me acusar de assédio sexual? Você tem um advogado me esperando na sala de espera?

Ela não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ele a estava acusando de ser uma interesseira. Frank mentira para ele, e com as lembranças do passado, Bentley caíra na história.

— Eu nunca acusei ninguém em falso — ela defendeu-se.

— Somente Frank Bartlett?

Ela respirou fundo.

— Ele quebrou o meu braço — ela disse com dignidade — Também não foi a primeira vez que ele me bateu.

— Ele me falou que você diria isso — ele respondeu — Pobre homem. Você arruinou a vida dele. Você não terá a chance de arruinar a minha. Você pode cumprir as suas duas semanas de aviso prévio — ele ficou em pé.

— Você está me demitindo? — ela perguntou debilmente.

— Não, você está se demitindo — ele respondeu friamente — Desse modo, o estado não precisará pagar o seguro desemprego, ou você não poderá me acusar de desinência ilegal de emprego.

— Entendo.

— Mulheres — ele murmurou friamente — E eu que achava que já havia aprendido a lição. Vocês parecem tão inocentes. E todas mentem.

Ele abriu a porta.

— Volte ao trabalho, senhorita Drake — ele disse em um tom formal — Será um longo dia.

Ela trabalhou mecanicamente, até mesmo sorriu para as piadas do senhor Smith, e para os comentários da Dra. King. Keely a encarava de uma maneira estranha, mas ninguém mais pareceu achar o seu comportamento fora do comum.

No final do dia, ela caminhou até o seu carro agradecidamente. Ainda não conseguia acreditar que o dr. Rydel havia caído nas mentiras de Frank. Mas faria algo sobre o assunto. Só não sabia o quê. Ainda.

Ela estacionou na frente do jardim, confusa com a pilha de roupas que estava nos degraus. Kell estaria limpando a casa?

Ela pisou no freio, desligou o motor e correu o mais rápido que podia até a porta. Não era uma pilha de roupas, era Kell. Kell! Ele estava inconsciente, deitado ao lado de sua cadeira de rodas e estava sangrando por conta de um monte de cortes. Ela sentiu o pulso dele e, graças a Deus, encontrou. Pelo menos ele ainda estava vivo.

Ela viu a porta da frente aberta e não se atreveu a entrar, por medo de alguém que ainda podia estar lá. Ela voltou correndo até o carro, pegou o celular e ligou para o 911. Então ela voltou para perto de Kell e esperou.

A próxima hora foi uma explosão de sirenes de ambulância, sirenes de polícia, uniformes azuis, uniformes brancos e puro terror.

Ela esperou que o dr. Micah Steele saísse e dissesse qual era o estado de Kell. Ela estava doente e tremia até os ossos. Se Kell morresse, não teria mais ninguém.

Ele voltou até a sala de espera alguns minutos depois que Kell foi internado, alto, loiro e sombrio.

— Como ele está? — ela perguntou assustada.

— Muito machucado — ele disse — O que você já sabe. A coluna dele está muito machucada. Nós ainda estamos fazendo testes, mas ele está sentindo um pouco de movimento nas pernas, o que indica que a bala nas costas dele pode ter saído do lugar. Se os testes verificarem isso, eu o transferirei para o centro médico de San Antonio. Eu tenho um amigo que é cirurgião ortopédico lá. Ele o operará.

— Você acha que Kell pode voltar a andar? — ela perguntou animada.

Ele sorriu.

— Sim — o sorriso sumiu — Mas essa não é a minha preocupação imediata. Ele disse que eram três homens. Um deles era um com quem você já namorou. Frank Bartlett.

— Bater em um homem parálítico com uma barra — ela grunhiu — Que bravo verme ele é!

— O xerife já tem uma acusação contra ele e os homens — Micah disse à ela — Mas você está em perigo até eles serem encontrados. Você não pode ficar sozinha na sua casa.

— Se você transferir Kell para San Antonio — ela disse — Eu posso telefonar para uma amiga que trabalhava na mesma clínica veterinária que eu. Ela me deixará ficar com ela.

— Você terá que ficar sobre custódia — Micah disse firme.

Ela sorriu.

— O irmão dela é um Texas Ranger. Ele mora com ela.

— Puxa!

— Eu liguei para ela assim que conseguir falar com Kell.

— Isso é outra história — ele disse — Nós precisamos terminar os exames primeiro. Mas ele ficará bem.

— Ok. Obrigada, dr. Steele.

Ele sorriu.

— Fico feliz em ajudar. Eu gosto de Kell.

— Eu também.

Ela telefonou para Brenda Banks em San Antonio. O irmão de Brenda, Colter, era um Texas Ranger. Ele havia sido transferido de Houston desde que o seu melhor amigo, um policial chamado Mike Johns, fora assassinado tentando deter um assalto a banco. Colter pedira transferência para a base dos Texas Rangers situada em Bexar County, e se mudara com a irmã. Já que a base precisava de um sargento, ele se alistou e conseguiu o emprego. Brenda disse que ele adorava aquele tipo de emprego.

Ela tentou o apartamento primeiro, e, com certeza, Brenda estava em casa e não no trabalho.

— Como está indo o novo emprego? — Brenda perguntou quando ouviu a voz de Cappie.

— Eu gosto muito. Você ainda tem um quarto sobrando, e ainda tem uma vaga na clínica veterinária?

— Oh, querida.

— Sim, as coisas não foram como eu esperava — Cappie disse baixo — Frank e dois amigos vieram até aqui e quase espancaram Kell até a morte. Ele está indo até San Antonio para operar e eu preciso de um lugar para ficar, só até a cirurgia. Eles queriam me colocar sob custódia, mas eu disse a eles que Colter morava com você...

— Pobre criança! Você pode ficar o tempo que quiser — Brenda disse — Mas Colter está trabalhando em um caso fora do país. Ele tem um apartamento próprio agora. Como está o Kell? — ela perguntou preocupada — Ele ficará bem?

— Ele só está ferido — Cappie disse — Mas a bala nas costas dele deslocou-se e ele pode sentir movimentos nas pernas. Eles podem operá-lo.

— Uma luz no fim do túnel — a outra mulher disse baixo — Mas e você? Não me diga que Frank foi até a sua casa simplesmente para espancar o seu irmão.

— Ele provavelmente estava procurando por mim — ela confessou — Mas ele já causou danos suficientes a minha relação com o meu novo chefe. Eu também não tenho mais um

emprego.

— Eu perguntarei ao dr. Lammers se ainda tem uma vaga — ela disse imediatamente — Eu sei que eles adorariam tê-la de volta. A nova assistente não é tão dedicada quanto você, e também não quer trabalhar o dia inteiro. Eu vou telefonar agora mesmo. Enquanto isso, venha se hospedar. Você sabe onde fica a chave reserva.

— Muito obrigada, Brenda — a voz dela era suave, apesar dos esforços para controlá-la.

— Querida, eu sinto muito — Brenda disse gentil — Se eu puder fazer alguma coisa, qualquer coisa, apenas me diga.

Cappie respirou fundo.

— Eu senti sua falta.

— Eu senti sua falta também. Você sumiu. Traga Kell até aqui e depois apareça. Nós cuidaremos de tudo. Ok?

— Ok.

— Eu vou telefonar para o dr. Lammers agora mesmo — ela desligou.

Cappie voltou até a sala de espera e sentou-se, sombria e infeliz, enquanto esperava pelos resultados dos exames e por uma chance para falar com Kell.

O dr. Steele estava sorrindo quando voltou.

— Eu acho que poderemos operá-lo — ele disse — Eu transferirei Kell para San Antonio em um avião. É mais rápido e será melhor para as suas costas. Nós não queremos que aquela bala se desloque novamente. Você pode vê-lo, mas apenas por um minuto. Quer voar com ele?

— Sim, se eu puder — ela disse.

Ele indicou o quarto de Kell.

— Cash Grier está lá com ele. Ele quer falar com você também.

— Ok. Obrigada, dr. Steele.

Ela abriu a porta e entrou. Cash Grier estava encostado na janela, o rosto sombrio. Kell parecia terrível, mas ele sorriu quando ela se inclinou para beijá-lo.

— O dr. Steele acha que eles poderão operá-lo — ela disse.

— Eu soube — ele sorriu — Eu não sei como poderei pagar, mas talvez eles aceitem convênios.

— Você precisa melhorar antes de se preocupar com dinheiro — ela disse firme — Nós podemos vender o carro.

— Claro, isso pagará minhas aspirinas — Kell deu um risinho.

— Pare com isso. Vai dar certo — ela disse — Olá, chefe — ela cumprimentou Cash.

— Olá. Seu ex-namorado estava atrás de você — ele disse sem preâmbulos — Ele não desistirá. Ele sabe que voltará pela cadeia pelo que fez com Kell. Ele irá atrás de você, e se conseguir, chegará antes que nós o peguemos.

— Eu vou voar para San Antonio com Kell — ela disse lentamente — E vou ficar com a minha melhor amiga. O irmão dela é um Texas Ranger — ela não acrescentou que ele estava fora da cidade. Afinal de contas, Cash não teria como saber. Mas ela estaria colocando Brenda em perigo?

— Colter está fora do país e Brenda não tem uma arma — Cash disse, o rosto duro como uma pedra. Ele concordou quando ela ofegou — Eu conheço Colter. Eu era um Texas Ranger também. Nós sempre mantivemos contato. Você não quer colocar Brenda na linha de fogo.

— Eu estava preocupada com isso — ela mordiscou o lábio inferior — O que nós faremos?

— Você ficará em um hotel perto do hospital — ele disse — Nós enviaremos seguranças para protegê-la.

— Oficiais de polícia daqui? — ela perguntou.

— Na verdade não — Cash disse lentamente — Na verdade, Eb Scott está enviando dois de seus homens para ficar com você. Um acabou de voltar do Meio-Oeste, e o outro está esperando para aposentar-se.

— Mercenários — ela disse suavemente.

— Exatamente.

Ela ficou preocupada,

— Eles não são do tipo que você vê em filmes — Kell assegurou — Esses homens tem moral e só trabalham em boas causas, e não somente pelo dinheiro.

— Você conhece os homens? — ela perguntou.

Ele hesitou.

— Eu conheço eles — Cash disse rápido — E você pode confiar neles. Eles cuidarão de você. Apenas vá para o hospital com Kell e eles te encontrarão lá.

Ela franziu a testa.

— Eu precisarei ligar para alguém do meu trabalho, para informar o que aconteceu.

— Todos no seu trabalho já sabem o que aconteceu — Cash disse — Exceto o seu chefe — ele acrescentou quando ela ficou nervosa — Ele precisou viajar até Denver para resolver assuntos pessoais. Alguma coisa a ver com o padrasto.

— Oh — Foi tudo o que ela disse. Agora ela não teria que vê-lo novamente. Kell não sabia que o dr. Rydel a havia demitido, mas não era a hora certa para contar a ele. Isso podia esperar — E quanto a nossa casa?

— Kell me deu a chave — ele disse — Eu entregarei à Keely. Ela vai apagar as luzes, fechar tudo e esvaziar a geladeira.

— Eu não quero mais morar lá — ela disse em um tom baixo.

— Nós não precisamos tomar decisões agora — Kell respondeu enquanto se mexia na cama — Inferno, acho que era melhor quando eu não conseguia sentir as pernas!

— Você gostará de voltar a andar — Cappie disse gentil — Kell, seria um milagre. Pelo menos alguma coisa boa aconteceu apesar disso tudo.

— Era o que eu estava pensando — ele sorriu para ela — Não se preocupe. Vai dar certo.

— Sim, vai mesmo — Cash concordou — Rick Marquez vai fornecer uma descrição de Frank Bartlett a todos os policiais de San Antonio, e também conversará com um repórter que é seu amigo. Seu amigo Frank ficará tão famoso que se ele entrar em uma lanchonete, dez pessoas o prenderão e chamarão a polícia.

— Verdade? Mas como?

— Eu mencionei que estão oferecendo recompensa pela captura dele? — Cash acrescentou — Nós fizemos uma vaquinha.

— Que gentil!

— Vocês deveriam ficar aqui — Cash disse sério — É uma boa cidade. Boas pessoas. O rosto dela fechou-se.

— Eu não vou viver na mesma cidade que o dr. Rydel.

Cash e Kell trocaram um longo olhar.

— Mas Kell pode ficar se quiser — ela acrescentou.

Kell perguntou-se o que estava acontecendo. Cappie era louca pelo chefe até hoje de manhã.

— Eu acho que nós precisamos ter uma conversa sobre o seu chefe — ele disse.

— Amanhã — ela disse — Logo cedo.

— Eu provavelmente serei operado amanhã logo cedo — Kell respondeu.

Ela sorriu debilmente

— Então eu contarei enquanto você estiver inconsciente. Quando nós partiremos? — ela acrescentou.

Kell quis argumentar, mas a enfermeira havia lhe dado algo para a dor, e ele estava ficando sonolento.

— Assim que o helicóptero chegar aqui. Precisa algo que esteja em casa? Tenho certeza que Cash levaria você até lá.

Ela balançou a cabeça.

— Já peguei a minha bolsa e o celular. Oh, aqui está a chave da casa — ela disse pegando o chaveiro e a entregando a Cash — Eu sei que a de Kell está com Keely, mas vocês podem precisar da minha. Muito obrigada.

— Você pode ligar para Keely se precisar de algo. Ela arrumará para você, ou o seu marido, ou a sua cunhada.

— Farei isso.

— E tente não se preocupar — Cash acrescentou afastando-se da janela — As coisas sempre parecem piores do que realmente são. Acredite em mim, eu entendo — ele acrescentou com um sorriso — Já gastei a minha cota de escuridão.

— Você é um maravilhoso chefe de polícia — ela disse.

— Outro bom motivo para ficar no distrito Jacobs — ele afirmou.

— Nós podemos conversar sobre o assunto — ela respondeu — Eu posso reconsiderar se você prender o dr. Rydel e jogar a chave fora.

— Não posso fazer isso. Ele é o melhor veterinário das redondezas.

— Acho que posso concordar com isso.

Cash não disse mais nada em relação ao assunto.

A viagem de helicóptero foi fascinante para Cappie, que nunca voara em um, apesar dos anos que Kell passara no exército. Ela tivera a oportunidade, mas tinha medo de máquinas. Agora, sabendo que aquilo poderia salvar as pernas de Kell, sua opinião mudara.

Ela sentou-se em silêncio, sorrindo para os médicos, mas sem falar com eles. Ela já havia sofrido muito por causa dos homens, pelos menos para os próximos vinte anos. Apenas esperava e rezava para que Kell pudesse voltar a andar novamente. E que alguém encontrasse Frank Bartlett antes que ele voltasse para terminar o que havia começado.

Bentley Rydel entrou em seu escritório três dias depois, de mau humor e ainda mais irritado do que quando partira. Seu padraço havia sofrido um derrame. Não o matara, mas ele estava temporariamente paralisado de um lado do corpo, e hospedado em uma casa de tratamento sem previsão de saída. Bentley havia procurado o irmão mais novo do homem e o fizera pegar um voo até Denver para cuidar do irmão. Tudo isso levava muito tempo. Ele não recusava-se a prestar ajuda, mas ainda estão magoados com Cappie. Por que ele fora tão estúpido a ponto de se envolver com ela? Ele não aprendera a sua lição sobre as mulheres?

A clínica ainda não estava aberta, faltavam dez minutos para o horário oficial. Ele encontrou cada funcionário parado atrás do balcão o encarando como se ele tivesse uma doença contagiosa.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— O que está acontecendo? — o rosto dele endureceu — Cappie está me acusando de forçá-la a pedir a conta, não é? — ele perguntou com frio sarcasmo.

A Dra. King o encarou.

— Cappie está em San Antonio com o irmão — ela disse — O ex-namorado dela e mais dois amigos espancaram Kell até quase matá-lo.

Ele sentiu o sangue esvair-se de seu rosto.

— O quê?

— Cappie está cercada por policiais e voluntários, para evitar que o mesmo aconteça com ela — Keely disse bruscamente — O xerife Hayes Carson checkou a ficha de Frank Bartlett e descobriu vários crimes contra mulheres, mas ninguém teve coragem de prestar queixa, até Cappie aparecer. Ela não queria, o irmão a forçou quando ela saiu do hospital. Bartlett quebrou o braço dela. Ela disse que provavelmente estaria morta se Kell não aparecesse a tempo.

Ele sentiu como se a própria garganta estivesse sendo cortada. Ele acreditara no homem. Como pudera fazer isso com Cappie? Como pudera suspeitar assim? Ela era a vítima. Bentley havia acreditado no homem e demitira Cappie. Agora ela estava em perigo e a culpa era dele.

— Onde ela está? — ele perguntou sombriamente.

— Ela nos disse para não contar a você — a dra. King disse baixo — Ela não quer vê-lo novamente. De fato, ela conseguiu um emprego em San Antonio e vai morar lá.

Ele sentiu-se doente. Não, ela não ficaria mais no distrito Jacobs. Não depois do que Bentley fizera com sua autoestima. Provavelmente havia sido difícil para ela confiar em um homem novamente, depois de ter sido agredida fisicamente. Ela confiara em Bentley. Ela havia sido doce, gentil e confiante. E ele a recusara.

Ele não respondeu a dra. King. Em seguida olhou o seu relógio.

— Ao trabalho, pessoal — ele disse em voz baixa.

Ninguém o respondeu. Eles voltaram ao trabalho. Ele entrou no escritório, fechou a porta e pegou o telefone.

— Sim? — Cy Parks respondeu.

— Onde está Cappie? — ele perguntou baixo.

— Se disser a você, terei que trocar de nome e me mudar para outro país — Cy disse secamente.

— Diga mesmo assim. Eu comprarei um bigode falso para você.

Cy deu um risinho.

— Ok. Mas não diga à ela que fui eu quem contei.

— Pode deixar.

Cappie estava esgotada. Ficara na sala de espera até Kell ser operado, e isso levou muito tempo. As cadeiras deviam ter sido selecionadas a dedo, para que ninguém quisesse ficar mais que alguns minutos nelas. Era impossível dormir em uma, ou mesmo cochilar. Suas costas a estavam matando. Ela precisava dormir, mas não podia sair do hospital até ter certeza de que Kell estava bem.

Atrás dela, dois homens altos e sombrios também estavam esperando. Um deles tinha olhos escuros e cabelo escuro, e nunca sorria. O outro tinha o cabelo loiro comprido preso em um rabo de cavalo, um olho castanho claro e um olho de vidro do outro lado. Ele encarava seu problema numa boa e era chamado de olho morto. Ele sorria enquanto falava. Ela não sabia os nomes deles.

O detetive Rick Marquez viera mais cedo para conversar com ela sobre Frank Bartlett e seus amigos. Ela conhecia a irmã de Frank, mas não encontrara nenhum de seus amigos. O detetive Marquez era muito bonito, ela reparou. Perguntou-se porque ele não teria uma namorada.

Marquez assegurara que estava fazendo o possível para prender Frank Bartlett, e que um amigo seu que era repórter estava fornecendo uma descrição dele em seu programa, e também pedia apoio da população para prendê-lo. Havia uma recompensa de dois mil dólares para quem oferecesse informações que chegassem a ele.

Brenda ficou com ela no hospital até que foi chamada na clínica para uma cirurgia de emergência em um cachorro. Ela prometera voltar assim que pudesse. Estava triste pois Cappie não poderia ficar com ela. Ela podia comprar uma arma, murmurara, e atiraria naquela cobra bípede se ele aparecesse no apartamento. Mas Cappie sorriu e disse que não estava pensando direito quando ligara e pedira um lugar para ficar. Ela não arriscaria Brenda. Além disso, ela tinha seguranças. Brenda encarou os dois homens de uma maneira curiosa. Ela também disse que ela não mexeria com eles se fosse um bandido. O homem com um rabo de cavalo sorriu para ela.

Depois que Brenda partiu, Cappie ficou sentada com os dois seguranças enquanto as pessoas entravam e saíam da sala de espera. Ela tomou vários copos de café e tentou afastar os seus medos. Se Kell voltasse a andar, disse a si mesma, a infelicidade dos últimos dias valeria a pena. Mas só se ele voltasse a andar!

Finalmente o cirurgião de Kell veio falar com ela, sorrindo simpático.

— Nós removemos a bala — ele disse — Estou confiante de que retiramos tudo. Agora nós vamos esperar pelos resultados, até o seu irmão ficar bom. Mas estou confiante de que ele voltará a andar.

— Oh, graças a Deua — ela deu vasão às lágrimas — Graças a Deus!

— Agora, por favor, vá descansar um pouco! — ele pediu — Você parece uma morta viva.

— Farei isso. Obrigada, dr. Sims. Muito obrigada!

— Não há de quê! Deixe o número do seu celular na recepção e nós ligaremos se precisarmos de você.

— Farei isso agora mesmo.

Ela caminhou até a recepção cercada pelos dois homens que olhavam ao redor atentamente.

— Eu sou a irmã de Kell Drake — ela disse à enfermeira — Eu quero dar o meu número de telefone caso vocês precisem falar comigo.

— Certamente — uma morena baixinha respondeu sorrindo. Ela empurrou um papel na direção de Cappie e lhe entregou uma caneta — Aqui está.

Cappie deu o número à ela.

— Eu sempre o levo comigo, e nunca está desligado.

A morena encarou os dois homens com curiosidade.

— Eles estão comigo — Cappie disse. Ela inclinou-se no balcão — Eles estão em perigo e eu tenho que protegê-los.

Os homens a olharam de uma maneira que seria capaz de parar o trânsito. A morena prendeu um risinho.

— Ok, meninos, estarei pronta quando vocês estiverem — ela disse.

O homem com o olho de vidro torceu os lábios.

— Quer ir na frente? — ele perguntou intencionalmente.

Ela sorriu para ele.

— Você quer ir? — ela imitou.

Ele deu um risinho, e indicou que ela devia ir primeiro. Ele virou-se e piscou para a moreninha, que corou de prazer. Ele ainda sorria enquanto acompanhava Cappie pela sala de espera.

— Você nos proteja — o outro homem zombou — Do quê? Mordidas de insetos?
— Diga isso novamente — Cappie disse — E eu vou lhe mostrar o que é uma mordida.
— Calma, calma, não vamos brigar — Olho-morto murmurou enquanto eles esperavam pelo elevador.

— Eu não estou brigando. Ela é a única com problemas de comportamento — o outro homem murmurou.

— Só eu — Cappie disse.

Ele encarou olho-morto e apontou Cappie.

— Eu nunca fico do lado de ninguém em brigas de família — Olho-morto disse a ele.

— Ela não é um membro da minha família! — o outro homem disse.

— Uma história adorável — Olho-morto disse — Como você pode ter certeza? O seu DNA já foi comparado ao dela?

— Eu sei que não sou parente seu — o homem disse a olho-morto.

— Como você sabe? — veio a resposta seca.

— Porque você é muito feio para ser parente meu.

— Ah é — olho-morto reclamou — Olhe quem está chamando quem de feio.

— A sua mãe também tem mau gosto com roupas.

Cappie respirou aliviada. Aqueles dois estavam lhe deixando de bom humor.

— Eu não posso levar vocês a lugar nenhum — ela reclamou — Vocês me envergonham.

— O que eu posso fazer se ele é feio? — o outro homem disse — Eu só estava afirmando algo que é um fato.

— Ele não é feio — Cappie defendeu olho-morto — Ele é único.

Olho-morto sorriu para ela.

— Nós podemos nos casar amanhã cedo — ele disse — Eu tenho um anel de noivado guardado em minha gaveta para emergências.

Cappie balançou a cabeça.

— Desculpe. Eu não posso me casar com você amanhã.

— Por que não?

— Meu irmão não me deixaria namorar com homens feios.

— Você acabou de dizer que eu não era feio! — ele protestou.

— Eu menti.

— Eu posso mudar o meu nariz.

Ela franziu a testa. O nariz dele era muito bonito.

— Eu posso mudá-lo para você com os meus punhos — o outro homem ofereceu.

— Eu posso mudar o seu primeiro — olho-morto informou.

— Sem brigas — Cappie protestou — Nós acabaremos na prisão.

— Algum de nós provavelmente escapou de uma recentemente — o outro homem disse encarando olho-morto.

— Eu não precisei escapar. Eles me deixaram sair por causa da minha extrema boa aparência — ele zombou.

— Sua aparência é extrema — veio a resposta — Mas não é bonita.

— Se vocês não pararem de brigar eu chamarei a minha amiga para passar a noite conosco, e vocês dois terão que repartir o sofá — ela assegurou.

— Atire agora — olho-morto murmurou — E faça certo. Eu não vou dividir nada com ele. Não até que ele prove que não é violento.

A porta do elevador abriu enquanto eles discutiam. O dr. Bentley Rydel saiu dele e encarou os dois homens enquanto Cappie engasgava com a sua aparição repentina.

- Ele não é violento — Bentley assegurou a olho-morto.
- E como você pode saber? — olho-morto perguntou.
- Eu sou veterinário — Bentley respondeu bruscamente.
- Nós temos que ir — Cappie disse evitando o olhar de Bentley.
- Nós? — ele perguntou franzindo a testa.

— Esses são meus novos namorados — Cappie disse com um olhar frio — Nós estamos dividindo um quarto.

Ele sabia que ela não estava envolvida com dois estranhos. Ele tinha idéia de quem eles eram e porque ela estava com eles. Ela provavelmente esperava que ele acreditasse naquilo, levando em conta o seu passado.

- Eu soube sobre Kell — ele disse baixo — Como ele está?

— Saiu da cirurgia e está descansando, obrigada — ela disse formalmente — Nós temos que ir.

- Nós podemos conversar? — Bentley perguntou sombriamente.

— Se você conseguir convencê-los a me amarrarem e amordaçarem, claro. Vamos, rapazes.

Ela entrou no elevador e ficou de costas para a porta até ouvi-la se fechar.

CAPÍTULO 8

CAPPIE NÃO dormiu, claro. Repassou as últimas oito horas em sua mente durante toda a noite, doente de preocupação por Kell. Era culpa dela Frank Bartlett ter se aproximado deles. Se ela não tivesse ficado tão lisonjeada com a atenção dele, tão louca por ele, não teria ignorado os avisos de Kell. Nada teria acontecido se ela não tivesse saído com ele.

Pena, ela pensou, as pessoas não poderem voltar o relógio e apagar todas as coisas estúpidas que haviam feito. Como ter se envolvido com o dr. Bentley Rydel, por exemplo, disse a si mesma. Ficara surpresa ao encontrá-lo no hospital. Alguém em Jacobsville devia ter lhe contado o que havia acontecido, e ele sentira pena dela. Talvez ele estivesse até pensando em esquecer o passado dela para ter contato com seu irmão. Isso não queria dizer que ele acreditava em sua inocência ou queria envolver-se com ela novamente. O que dava no mesmo, disse a si mesma, porque ela também não queria mais nada com ele!

Ela levantou-se e colocou uma roupa... a mesma que usara no dia anterior. Não trouxera nada. Teria que ligar para Keely e pedir que ela fosse até sua casa para pegar algumas roupas para ela e para Kell. Mas teria que pedir à Keely para levar alguém armado com ela, para o caso de Frank ainda estar por lá esperando Cappie voltar.

Quando ela abriu a porta do quarto, os dois homens estavam discutindo sobre o café que vinha em uma pequena garrafa, como uma recompensa por ficarem no hotel.

— Não tem o suficiente para três pessoas — olho-morto murmuro, recusando-se a soltar a garrafa.

— Então você pode buscar o seu na lanchonete, porque eu vou tomar o meu aqui — o outro homem disse friamente.

— Todos nós vamos tomar café no hospital, porque eu estou indo agora — Cappie informou caminhando até a porta.

— Viu o que você ganha por começar uma briga? Agora nenhum de nós vai tomar café — olho-morto zombou enquanto eles caminhavam na direção da porta.

— Você começou — o outro homem disse friamente.

Cappie ignorou a discussão e abriu a porta.

— Pare onde você está.

Olho-morto estava na frente dela em uma fração de segundo, a mão debaixo da jaqueta enquanto um homem alto aparecia no corredor. Ele ficou parado, esperando.

Mas não era Frank. Era outro homem, e uma mulher e uma criança apareceram repentinamente atrás dele e começaram a conversar com ele.

— Bom dia — olho-morto disse a eles com um sorriso.

— Ahn? Oh. Sim — o homem sorriu de volta e caminhou com a família até o final do corredor.

Olho-morto ficou de lado para deixar Cappie passar.

— Espere até um de nós verificar se está tudo bem — ele disse em um tom gentil — Homens que cometem crimes sem medo de serem presos geralmente não planejam voltar para a prisão. Ele pode decidir que uma bala é melhor do que um murro.

— Desculpe — ela disse — Eu não pensei.

— É por isso que nós estamos aqui — o outro homem disse passando pela porta e a fechando — Nós pensamos em tudo.

— Então você estava pensando? — olho-morto sorriu.

O homem indicou a sua manga. A ponta de uma faca estava em sua palma. Ele flexionou a mão e a colocou no lugar.

— Aprendi com Cy Parks — ele disse — Ele ensinou tudo o que eu sei.

— Então o que você está fazendo com Eb?

— Aprendendo... Diplomacia — ele disse entredentes — Eles falaram que meu comportamento precisa de mudanças.

Olho-morto abriu a boca para falar.

Cappie o interrompeu.

— E você acha que eu preciso de um ajuste de comportamento? — ela exclamou.

O outro homem moveu-se desconfortável.

— Nós devemos ir ao hospital.

Cappie apenas sorriu. Assim como olho-morto.

Quando eles chegaram à lanchonete do hospital, ela já estava cheia. Uma das mesas estava ocupada por um sombrio dr. Rydel, que mexia os ovos em um prato como se não pudesse decidir entre comê-los ou jogá-los.

O coração de Cappie saltou com a visão dele, mas não demonstrou nada. Ainda estava zangada por ele tê-la culpado, sem nenhuma prova a não ser a palavra de um homem que era um estranho.

Ele ergueu o olhar, a viu, e fez uma careta.

— Quer que eu o empurre para você? — olho-morto perguntou brincalhão — Eu posso fazer discretamente.

— Sim, como você secretamente empurrou aquele cara no aeroporto — o outro homem murmurou — Ele não está processando você?

— Eu pedi desculpas — olho-morto devolveu.

— Antes ou depois de a segurança do aeroporto aparecer?

— Bem, depois, mas ele disse que entendia por eu tê-lo confundido com um terrorista internacional.

— Ele estava usando colar havaiano e chinelos!

— O melhor disfarce para um espião, e eu sei disso. Eu morava em Fiji.

— Morava mesmo? — Cappie perguntou fascinada — Eu sempre quis ir para lá.

— Mesmo? — olho-morto olhou para Bentley, que havia levantado da mesa e estava caminhando na direção deles — Agora pode ser uma boa hora — ele avisou.

Bentley tinha círculos escuros embaixo dos olhos devido à falta de sono. Mas estava tão arrogante como sempre. Ele parou na frente de Cappie.

— Eu gostaria de falar com você por um minuto.

Ela não queria falar com ele, e quase repetiu as palavras da noite anterior. Mas estava cansada, preocupada e com medo de Frank. Não importava mais. Sua vida em Jacobsville já estava acabada. Ela e Kell recomeçariam, em San Antonio, quando a ameaça tivesse passado.

— Tudo bem — ela disse fracamente — Eu só demorarei um minuto, rapazes — ela disse a olho-morto e seu parceiro — Vocês podem pegar o café.

— Finalmente — olho-morto gemeu — Eu já estou tendo uma crise de abstinência.

— É por isso que você é tão feio? — o outro homem provocou.

Eles afastaram-se, ainda trocando insultos.

— Quem são eles? — Bentley perguntou enquanto se sentavam.

— Guarda-costas — ela disse — Eb Scott os emprestou para mim.

— Quer café?

— Por favor.

Ele foi até o balcão, pegou o café, uma rosquinha e os colocou na frente dela.

— Você precisa comer — ele disse quando ela começou a argumentar — Eu sei que você gosta. Você sempre as trazia quando estava atrasada e não tinha tempo para comer.

Ela deu de ombros.

— Obrigada.

Ele empurrou o açúcar e o creme para ela.

— Eu liguei para a recepção do hospital — ela disse debilmente — Eles disseram que Kell estava tomando banho e ia tomar café, assim eu tinha tempo para comer antes de visitá-lo.

— Eu falei com ele na noite passada — ele disse.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— É apenas a família. Eles colocaram na porta!

— Oh, aquilo. Eu disse que era o cunhado dele.

Ela o encarou enquanto colocava o creme no café.

— Eles me deixaram entrar — ele disse.

Ela ergueu a xícara e provou o café, com uma expressão de absoluto desgosto no rosto.

— Ele foi tão amigável quanto você — ele suspirou — Eu confundi as coisas.

Ela concordou.

— Uma bel avingança — ela acrescentou o encarando.

Ele empurrou o prato com os ovos para o lado. Os olhos azuis estavam tão intensos quanto os dela.

— Depois do que aconteceu comigo, eu desisti das mulheres por um longo tempo. Quando eu finalmente cheguei ao estágio em que achei que poderia confiar em uma novamente, descobri que ela estava mais interessada no que eu podia lhe dar do que em quem eu era — o rosto dele estava rígido — Você destruiu a barreira. E eu não conhecia você, Cappie. Nós jantamos algumas vezes, e eu levei você a um parque de diversões, mas aquilo não significava que nós estávamos próximos.

Ela pegou a rosquinha e deu uma mordida. Estava deliciosa. Ela mastigou, engoliu e tomou um pouco do café, tudo sem dizer nada. Ela pensara que eles estavam próximos. Como podia ter sido tão estúpida?

Ele respirou fundo e bebeu o próprio café.

— Talvez nós estivéssemos nos aproximando — ele admitiu — Mas a confiança vem devagar para mim.

Ela empurrou a xícara e o encarou.

— Como você acha que ela vem para mim? — ela perguntou friamente — Frank me espancou. Ele quebrou o meu braço. Eu passei três dias no hospital. Então no julgamento, o advogado dele tentou fazer parecer que eu havia provocado o pobre Frank e me recusado a ir para a cama com ele! Aparentemente ele achava que isso era suficiente para justificar a agressão.

Ele franziu a testa.

— Você não dormiu com ele?

O olhar dela lançava faíscas.

— Não. Eu acho que as pessoas devem se casar primeiro.

Ele ficou atônito.

Ela corou e desviou o olhar.

— Então eu sou antiquada — ela murmurou — Kell e eu tínhamos pais muito religiosos. Eu não acho que ele levou muito a sério, mas eu levei.

— Você não precisa se justificar para mim — ele disse baixo — Minha mãe era como você.

— Eu não estou me justificando. Estou dizendo que tenho um comportamento idealista em relação ao casamento. Frank pensou que eu lhe devia sexo por um belo jantar e ficou furioso quando eu não quis cooperar. E só para informar, eu nem ao menos o provoquei. Ele me espancou porque eu sugeri que ele devia beber um pouco menos. Isso foi tudo. Kell mal conseguiu chegar a tempo.

Ele respirou fundo.

— Meu padrasto bateu na minha mãe uma vez, por queimar o bacon, no começo do casamento. Eu tinha quinze anos.

— O que ela fez? — Cappie perguntou.

— Ela me contou. Eu o levei até os fundos da casa e o tranquei no jardim por cinco minutos, e também disse a ele que se ele fizesse isso novamente, eu pegaria a minha arma, e nós teríamos uma outra conversa. Ele nunca mais a tocou. E também parou de beber.

— Eu não acho que isso teria funcionado com Frank.

— Eu também duvido — ele observou o rosto dela — Você passou pelo inferno, e eu não ajudei. Por tudo o que é mais sagrado, eu sinto muito. Eu sei que não vai apagar o que eu disse. Mas talvez ajude um pouco.

— Obrigada — ela terminou o café e a rosquinha. Mas antes de ficar em pé, colocou uma nota de dois dólares na mesa e empurrou na direção dele.

— Não! — ele exclamou, as bochechas corando ao recordar com dolorosa clareza sua opinião sobre ela ser uma caçadora de ouro.

— Eu pago as minhas contas, apesar do que você pensa sobre mim — ela disse com orgulho. Ela ficou em pé — Dinheiro não significa muito para mim. Sou feliz com o que tenho. Sinto muito ter lhe dado uma impressão errada. Não é a verdade.

Ela virou-se e o deixou sentado lá, com as próprias palavras ecoando cruelmente em sua cabeça.

Kell estava deitado de barriga para baixo na cama. Seus machucados eram muito mais óbvios agora, e ele estava pálido e debilitado por conta da cirurgia. Ela sentou-se em uma

cadeira ao lado dele e sorriu.

— Como estão as coisas? — ela perguntou gentilmente.

— Ruins — ele disse com um suspiro — Dói como o inferno. Mas eles acham que eu voltarei a andar. É preciso esperar a minha recuperação e também uma melhora nos machucados para ter certeza. Mas eu estou sentindo os meus dedos — ele sorriu — Eu não vou provar, porque dói. Você pode confiar na minha palavra.

— Feito — ela alisou o cabelo emaranhado dele.

— Seu chefe veio na noite passada — ele disse friamente — Ele explicou o que aconteceu. Eu lhe disse algumas belas palavras.

— Eu também. Ele voltou.

— Não estou surpreso. Ele estava muito arrependido.

— Isso não servirá de nada — ela disse infeliz — Eu não esquecerei o que ele disse. Ele não acreditou em mim.

— Aparentemente ele tem algumas manchas no passado também.

— Sim, isso explica, mas não é uma desculpa.

— Já entendi — ele olhou na direção da porta — Você tem guarda-costas.

— Sim. Alguns dos homens de Eb Scott. Eles não gostam um do outro.

— Chet tem um ferimento no ombro, e Rourke faz piada disso.

— Qual é qual? — ela perguntou.

— Rourke perdeu um olho na guerra.

— Oh. Olho-morto.

Ele deu um risinho e piscou para ela.

— É assim que ele se chama. Ele tem uma história para contar. Ele trabalhou no oceano pacífico para a Cia por muitos anos. Agora ele está tentando voltar. Sua linguagem é muito rústica, e ele não está ligado nos últimos protocolos de comunicação, então ele está estudando com Eb. Chet, por outro lado, está tentando um trabalho como segurança para embaixadores internacionais. Ele gosta de bater.

— Gosta de bater?

— Ele costuma bater nas pessoas que o deixam zangado. Não funciona muito bem com embaixadores.

— Eu entendo — ela franziu a testa — Como você os conhece?

Ele suspirou.

— É uma longa história. Nós precisaremos conversar sobre isso quando eu sair desse lugar.

Ela estava juntando as coisas e ficando desconfortável com isso.

— Kell, você não estava trabalhando para uma revista quando foi para a África, não é? — ela perguntou.

Ele hesitou.

— Isso é uma das coisas sobre as quais nós precisamos conversar. Mas não agora, certo?

Ela relutou. Ele parecia agitado.

— Ok — ela disse pousando uma mão no ombro dele — Você é o meu irmão e eu amo você. Isso não mudará, mesmo se você me contar mentiras e pensar que eu nunca descobrirei nada sobre elas.

— Você é muito esperta.

— Já me disseram isso.

— Não se afaste dos seguranças — ele avisou — Eu tenho que concordar com eles. Eu acho que Frank não pretende voltar para a cadeia. Ele vai fazer o possível para pegar você, e

então ele se suicidará.

— A cadeira seria melhor do que isso, certo?

— Frank também gosta de bater.

Ela flexionou o braço que havia sido quebrado por ele.

— Eu percebi.

— Não abuse da sorte. Promete?

— Eu prometo. Por favor, fique bem. Ser órfã já é muito ruim. Não posso perder você também.

Ele sorriu.

— Eu não vou a lugar nenhum. Afinal de contas, tenho um livro para terminar. Preciso ficar bom para acabar logo com isso.

Ela hesitou.

— Kell, ele não viria aqui para pegar você, não é? — ela perguntou preocupada.

— Eu tenho companhia?

— Tem?

— Afastem-se projetos de militares — veio a voz profunda do corredor. Um homem alto, com uma aparência familiar, olhos cinzentos e cabelo escuro entrou no quarto, vestindo botas, jeans e uma camiseta, carregando uma bandeja com café.

— Kilraven? — ela perguntou surpresa — Você não está trabalhando?

Ele balançou a cabeça.

— Hoje não — ele disse — Eu tinha alguns dias de férias para tirar, então estou cuidando do seu irmão.

— Obrigada — ela disse com um sorriso largo.

— Eu vou ganhar algo em troca — ele deu um risinho — Estou preso no meio de um jogo de vídeo-game, e Kell sabe como vencê-lo.

— É Halo: ODST? — Olho-morto perguntou — Eu já passei.

— Sim, e eu aposto que foi no nível fácil — Chet chiou.

— Para a sua informação, foi no “normal” — ele reclamou.

— Bem, eu fiz o lendário — Kell murmurou — Então cale a boca e cuide da minha irmã, ou eu limparei o chão com você quando ficar em pé.

Olho-morto o olhou de uma maneira amigável. Chet deu de ombros.

— Até logo — Cappie disse beijando novamente a bochecha do irmão.

— Aonde você está indo? — ele perguntou.

— A uma entrevista de trabalho — ela disse gentilmente — O chefe de Brenda pode ter alguma coisa para mim.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Kell perguntou.

— Sim — ela mentiu.

— Então boa sorte.

— Obrigada. Até logo, Kilraven. Obrigada a você também.

Ele deu um risinho.

— Mantenha a sua pólvora sempre seca.

— Diga a eles — ela apontou os dois companheiros — Eu odeio armas.

— Morda a sua língua! — Kilraven disse com falso horror.

Ela fez uma careta e saiu pela porta, os dois acompanhantes logo atrás.

Bentley os encontrou no elevador.

— Aonde você está indo? — ele perguntou.

Ela hesitou.

— Entrevista de emprego — Rourke disse por ela.

— Você não pode deixar a clínica — Bentley disse brusco — Eu ainda não tenho ninguém para substituí-la!

— Isso é problema seu — ela devolveu — Eu não quero mais trabalhar para você!

Ele ficou atordoado.

— Além disso, Kell e eu vamos nos mudar para San Antonio assim que ele ficar curado — ela disse teimosamente — É muito longe para viajar todo dia.

Bentley ficou ainda mais preocupado. Mas não disse nada.

— Você não deveria estar no trabalho? — ela perguntou.

— A Dra. King está me substituindo — ele disse.

— Até quando?

Os olhos dele brilharam.

— Até que eu possa convencê-la a voltar ao lugar que é o seu lar.

— Por favor. Prenda o fôlego.

— Ela passou por ele e entrou no elevador. Ela nem ao menos olhou para a ver a direção que ele tomaria.

Estava acontecendo. Ela estava presa entre dois gigantes e duas mulheres que haviam tomado banho de perfume. Começou a tossir antes mesmo que as mulheres tivessem saído. Os homens saíram dois andares depois e o levador começou a descer lentamente.

— Que paraíso é esse? — Rourke disse com um sorriso sonhador, cheirando o ar — Eu adoro perfume.

— Perfume me deixa doente — Chet murmurou fungando.

— Perfume me faz tossir — Cappie concordou.

— Bem, obviamente, vocês dois não gostam tanto de mulheres quanto eu — Rourke zombou.

Os dois o encararam.

Ele ergueu as duas mãos em forma de defesa e sorriu.

O elevador parou novamente na lanchonete e Bentley ainda estava ali, sensual e arrogante.

Cappie o encarou. Não ajudou. Ele entrou no elevador e apertou o botão para descer.

— Aonde você acha que está indo? — Cappie perguntou a ele.

— A uma entrevista de emprego — ele disse sombriamente — Talvez eles precisem de mais um veterinário na clínica onde você trabalhará.

— Isso quer dizer que você não vai se casar comigo? — Rourke perguntou com fingida tristeza.

Bentley engasgou.

— Você vai casar com ele? — ele exclamou.

— Eu não vou casar com ninguém! — Cappie murmurou.

Bentley moveu-se desconfortavelmente.

— Você poderia se casar comigo — ele disse sem encará-la — Eu tenho uma profissão e não carrego uma arma — ele acrescentou olhando sem disfarçar para a pistola que Rourke carregava sob o casaco.

— Eu também tenho uma profissão — Rourke argumentou — E saber usar uma arma não é tão ruim.

— Diplomatas não pensam assim — Chet murmurou.
— Apenas até as pessoas começarem a atirar neles e você salvar as suas bundas — Rourke disse.
Chet iluminou-se.
— Eu não havia pensado por esse lado.
— Vamos — Cappie gemeu quando a porta do elevador se abriu — Eu me sinto como se estivesse liderando um desfile!
— Alguém tem um trombone? — Rourke perguntou às pessoas que esperavam o elevador.
Cappie segurou o braço dele e o puxou com força.

Eles pegaram um táxi até a clínica veterinária. O carro estava cheio. Os homens conversavam sobre vídeo-games, mas eles deixavam Cappie para trás quando mencionavam inovações que haviam encontrado na internet, sobre possíveis coisas a se fazer com os equipamentos da série Halo.

— Usar granadas para explodir um escorpião em uma montanha? — ela exclamou.
— Ei, isso funciona — Rourke argumentou.
— Sim, mas você precisa atirar nos seus companheiros para conseguir granadas — Chet disse — Isso não é ético.
— Isso vindo de um homem que roubou a arma de um policial da traseira do carro dele! — Rourke disse.

— Eu não roubei, apenas emprestei! De qualquer modo, todos estavam com metralhadoras e rifles, e eu com uma pistola — ele zombou.

— Todas armas eram maiores que a dele — Rourke traduziu com um sorriso angelical.
Chet bateu no braço dele.
— Pare com isso!
— Viu por que ele não consegue um emprego com diplomatas? — Rourke devolveu segurando o braço com dor.

— Estou surpresa por vocês terem um emprego — Cappie comentou — Vocês precisam mesmo de aulas sobre comportamento.

— Eu estou tentando, mas você não quer se casar comigo — Rourke brincou.
— Claro que não, ela casará comigo — Bentley disse zangado.
— Não vou não! — Cappie exclamou.
— Nenhuma mulher prefere se casar com um veterinário quando ela pode ter um espião charmoso — Rourke comentou.

— Você conhece um? — Bentley perguntou tranquilamente.
Rourke o encarou.
— Eu posso ser charmoso quando quero, e eu trabalhava para a CIA.
— Sim, mas limpar o chão conta como um emprego de verdade? — Chet quis saber.
— Você deve saber — Rourke disse ao outro homem — Não era isso o que você fazia em Manila?

— Eu era o segurança do presidente!
— E ele não acabou no hospital?
— Nós estamos aqui! — Cappie disse alto, indicando onde o táxi parava — E a corrida é por conta de vocês — ela acrescentou — Eu não vou pagar o carro para seguranças e teimosos enxeridos.

— Quem é enxerido? — Rourke perguntou.

Mas Cappie já estava fora do carro. Os três homens a seguira após dividir o preço da corrida.

Ela entrou na clínica veterinária, onde Kate Snow ainda era a recepcionista. Ela tinha vinte e quatro anos, alta, morena, olhos verdes e um rosto muito mais agradável do que propriamente bonito. Ela sorriu.

— Olá, Cappie — ela cumprimentou — Veio visitar os velhos amigos?

— Na verdade eu estou procurando por um emprego.

— Brenda me disse, mas eu não acreditei — Kate disse atônita — Você acabou de se mudar para Jacobsville.

— Bem, estou voltando.

— Eu vou chamar o dr. Lammers — ela disse e apertou um botão do telefone. Ela falou algo, concordou, falou novamente e desligou — Ele está com um paciente, mas estará aqui em um minuto — o olhar dela passou por Cappie — Posso ajudá-los? — ela perguntou aos homens.

— Eu estou com ela — Rourke disse.

— Eu também — Chet afirmou.

— Eu estou procurando por um emprego — Bentley disse — Eu pensei que vocês pudessem precisar de um veterinário extra — ele sorriu.

— Quem é você? — Kate perguntou surpresa.

— Ele é o meu antigo chefe — Cappie murmurou.

— Você é o dr. Rydel? — Kate exclamou — Mas você tem a sua própria clínica em Jacobsville!

— Eu tenho, mas se Cappie se mudar para essa cidade, eu também me mudo — ele disse teimosamente.

— Nós também podemos nos mudar — Rourke interrompeu — Eu posso fazer umas entrevistas por aqui. Eu sei digitar.

— Mentira — Chet disse — Ele não sabe digitar.

— Eu posso aprender!

— Tudo o que você sabe fazer é atirar em pessoas — Chet zombou.

— Senhor, é ilegal carregar uma arma sem registro — Kate começou a falar nervosamente.

Rourke lançou-lhe o seu sorriso mais charmoso.

— Eu sou um segurança profissional, e eu tenho permissão. Se você quiser vê-la, eu posso levá-la a um adorável bistrô e você confirmará enquanto nós jantamos.

Kate o encarou como se ele fosse louco.

— Existe um homem a perseguindo — Chet disse à moça — Nós vamos pegá-lo se ele tentar algo e entregá-lo ao sistema de justiça local.

— Perseguido você? — Kate gaguejou.

Cappie encarou os dois homens.

— Muito obrigada por me tornar uma responsabilidade pública!

Rourke piscou para ela. Chet apenas a olhou. Bentley sorriu.

— Eu não me importo em dar um emprego a você. Nem um pouco — ele disse — Esses dois podem trabalhar como cabeleireiros e eles protegerão você.

— Eu não vou pentear nada — Chet disse asperamente.

— Ok. Então vocês podem cuidar de clientes rabugentos — Bentley ofereceu.

Chet o olhou de uma maneira desdenhosa.

— Na verdade eu sei pentear coisas — Rourke disse — Eu já cuidei de um macaco.

Cappie bateu nele.

— Aí está você! — Brenda exclamou, saindo de uma sala com uma roupa cirurgica verde — Eu falei com o dr. Lammers, mas ele disse que nós já temos mais funcionários do que precisamos. Eu sinto muito — ela acrescentou infeliz.

— Qual é o seu endereço? — Bentley perguntou — Eu lhe enviarei flores.

— Eu pensei que você quisesse se casar com ela — Chet apontou Cappie.

Os olhos de Brenda se arregalaram.

— Quem é você? — ela perguntou ao homem de olhos escuros.

— Eu sou um contratado...

— ... Assassino — Rourke terminou por ele.

— Eu não mato pessoas, apenas atiro nelas! — Chet zombou.

— Eu somente atiro nas pessoas — Rourke acrescentou — Então nós voltaremos para Jacobsville?

— Quem são esses homens? — Brenda perguntou novamente.

— Bem, esses dois são meus seguranças — ela os indicou — E esse é meu ex-chefe.

— Por que o seu ex-chefe está aqui? — ela perguntou.

— Ele ia pedir um emprego aqui, mas não existem vagas para funcionários ou veterinários, então eu acho que todos nós voltaremos para Jacobsville — Cappie disse infeliz — Isso é, se Frank não atirar em mim primeiro.

— Ninguém vai atirar em você — Rourke assegurou.

— Pode apostar — Chet disse.

Brenda sorriu para eles.

— Obrigada. Ela é a minha melhor amiga.

Cappie a abraçou.

— Obrigada por tentar. Eu ligo para você. Até logo, Kate!

Kate acenou enquanto atendia o telefone. Seus olhos ainda estavam pousados em Rourke, que sorria para ela.

— Vamos, vamos — Cappie disse aos homens.

— Como está Kell? — Brenda perguntou acompanhando-os até a porta.

— Ele vai superar. Mas nós ainda não sabemos se ele voltará a andar.

— Se você precisar voltar para Jacobsville, eu cuido dele para você.

— Eu não posso partir ainda — Cappie disse — Não até encontrarmos Frank.

Brenda olhou para Bentley, que era todo sorrisos.

— Você não voltará para a sua clínica?

— Quando nós encontrarmos Frank — ele comentou simpático.

— Você não faz parte dessa unidade de segurança — Chet o lembrou.

— Eu faço agora — Bentley assegurou. Seus olhos pousaram em Cappie — Estou nisso até o fim.

Cappie odiou a onda de prazer que aquele comentário lhe causou. Então ela disfarçou abraçando Brenda e prometendo manter-se em contato.

CAPÍTULO 9

BENTLEY VOLTOU com eles ao hotel onde Cappie estava hospedada. Ele os deixou no elevador para conseguir um quarto para ele mesmo. Ele conseguiu um no mesmo andar, duas portas depois, e voltou ao hotel onde ficara hospedado para pegar as malas e pagar a sua conta.

— Ótimo — Cappie murmurou quando eles entraram na suíte dela — Agora nós realmente faremos um desfile.

— Ele gosta de você — Rourke afirmou — E nesse ponto, quanto mais olhos, melhor. Ele pode notar algo que nós não notamos. Afinal de contas, ele já viu Frank. Nós temos somente um desenho. E você disse que não se parece muito com ele — ele acrescentou.

— Tudo bem — ela suspirou. Aproximou-se da janela e olhou a rua movimentada — Pelo menos Kell está em boas mãos. Eu não queria brigar com Kilraven, mesmo ele estando de bom humor.

— Ele é estranho — Rourke comentou — Nós nem ao menos conseguimos descobrir para qual ramo do governo ele trabalha, e nós tentamos. O irmão dele trabalha para o FBI, mas as atribuições de Kilraven são menos óbvias.

Ela virou-se para encará-lo.

— Ele é da CIA?

— Se ele fosse, não diria. E só para lembrar — ele acrescentou com um sorriso — Nenhum endereço de escritório da CIA está listado, em nenhuma cidade. Nós nem ao menos mencionamos quais cidades são essas.

— Você é muito misterioso — ela comentou.

Ele apenas sorriu.

— É por isso que nós somos tão bons no que fazemos.
— O que nós fazemos? — ela perguntou, tentando descobrir algo óbvio.
— Eu não disse que ainda estava com eles — ele apontou.
— Você também não disse que não estava — ela respondeu.
Ele fez uma careta para ela.
— Pelo menos todo mundo sabe qual é o meu trabalho — Chet disse.
Os dois o olharam atônitos.
Ele os encarou.
— Eu sou segurança!
— Bem, no momento eu também sou — Rourke disse — Mas não é o que eu faço o tempo todo — ele apertou os olhos ao observar o outro homem — E também não é o que você faz o tempo todo.
Chet ficou desconfortável.
— O que ele faz o tempo todo? — Cappie perguntou curiosa.
— Envolve armas de grosso calibre e operações obscuras.
— Não é verdade — Chet murmurou.
— Mas era.
— Eu desanimei um pouco de pular de aviões depois que quebrei a perna — ele murmurou.
— Eu ouvi falar que você quebrou as duas pernas.
Chet suspirou.
— E um braço. Um membro quebrado nunca se recupera totalmente, mesmo com bons cuidados — ele suspirou novamente — Se você disser algumas coisa... — ele suspirou e fechou a boca.
— Eu não ia dizer nada — Rourke disse.
— Não mesmo. Meus cigarros acabaram. Vou até o final da rua para ver se alguém pode me fornecer um pacote por baixo da mesa para que a polícia não descubra.
— Fumar não é ilegal, é? — Cappie perguntou.
— Qualquer dia provavelmente será — Chet disse desapontado — Não posso fumar sem uma licença federal — ele disse e murmurou enquanto saía pela porta.
— Conte rápido — Cappie disse a Rourke — Ele era um franco atirador?
— Eu nunca tive certeza — ele disse com um sorriso — Mas ele e Cash Grier são muito próximos.
— Isso significa alguma coisa?
— Grier era um assassino do governo de alto nível quando era jovem, mas eu não contei isso a você — ele disse firme — Alguns segredos tem que ser guardados para salvar a pele de alguém.
— Puxa! — ela exclamou — Eu nunca imaginei.
— Nem a maioria das pessoas. Eu vou dar umas voltas por aí para ver se reconheço alguém. Mantenha a porta trancada e não responda a menos que reconheça minha voz, ou a de Chet. Tudo bem?
Ela concordou.
— Obrigada.
— Quando eu trabalho, eu trabalho — O homem disse. Ele fechou a porta ao sair.

Ela estava nervosa. Não devia estar, pois tinha seguranças, mas continuava recordando as últimas palavras de Frank Bartlett, amaldiçoando quando o juiz o condenara. Ele jurara vingança com todas as suas forças, e quase conseguira escapar do oficial que o algemara. Havia sido um momento assustador. Quase tão assustador quanto a lembrança da noite em que ele a espancara.

Ela deslizou os braços ao redor do ventre e fechou os olhos. Esperava que eles pudessem pegá-lo antes que ele a pegasse. Certamente o que fizera com Kell lhe garantiria algum tempo na cadeia. Mas e se ele saísse novamente? Ela viveria com medo durante a vida inteira? Afinal de contas, ele poderia sair por bom comportamento, sem importar o tempo de sentença. Havia muitas possibilidades horríveis, e todas elas deixariam Cappie escondida atrás de portas enquanto ela vivesse. E não era algo que ela desejasse.

A batida repentina na porta trouxe um grito de pânico súbito aos seus lábios. Ela aproximou-se da porta, mas não tocou a maçaneta.

— Quem... Quem é? — ela perguntou.

— Serviço de quarto. Nós estamos checando se o seu veterinário já foi entregue.

Ela deu uma gargalhada. Conhecia aquela voz, tão bem quanto a sua própria.

— Bentley! — ela aproximou-se da porta — Eu não me lembro de ter pedido um veterinário.

— Bem, nós estamos fornecendo um de qualquer jeito para o caso de você se arrepender mais tarde por não ter pedido um — ele zombou.

Ela destrancou a porta e lançou-lhe um olhar brincalhão.

— Boa tática.

Ele deu de ombros.

— Estou desesperado. Você não me deixaria entrar se eu simplesmente pedisse — ele olhou para trás dela e o sorriso sumiu — Onde estão os seus seguranças?

— Chet foi comprar cigarros e Rourke está checando o hotel atrás de intrusos.

— E você está sozinha aqui.

— A porta estava trancada até você pedir para entrar — ela apontou.

— Justo. Quer descer e comer algo comigo? Então nós poderemos visitar Kell.

— Acho que seria bom. Mas eu preciso dizer aonde vou ao Rourke...

— Ele já sabe — veio uma voz divertida de dentro de sua bolsa.

— Como você entrou aí? — ela perguntou erguendo a bolsa.

— Eu coloquei um microfone, caso você tentasse escapar.

— Eu vou comer alguma coisa, e depois Bentley e eu vamos visitar Kell.

— Ok. Eu estarei por perto. Divirta-se. E não bata nele com a torta. Você está indo a um hospital.

— O caminho para o hospital é o melhor momento para bater nas pessoas — ela devolveu — Existem médicos lá.

— Sim, eu sei — Bentley falou para a bolsa dela — Eu sou um.

— Você é veterinário — Rourke devolveu.

— Eu posso tratar ferimentos se quiser.

— Tente não deixá-la causar-lhe um.

— Pare com isso — Cappie disse à bolsa. Ninguém respondeu — Alô? — ela disse olhando o interior.

— Não tente isso em público, ok? — Bentley pediu enquanto eles caminhavam até a porta — Provavelmente também existem psiquiatras no hospital.

Ela revirou os olhos e passou à frente dele no corredor.

A lanchonete do hospital estava lotada. Eles encontraram uma mesa, mas tiveram que dividi-la com um casal mais velho que viera do México para visitar a filha, que acabara de ter um neném. Eles tinham fotografias, e mostraram cada uma a Bentley e Cappie, que os respondiam entre o café e as mordidas na torta.

Finalmente o casal mais velho terminou a sua refeição e caminhou até o elevador.

— Enfim sós — Bentley brincou.

— Uma fotografia a mais e eu ficaria louca — ela confessou — Eu juro que se algum dia tiver um neto...

— ... Você terá ainda mais fotos do que eles, e mostrará a estranhos também — ele deu um risinho.

Ela deu de ombros e sorriu.

— Sim. Eu acho que sim.

— Bebês são bonitinhos. Eu sempre achava que teria um ou dois.

— Não acha mais? — ela perguntou.

Ele colocou a xícara de café na mesa.

— Eu desisti de ter esperanças. Até que você apareceu — ele não a encarou enquanto falava.

Ela sentiu os joelhos tremerem. Odiava a onda de prazer que esse comentário lhe causou.

— Verdade?

Ele a encarou. Os olhos azuis soltaram faíscas ao encontrarem os dela.

— Verdade.

Ela hesitou.

— Eu não devia ter acreditado em um homem que eu nunca vi, que entrou no meu escritório e contou mentiras sobre você aparentando inocência. Mas eu estava com medo porque você era muito boa para ser de verdade.

— Ninguém é perfeito.

— Eu sei. Você não precisa ser perfeita. Eu só não quero entrar de cabeça e quebrar a cara novamente.

— Eu não sou esse tipo de pessoa — ela disse.

Os olhos dele se estreitaram.

— Ele machucou mesmo você, não foi?

— Eu acreditei estar apaixonada — ela disse baixo — Ele parecia ser gentil e calmo... mas logo no primeiro encontro ele chutou o meu gato. Eu devia ter imaginado. Pessoas gentis não são cruéis com animais. Eu descobri depois que ele já havia espancado duas outras mulheres, mas elas tinham muito medo dele e não prestaram queixa — ela sorriu debilmente — Bem, eu também tinha. Mas Kell insistiu. Ele disse que Frank poderia acabar matando alguém se eu não fizesse nada — ela apoiou o rosto nas mãos — Não vai acabar nunca. Mesmo se ele for a julgamento, pode ser inocentado, ou eles podem soltá-lo por bom comportamento, ou ele poderia... Eu nunca ficarei livre dele.

— Não fale assim — ele disse suavemente — Eu não deixarei que ele machuque você.

Ela afastou as mãos. Parecia mais velha.

— E se ele machucar você? E se ele matar você? Todos ao meu redor estão no alvo. Eu quase coloquei Brenda em perigo sem nem menos perceber.

— Eu não tenho medo desse verme — ele falou — E você não terá medo dele também. É assim que ele controla as mulheres. Com o medo. Não lhe dê esse prazer.

Ela mordiscou o lábio.

— Eu só estou com medo, Bentley.

— Sim, mas você fez a coisa certa. E fará novamente sempre que for preciso. Você não é o tipo de pessoa que foge de problemas, assim como eu também não sou.

— Você acha?

— Eu tenho certeza.

Ela o encarou.

— Eu morria de medo de você no começo. Então aconteceram coisas e você me levou até em casa — ela sorriu — Você não é tão horrível quanto parece.

— Obrigado. Eu acho — ele sorriu de volta.

— Ok. Eu retiro isso. Se Frank escapar de outra sentence, eu convencerei Rourke a levá-lo até uma selva do outro lado do continente para que ele nunca encontre a saída.

— Aham — a bolsa respondeu — Eu não seqüestro cidadãos americanos e os levo para fora do país por motivos execráveis. Nem mesmo por belas mulheres.

— Estraga prazeres — ela disse.

— Mas eu conheço pessoas que fazem isso — ele acrescentou com voz brincalhona.

— Bom homem — Bentley disse.

— Por que você não se casa com ele? — Rourke perguntou — Pelo menos você pode ter certeza de que ele nunca deixará você em perigo.

— Se você me der o telefone do seu chefe — Bentley disse para a bolsa — Eu mesmo ligarei para ele e lhe darei uma ótima recomendação.

— Puxa vida!

— Eu sempre...

Bentley parou de falar porque três pessoas estavam paradas o encarando com a boca aberta, observando ele falar com a bolsa de Cappie. Ele clareou a voz.

— Aqui está, o rádio já desligou — ele disse em um tom deliberadamente profundo. Ele entregou a bolsa de volta à ela.

As três pessoas ficaram envergonhadas, sorriram e saíram rapidamente da lanchonete.

Cappie deu uma gargalhada. As bochechas de Bentley estavam da cor de uma goma de mascar.

— Pensou rápido, dr. Rydel — Rourke disse — Quer trabalhar para nós?

— Vá embora — Cappie disse — Eu não considerarei o fato de me casar com alguém que tenha um emprego igual ao seu.

— Estraga prazeres — Rourke disse — Desligando agora.

Cappie encontrou o olhar de Bentley, e os dois acabaram rindo.

Kell estava zozinho e silencioso. A dor devia estar terrível, Cappie pensou, já que o efeito da anestesia estava passando. Ele estava muito menos falante do que estivera no quarto de recuperação. Ele estava pálido e parecia um esforço fazer qualquer coisa. Eles só ficaram alguns minutos. Kell dormiu antes que eles chegassem na porta.

— Você acha que seria seguro sair apenas por um segundo para respirar? — Cappie perguntou — Existem pessoas em todos os lugares.

Eu não sei — Bentley disse, os olhos revirando o lugar.

— Rourke, o que você acha? — ela perguntou à bolsa.

Mas não houve resposta. Ela olhou ao redor. Não viu Rourke ou Chet. Aquilo era estranho. Eles estavam sempre à vista desde que ela chegara em San Antonio.

— Talvez não haja problemas — ela disse — Eu só quero esticar as pernas por um minuto.

— Tudo bem — Bentley disse — Mas fique perto de mim — ele segurou a mão dela e a apertou calorosamente — Eu cuidarei de você.

Ela sorriu debilmente e encostou a cabeça no ombro dele por um minuto.

— Ok.

Eles saíram na noite fria. A calçada estava lotada. O trânsito estava normal. Havia um policial na esquina, encostado na vitrine de uma loja, falando no celular. Perto dele, dois homens vestindo ternos conversavam, alheios ao movimento.

Ao redor deles, letreiros de neon e luzes iluminavam a escuridão.

— É quase natal — ela exclamou — Eu acabei esquecendo com tudo o que aconteceu — ela fez uma careta — Nós nem mesmo colocaremos presentes na árvore esse ano. Kell nunca conseguirá receber alta até a véspera de natal.

— Então nós colocaremos uma árvore no quarto dele e traremos os presentes de Jacobsville até aqui — ele prometeu — Nós passaremos o natal aqui.

Ela o encarou suavemente.

— Nós?

A mandíbula dele endureceu.

— Eu não vou deixá-la novamente. Nem mesmo por um dia — ele disse roucamente.

As palavras trouxeram lágrimas aos olhos dela. O modo como ele as pronunciara havia sido tão romântico, tão apaixonado. Ele nem ao menos precisava dizer o que estava sentindo. Ela podia ler em seu rosto.

Ele a puxou para perto e a abraçou com força, enterrando o rosto nos cabelos longos e macios.

— Case comigo.

Ela fechou os olhos.

— Sim. Sim! — ela sussurrou.

O peito dele subiu e desceu pesadamente.

— Entre todos os lugares para se ficar noivo — ele gemeu — Com milhares de olhos te observando.

— Não importa — ela sussurrou.

Não, ele pensou. Não importava.

— Segure ele! Eu pego ela!

As vozes invadiram repentinamente aquele que era o mais doce sonho da vida de Cappie. Ela estava tão tranqüila, tão feliz, que levou preciosos minutos para perceber o que estava acontecendo. Ela sentiu Bentley ser tomado de seus braços. Dois homens o estavam segurando. Uma puxada violenta a deixou atordoada enquanto duas mãos grossas seguravam seus ombros e a virava. Sobre ela, o rosto zangado e contorcido de Frank Bartlett entrou em foco, os olhos pequenos prometendo retribuição.

— Finalmente peguei você, não é? — ele zombou — Agora você vai pagar pelo que fez comigo!

Ela gritou e tentou afastar-se dele, mas suas mãos eram muito fortes. Ele afastou uma e bateu com toda a sua força, tão forte que ela teria caído se ele não a segurasse brutalmente com a outra mão.

O rosto dela ardia como fogo. Ficaria machucado. Mas isso a deixou louca. Ela ergueu um pé e o chutou na panturrilha com toda a sua força. Ele gritou de dor e bateu nela novamente. Mas antes que pudesse fazê-lo pela terceira vez, foi derrubado no chão por uma mão.

— É assim mesmo! — Veio um grito do lado deles.

— Vá pegá-lo! — ouviu-se outra voz.

Bentley estava batendo em Frank Bartlett, os pulsos fortes fazendo o outro homem implorar, gemer de dor.

— Ele não tem talento? — Rourke murmurou enquanto afastava uma nervosa Cappie da multidão. Ele observou o rosto ferido dela e fez uma careta — Desculpe não termos agido logo, mas nós queríamos ter muitas testemunhas e um excelente caso para a acusação — ele indicou Chet e os outros dois homens que usavam ternos. Eles estavam algemando Frank, e o oficial que estava na esquina agora os acompanhava.

— Nós colocamos você em perigo — Rourke disse — Eu não faria assim se tivesse outra escolha.

Ela aproximou-se e tocou a bochecha dele.

— Você fez bem, olho morto — ela disse com um sorriso e piscou quando sentiu dor — Eu parecerei uma vítima de acidente por alguns dias.

— Sem dúvidas. Seu pobre rosto!

Ela olhou na direção de Frank. Bentley ainda batia nele.

— Vocês não deveriam salvar Bentley?

— Bentley? — ele exclamou.

— De uma acusação de homicídio — ela esclareceu.

— Oh. Certo. Provavelmente sim.

Ele aproximou-se e afastou Bentley do outro homem. Precisou de algum esforço. O veterinário estava obviamente relutante em abandonar o seu passatempo.

— Calma, calma — Rourke o acalmou — Nós precisamos deixar algo para a acusação. Além disso, Cappie precisa de cuidados. Ela está bastante machucada.

Bentley prendeu o fôlego enquanto caminhava até Cappie. Ele piscou ao ver o rosto dela.

— Minha pobre criança — ele exclamou inclinando-se para beijar a bochecha machucada com extrema ternura — Deixe-me voltar lá e bater nele apenas mais uma vez...

— Não — ela protestou segurando o casaco dele — Rourke está certo, nós já temos muito trabalho para a acusação. Bentley, você foi magnífico!

— Assim como você foi quando o chutou — ele deu um risinho.

— Eu acho que nós formamos um bom time — ela murmurou.

— Pode apostar nisso.

Ela colocou uma mão na própria bochecha.

— Cara, isso dói.

— E está muito feio. Nós iremos a um médico.

— Felizmente existem muitos deles aí dentro — Rourke disse em resposta — Viu as letras? Elas dizem “hospital”.

Ela fechou uma mão.

Rourke ergueu as duas mãos.

— Calma, calma, eu estou do seu lado — ele indicou um dos homens que tinha um rabo de cavalo — Você o reconhece?

Ela franziu a testa.

— Não...

— Aquele é o detetive Rick Marquez — ele disse — Ele estava a caminho da ópera quando nós telefonamos e dissemos que um crime iria ser realizado em frente ao hospital. Ele quebrou todos os recordes para chegar até aqui.

— Que gentil — Cappie disse.

— Não muito. Ele sempre vai sozinho à ópera. Não consegue sair com mulheres.

— Por que não? — ela perguntou — Ele é uma beleza.

— Ele carrega uma arma — Rourke apontou.

— Você carrega uma arma também.

— Eu também não saio com mulheres.

— Que vergonha.

Ele aproximou-se.

— Estou disponível.

Ela riu enquanto Bentley entrava em sua frente encarando o homem.

— Espere, esqueça, eu acabei de me lembrar de que não estou disponível — Rourke disse rapidamente.

— Mesmo se você estivesse, ela não está — Bentley disse.

— Aí está você novamente arrumando problemas — Rick Marquez deu um risinho, juntando-se a eles. Ele olhou para o rosto de Cappie e fez uma careta — Droga, eu sinto muito por nós não termos chegado antes — ele desculpou-se — Eu não consegui pegar um taxi e tive que vir correndo.

— Felizmente a sua forma física é ótima — Rourke disse.

— Felizmente sim — Marquez concordou — O que você e Billings estão fazendo aqui?

— Prestando favores a Eb Scott — Rourke sorriu — Nós somos seguranças. Bem, não mais. Não agora que você colocará aqueles três vigaristas na cadeia.

Marquez aproximou-se dele.

— Por que você não diz a Chet que é proibido fumar aqui?

— Por que você não diz? — Rourke perguntou surpreso.

— Meu apartamento tem muitas janelas — veio a resposta divertida — Ele pode não resistir a tentação.

— Pois é. Eu não direi nada. Sobre o cigarro! — Rourke acrescentou rapidamente — De qualquer modo, ele não vai atirar em você. Ele não está autorizado.

— Ainda — Marquez anunciou.

Rourke deu de ombros, sorriu e foi ao encontro do parceiro.

— Eles foram ótimos — Cappie disse ao detetive — Eu nunca me senti tão segura. Bem, até hoje.

— Nós deixamos você cair na armadilha — Marquez disse baixo — Era a única maneira de conseguir uma acusação para que Bentley não escapasse. Esse tipo de gente não desiste.

— Sim, mas ele pode ficar livre novamente...

— Não ficará — Marquez disse brusco — Eu prometo. Vê aquele homem com quem eu estava? Ele é o assistente do promotor que colocou Frank na cadeia.

— Eu o achei familiar — Cappie devolveu.

— Ele ficou muito zangado porque o juiz deu uma sentença muito pequena para Frank. Ele estava trabalhando por trás dos panos para conseguir dados para esse caso — ele deu um risinho — E ele conseguiu! E na frente de todas essas testemunhas — ele indicou o oficial uniformizado, e dois outros que estavam com ele — Frank ficará na cadeia por um bom tempo.

— E quanto aos amigos dele? — Cappie perguntou.

— Eu sei que eles o ajudaram com o seu irmão. Nós não podemos provar, mas eu tenho certeza de que um deles adorará confessar para conseguir uma sentença menor.

— Enquanto isso — Bentley disse deslizando um braço ao redor de Cappie — Nós teremos uma ótima celebração de natal no hospital com Kell e depois planejaremos um casamento.

— Um casamento? — Marquez suspirou — Eu achava que conseguiria encontrar uma boa mulher um dia, que gostasse de tiras e ópera, que quisesse se casar comigo. Mas, estou feliz solteiro. Quero dizer, tenho tempo livre, posso assistir os programas que eu quiser, e comida enlatada é maravilhosa. De fato, eu gostaria de fazer comerciais para elas — ele sorriu.

— Eles tem psiquiatras aí, não tem? — ele perguntou indicando o hospital.

Marquez o encarou.

— Eu disse que sou feliz! Eu adoro morar sozinho! Eu não quero a minha vida particular invadida por uma adorável mulher que sabe cozinhar!

— Alguém tem uma camisa de força? — Bentley perguntou.

Marquez ergueu as mãos e saiu andando.

Cappie sentiu o rosto começando a latejar. Lágrimas inundaram seus olhos.

— Nós podemos entrar e procurar a emergência, por favor? — ela perguntou a Bentley.

— Nesse exato minuto — ele disse preocupado.

Marquez os seguiu.

— Eu estou com a minha câmera digital — ele disse — Nós queremos fotos, para usar como prova contra Frank.

— Fique a vontade — Cappie respondeu — Mas eu quero remédios e uma bolsa de gelo!

— Você pode ir ao meu escritório amanhã para testemunhar. No momento, nós tiraremos as fotos e pediremos que um médico a examine. Depois disso, você pode até tomar uma cerveja se quiser, e eu pago — Marquez prometeu.

Ela fez uma careta.

— Desculpe, mas eu prefiro a bolsa de gelo.

Os braços de Bentley se contraíram.

— Nós precisamos arrumar um jeito de Kell não vê-la, até que o pior tenha passado.

— Sim, eu concordo — ela disse — Isso não vai ser fácil.

Marquez, vendo que o machucado piorava a cada segundo, teve que concordar. Ela não tinha noção de sua aparência no dia seguinte. Mas ele tinha.

Eles tiraram um raio-X do rosto de Cappie. Marquez tirou as fotos e foi embora. O médico entrou no cubículo da sala de emergência onde ela e Bentley esperavam.

— Dois pequenos ossos foram quebrados — ele disse — Eu quero que você leve esse raio-X ao seu médico particular e peça que ele lhe recomende um bom cirurgião. Enquanto isso eu receitarei algo para a dor. Mantenha o gelo encostado no rosto. Nada vai disfarçar os machucados — ele encarou Bentley curiosamente.

— Eu não fiz isso — ele disse simplesmente — O homem que fez foi levado em um carro de polícia, com seus cúmplices, e vai receber uma acusação por isso. Algumas cópias desses raios-X podem ajudar.

O jovem residente concordou solenemente.

— Eu vejo muitos machucados como esse. Um namorado? — ele perguntou.

— Não — Cappie disse sombriamente — Um ex-namorado que passou seis meses na cadeia por quebrar o meu braço — ela acrescentou — Ele saiu e veio procurar por mim. Desse vez eu espero que ele passe muito tempo por lá.

— Eu ficarei feliz em testemunhar — o residente disse. Ele tirou um cartão do bolso e entregou a ela — Um homem bruto procurando por vingança é algo muito comum. Nós perdemos uma jovem mulher há poucas semanas pelo mesmo motivo.

Cappie sentiu-se doente.

Bentley colocou o braço ao redor dela.

— Ninguém vai matar você — ele disse.

Ela encostou a cabeça no ombro dela.

— Obrigada.

Eles colocaram o raio-X em um envelope, pagaram a conta e saíram da ala de emergências, as mãos dadas.

— Você quer ver Kell hoje à noite? — Bentley perguntou.

Ela balançou a cabeça com dificuldade, porque doía.

— Estou muito machucada. Eu quero apenas deitar — ela o encarou — Você irá até o escritório de Marquez amanhã comigo?

— Pode apostar que sim.

— Obrigada.

O braço dele contraiu-se ao redor dela.

— Não é necessário. Vamos voltar ao seu quarto. Foi um longo dia.

— Eu que o diga — ela murmurou. Pelo menos, ela pensou, seu sofrimento havia terminado por hoje. Amanhã ela se preocuparia com os detalhes, incluindo contar o que havia acontecido ao pobre Kell.

CAPÍTULO 10

CAPPIE GEMEU ao ver o reflexo no espelho do hotel quando saiu da cama na manhã seguinte. Um lado de seu rosto estava de um roxo vivo, e totalmente inchado.

— Está tudo bem aí dentro?

Ela sorriu. Bentley insistira em dormir no sofá da suíte apenas por segurança. Rourke e Chet já estavam arrumando as suas malas para voltar para jacobsville. Cappie e Bentley ficariam por mais um dia ou dois, enquanto ela prestava depoimentos à polícia, e cuidava de Kell.

— Acho que sim — ela disse — Eu apenas não consigo me olhar.

— Eu aposto que Chet sabe exatamente o que isso significa! — Rourke gritou da porta do quarto que ele e Chet haviam dividido.

— Você pode calar a boca? — Chet murmurou.

— Isso é um bom exemplo do motivo para você precisar de aulas de diplomacia — Rourke zombou.

— Eu estou tentando ser diplomático — Chet disse brusco — Eu voltarei à companhia e deixarei que eles me enviem a missões duradouras, sozinho. Qualquer lugar em que eu não precise ser uma pessoa gentil!

— Sim, e você pode levar os cigarros com você — Rourke acrescentou — Ter que dividir um quarto com você é punição suficiente para qualquer infrator! Homem, você ronca!

— A fumaça do cigarro é benéfica — Chet disse.

— Não é!

— Se o seu perseguidor fuma você pode senti-lo a quinhentos metros — Chet devolveu, e sem querer esboçou um sorriso.

Rourke ficou de boca aberta. Nunca havia visto o outro homem sorrir.

Chet o olhou de uma maneira arrogante, pegou a mala e saiu.

— Espero que as coisas funcionem para você, senhorita Drake — ele disse enquanto ela aproximava-se vestindo um roupão. Ele piscou — Parecerá melhor em uma semana ou duas — ele assegurou.

Ela tentou sorrir, mas doía muito.

— Obrigada por me ajudar a viver, Chet.

— O prazer foi meu. Vejo você em Jacobsville, Rourke.

— Espere por mim! Eu não vou pagar o táxi até Jacobsville sozinho — Rourke disse. Ele pegou a própria mala, apertou a mão de Bentley e inclinou-se para beijar a bochecha machucada de Cappie — Se ele aparecer de novo, apenas telefone, e eu devolverei ele à delegacia enrolado em uma rede — ele disse com um sussurro áspero.

— Obrigada, Rourke. Mas eu não acho que isso irá acontecer.

Bentley sorriu.

— Eu posso garantir que não.

— Tudo bem, então. Até logo.

Eles acenaram para os dois homens. Bentley observou o rosto machucado sombriamente.

— Eu queria ter evitado isso.

— Eu também. Mas está tudo bem. Vamos tomar o café. Então nós iremos ao escritório do detetive Marquez para prestar depoimento. Depois disso — ela acrescentou relutante — Nós podemos ir visitar Kell e tentar não zangá-lo quando ele souber o que aconteceu.

— Nem me diga.

O detetive Marquez tinha uma sala pequena em um grande departamento. Era barulhento e as pessoas entravam e saíam constantemente. Os telefones não paravam de tocar.

— Parece aqueles programas que nós vemos na televisão — Cappie disse.

Marquez deu um risinho.

— É muito pior. Você não consegue cinco minutos de paz para ouvir um depoimento — ele arrumou alguns detalhes no computador enquanto a questionava. Ele imprimiu e entregou a ela — Leia tudo e veja se está certo — ele imprimiu outro — Este é para o dr. Rydel — ele entregou outra folha ao veterinário.

Eles leram os documentos e fizeram algumas modificações. Marquez arrumou no computador e imprimiu os depoimentos novamente. Eles os assinaram.

— Eu aposto que Frank está soltando fogo pelas ventas — Cappie murmurou.

— Ele está mesmo, mas dessa vez ele não conseguirá enganar nenhum juiz dizendo que é a parte injustiçada — Marquez assegurou.

— Eu aposto que aquele juiz está se sentindo muito mal agora — Bentley murmurou.

— O juiz sim — Marquez concordou — Assim como o advogado de defesa, especialmente depois que Frank e os amigos espancaram o seu irmão. O sistema de justiça de San Antonio inteiro foi em busca do homem.

— Verdade? — Cappie perguntou surpresa.

— Verdade. O promotor que cuidou do seu caso está soltando fogos de artifício.

— Alguém precisa levá-lo para um belo jantar, com um belo pedaço de carne — Cappie comentou.

— Eu o levarei, na lanchonete da minha mãe em Jacobsville — ele deu um risinho — Ele é solteiro e minha mãe também.

— Eu posso ver a sua mente girando — Cappie disse.

Ele deu um risinho.

— Sempre — Marquez disse simpático — Nós trabalhamos juntos em muitos casos. Eu gosto dele.

— Eu também — Cappie disse. Hesitou em seguida — Frank não ficará livre até o julgamento, certo?

Marquez balançou a cabeça.

— O promotor está trabalhando nisso. Eu não acredito que Frank conheça alguém que possa pagar a sua fiança.

— Vamos esperar que não — Bentley disse.

Marquez o olhou de uma maneira séria.

— Ele provavelmente ficará na cadeia voluntariamente, para evitar que você o apanhe novamente. Aquilo foi muito bom.

Bentley deu de ombros.

— Eu jogava futebol na faculdade.

— Eu jogava futebol. Não entendo muito, mas consigo jogar uma bola longe usando a cabeça.

— É por isso que ela é assim? — uma voz familiar zombou da porta da sala.

— Kilraven — Marquez grunhiu — Você pode parar de me perseguir?

— Eu não estou perseguindo você — o outro homem disse — Eu só estou esperando que você responda as minhas dez ligações, as seis mensagens de voz e os vinte e-mails — ele encarou Marquez.

Marquez ergueu as duas mãos.

— Ok. Espere eu terminar o trabalho com a senhorita Drake e o dr. Rydel e eu já atendo você. Pode acreditar.

— Sem pressa — Kilraven disse sorrindo — Eu estarei bem aqui, intimidando os infratores.

— Obrigada por cuidar de Kell — Cappie disse.

— Para que servem os amigos? — ele perguntou.

— Como você pode saber se não tem nenhum amigo, Kilraven? — um detetive que passava zombou.

— Eu tenho muitos amigos!

— Oh, sim? Diga o nome de um.

— Marquez!

— Ele é seu amigo? — o detetive perguntou colocando a cabeça dentro da sala de Marquez.

— Ele não — Marquez disse enquanto lia o depoimento mais uma vez.

— Eu sou sim — Kilraven disse em um tom rude.

Marquez o encarou.

Kilraven saiu do cubículo, murmurando algo para si mesmo em uma língua estranha.

— Eu sei o que isso quer dizer em árabe — Marquez gritou — Seu irmão fala persa fluentemente e ele me ensinou o que essas palavras querem dizer!

Outras palavras em outra língua foram ouvidas no corredor.

— O que isso quer dizer? — Marquez perguntou.

Kilraven colocou a cabeça na porta e deu um risinho.

— Lakota. E Jon não pode te ensinar isso — ele não fala. Ha!

Ele saiu.

Marquez fez uma careta.

— Ele é muito legal — Cappie disse.

Marquez inclinou-se na direção dela.

— Sim, ele é, mas eu não vou falar isso alto — o rosto dele tornou-se sombrio — Eu estou trabalhando em um caso com ele e outro detetive — ele disse baixo — Envolve ele. Ele está impaciente porque nós temos uma nova pista.

Bentley concordou em silêncio.

— Eu conheço a história. Uma das minhas assistentes é casada com o melhor amigo do xerife. Eu soube o que está acontecendo.

— Trágico — Marquez concordou — Mas com sorte nós conseguiremos descobrir.

Bentley ficou em pé, puxando Cappie com ele. Ele piscou enquanto ela se virava na direção dele.

— Eu gostei daquelas cópias de raio-X — Marquez acrescentou caminhando com eles — Tudo que nós conseguirmos contra Bartlett ajudará.

— Ele deve torcer para não sair nunca da prisão — Cappie disse — Meu irmão está esperando por ele.

Marquez deu um risinho.

— Se não fossem três contra um e o seu irmão não estivesse em uma cadeira de rodas, eu provavelmente o estaria defendendo de uma acusação de homicídio.

— Sem dúvidas — Bentley respondeu sombriamente.

Cappie franziu a testa.

— Tem uma conversa rolando e eu não tenho nem idéia do que possa ser? — ela perguntou.

Bentley e Marquez trocaram um olhar.

— Apenas estamos comentando a força que o seu irmão tem — Bentley disse rápido. Ele segurou a mão dela — Vamos visitar o seu irmão e contar que ele terá um novo cunhado em breve.

Kell estava um pouco melhor, até que viu o rosto de Cappie. Ele praguejou brilhantemente.

— Eu sei como você se sente — Bentley disse — Mas por tudo o que é mais sagrado, Bartlett está muito pior. Dois detetives tiveram que me afastar dele.

Kell acalmou-se.

— Bom homem — ele piscou enquanto observava o rosto da irmã — Eu sinto muito.

— Eu ficarei bem — ela não falou nada sobre a possível cirurgia que precisaria enfrentar. Não havia necessidade de preocupá-lo ainda mais — O detetive Marquez disse que Frank não se livrará por um bom tempo. Ele espera que um dos cúmplices conte tudo para se livrar. Se ele for acusado por agressão a nós dois, pode ficar lá para sempre.

— Eu esperava que Hayes Carson aparecesse para pegar o meu depoimento sobre o que aconteceu em Comanche Wells — ele murmurou.

— Eu acho que ele está lhe dando tempo para se recuperar da cirurgia — Cappie disse.

— Provavelmente sim.

— Você já falou com o cirurgião? — Cappie perguntou.

Ele sorriu.

— Sim. Ele está otimista já que eu posso sentir as minhas pernas.

— Pelo menos alguma coisa boa — ela disse gentilmente.

Kell encarou Bentley.

— Pouco antes de nós chegarmos ao hospital, ela disse que não queria morar na mesma cidade que você. Você me contou parte da história, mas não tudo. Ela ia explicar, mas eles me espancaram. Se importam em falar algo?

— Eu fiz uma coisa estúpida — Bentley disse com um suspiro — Espero me desculpar por isso pelo resto da vida. Mas ela se casará comigo de qualquer modo — ele a olhou de maneira terna, e ela devolveu o olhar — Eu posso comer milho todo dia se isso a fizer feliz.

— Eu afastei a minha raiva quando vi você batendo em Frank Bartlett — ela afirmou.

Ele observou os machucados no rosto dela.

— E eu nunca esquecerei a ocasião.

— Vocês vão se casar? — Kell perguntou.

— Sim — Cappie disse e em seguida tocou o rosto machucado — Mas não até que as feridas melhores.

— E não até que eu consiga andar para levá-la até o altar — Kell interrompeu.

Bentley torceu os lábios.

— Eu posso pedir que Chet e Rourke carreguem você pelo corredor — ele ofereceu.

— Da última vez que Chet foi a um casamento, ele passou a noite na prisão por causar um tumulto — Kell disse.

Cappie franziu a testa.

— Como você conhece Chet e Rourke? — ela perguntou.

Ele gemeu.

— Oh. A dor. Eu preciso descansar. Eu não consigo falar mais nada no momento.

Cappie estreitou os olhos.

— Aquela coisa não injeta um analgésico automaticamente em sua veia? — ela perguntou.

Kell manteve os olhos fechados.

— Eu não sei. Sinto-me terrível. Vocês precisam ir agora — ele abriu um olho — Vocês podem voltar depois, e eu estarei muito melhor se você não fizer perguntas potencialmente embaraçosas. Eu posso ter uma recaída.

— Tudo bem — Cappie concordou.

Ele acalmou-se.

— Seja boazinha e eu lhe direi como destruir os caçadores no ODST.

— Cash disse a você? — ela perguntou.

Ele deu um risinho e piscou, porque doía mexer-se.

— Não sem um suborno.

— Que tipo de suborno?

— Lembra daquele filme de Bette Davis onde ela mata o amante e envia uma carta anônima à viúva que pode comprometê-la? — ele perguntou.

— Sim. Se chama “A carta”. É um dos meus favoritos... — ela fez uma pausa — Você não fez isso!

— Puxa, você nem assiste tanto assim — Kell protestou.

— Kell!

— Você quer ou não destruir os caçadores? — ele perguntou.

Ela suspirou.

— Eu acho que posso encontrar outra cópia do filme.

— Você é uma ótima irmã — Kell disse.

— Se eu lhe comprar uma — Bentley interrompeu — Você me dirá como passar pelos caçadores? — ele perguntou a ela.

Todos riram.

Duas semanas depois, Kell caminhava pela sala, ainda tremendo um pouco, usando pijamas e um roupão enquanto Cappie o segurava. O machucado em sua bochecha diminuiu, mas ainda tinha uma aparência amarelada. Kell estava muito melhor. Ele estava reaprendendo a andar, cortesia do departamento de reabilitação do hospital de Jacobsville.

— Isso é devagar — ele murmurou.

— Não é, não — Bentley devolveu, e o som de um tiro veio da televisão da sala de estar — Há! Lá se foi um caçador!

— Muito bem — ela gritou — Não foi o seu filme que foi sacrificado!

— Eu comprei outro para você. Está no aparelho de DVD — ele gritou de volta.

— Adiantou muito já que o controle da televisão não ficou livre por cinco minutos — ela murmurou.

— Pare de brigar com o meu futuro cunhado — Kell chiou — Não é qualquer homem que sabe fazer tortilhas.

— Ele só fez para agradar você — ela disse.

— E funcionou. Quando será o casamento?

— Daqui há três semanas. Micah Steele disse que você conseguirá caminhar pela igreja com a ajuda de uma bengala. E nós podemos rezar para que não surja nenhuma emergência com aniamis da região! — ela ergueu a voz.

— Eu emprestei um veterinário de San Antonio para me substituir na clínica até nós voltarmos da lua de mel em Cancun — ele disse. Eles haviam escolhido o lugar exótico porque era o sonho de Cappie ver a galinha Itza, a ruína Maia.

— Eu espero que o veterinário saiba que está substituindo você — ela disse.

Ele riu.

— Ele sabe.

— A lista de convidados não para de crescer — Cappie suspirou — Eu já enviei cinquenta convites.

— Você colocou Marquez e o promotor na lista?

— Sim — ela disse — E Rourke e Chet também.

Kell gemeu.

— Chet não vai causar nenhum tumulto. Eu vou ter uma conversa com ele — ela prometeu — Eles cuidaram de mim em San Antonio — ela acrescentou.

— Sim, mas eu fui o único que derrubou Frank — Bentley gritou — Você acredita que aquele verme tentou me acusar por agressão? — ele acrescentou irritado.

— Ele não chegou muito longe — Kell assegurou — Blake Kemp teve uma longa conversa com o advogado dele.

— Por que o nosso promotor conversaria com um advogado de defesa de San Antonio? Cappie quis saber.

— Porque o advogado de defesa não estava ciente das conexões familiares da vítima de Frank — Bentley murmurou — Há! Lá se foi outro caçador! — ele exclamou.

Cappie piscou.

— Conexões familiares?

Kell aproximou-se dela.

— Não pergunte. A fofoca é que o processo não vai dar em nada. Rápido.

Cappie ainda olhava na direção de Bentley.

- Quais conexões familiares? — ela insistiu.
- O governador é meu primo. Há! Mais um!
- Nosso governador? — ela exclamou.
- Nós só temos um. Esse jogo é ótimo!
- Cappie suspirou. Ela encarou o bonito irmão.
- Nós não vamos levar o jogo na lua de mel — ela disse firme.
- Bentley a olhou de uma maneira sedutora.
- Nem se eu lhe disser como destruir os caçadores?
- Bem, nesse caso, talvez eu possa reconsiderar — ela deu um risinho.

Kell caminhou pelo corredor com a ajuda de uma bengala. A pequena igreja em Comanche Wells estava lotada. Apenas as pessoas que eles conheciam foram convidadas, mas o espaço ainda era pequeno. Uma boa parte dos convidados que usava uniforme, tanto militares como oficiais, estava de um lado da igreja, enquanto um bom número dos homens de Eb Scott estava do outro lado. Olhares dissimulados eram trocados. Pelo corredor da igreja, uma Cappie com um vestido branco adorável com laços e véu caminhava. Ela carregava um buquê de rosas amarelas e sorria de orelha a orelha.

Ela segurava o braço de Kell com força, tão orgulhosa de seu progresso que não escondia a felicidade. Ela já estava falando sobre um novo emprego na escola anti-terrorismo de Eb Scott. Ela estava muito curiosa sobre o fato de seu irmão conhecer tantos empregados de Eb Scott, mas não fez nenhum comentário. Ainda devia a Eb por ele ter emprestado Chet e Rourke, que estavam sentados juntos na frente da igreja. Ao redor deles estavam os seus colegas de trabalho, incluindo Keely e Boone Sinclair. A irmã de Boone, Winnie, estava sendo observada intensamente por Kilraven, que estava sentado no banco atrás dela.

Ela e Kell pararam no altar, onde ele a entregou a Bentley. Ele estava sorrindo também, tão bonito que Cappie apenas suspirou, o encarando com adoração.

O casamento foi breve, mas bonito. Bentley ergueu o véu e inclinou-se para beijá-la com tanta ternura que ela teve que lutar contra as lágrimas.

Então eles caminharam em direção a saída da igreja. As pessoas que não conseguiram entrar na igreja estavam esperando por eles com o que pareciam ser buquês de arroz e confetes. Sorriram radiantes enquanto corriam até a limusine que os levaria até a recepção.

Eles deram bolo um na boca do outro, tiraram fotos de casamento e se divertiram muito. Havia uma banda ao vivo e eles dançaram juntos em um ritmo lento e romântico, que durou dois minutos até que Cash Grier e sua bela esposa, Tippy, se aproximaram da banda.

Eles sorriram, fizeram uma toque de trombetas e se renderam deliciosamente ao clássico “Brasil”. Mas Cash não começou a dançar, como todos esperavam. Ele olhou na direção de Bentley com um sorriso e uma piscadela.

Bentley lançou um olhar travesso a Cappie.

— Quer dançar?

— Mas, Bentley, você não sabe... ou sabe? — ela exclamou.

— Eu não sabia — ele confessou caminhando com ela até o centro da pista — Mas Cash me deu algumas aulas. Ok. Um, dois... três!

Ele a girou pela pista de um modo totalmente profissional, em uma mistura de samba, cha-cha e mambo, que ela seguiu com tanta facilidade que os convidados começaram a

aplaudir.

— Você é maravilhoso! — Cappie exclamou.

— Você também é, beleza — ele deu um risinho — Nós não somos bons?

Quase dois dias depois, eles repetiram o mesmo diálogo, mas por um motivo totalmente diferente.

Exaustos e banhados em suor, deitados na enorme cama de um hotel à beira-mar em Cancun, eles mal conseguiam se mover.

— E eu achava que você dançava bem! — ela riu — Você é simplesmente magnífico!

— Obrigado — ele respondeu sorrindo — Posso devolver o elogio?

— Sim, eu aprendo rápido — ela suspirou.

— E não tem mais medo — ele murmurou.

Ela riu. Estava quase em um estado de nervos quando eles chegaram ao hotel naquela tarde. Ela amava Bentley, mas não tinha idéia do que aconteceria quando eles ficassem juntos. Mas ele havia sido compreensível, paciente e gentil quando a pegara no colo e lhe alimentara com o camarão oferecido pelo serviço de quarto. Claro, ele também lhe oferecera champanhe, até que ela ficou tão relaxada que nada que ele pudesse dizer a perturbaria.

Beijos lentos e ternos ficaram cada vez mais rápidos e insistentes. Ele tirou as roupas dela com tanta facilidade que ela mal notou o ar frio sobre sua pele. Mesmo assim, o modo como ele a tocava era tão eletrizante que sua única vontade era aproximar-se cada vez mais dele. Houve uma pequena físgada de dor, facilmente esquecida quando ele a beijou com delicada sensualidade e a dor foi esquecida. Sua mente entrou em eclipse enquanto seu corpo exigia um fim à tensão que crescia inevitavelmente. Finalmente ela sentiu uma explosão de calor que superava até mesmo os seus sonhos mais loucos.

— E eu achava que você era reservado! — ela riu.

— Somente quando eu estou usando um uniforme branco — ele murmurou preguiçosamente. Abriu os olhos, virou-se e estudou a bela nudez dela com apreciação — Você gostaria que eu colocasse um uniforme branco?

— Eu não — ela devolveu, puxando-o para si. Em seguida o beijou intensamente — Eu gostaria que você recomeçasse agora, e sem reservas.

Ele deslizou sobre ela, o peito cabeludo tocando os mamilos endurecidos dos seios dela.

— Eu acho que não tem como ficar melhor, sra. Rydel.

Ela queria responder, mas estava muito envolvida para conseguir falar.

Eles caminharam pelas ruínas Maias de mãos dadas, fascinados com a beleza da pirâmide Castillo e as outras construções ao redor.

— Com certeza eram diferentes, quando ainda eram ocupadas, há centenas de anos — Cappie murmurou olhando o lugar.

— Provavelmente havia ainda mais pessoas — ele deu um risinho, observando a multidão de turistas que era muito comum nessa época do ano. Ele entregou a garrafa de água a ela e esperou que ela tomasse um gole. A viagem de ônibus durara horas, e eles chegariam ao hotel somente após o anoitecer. Era algo que os dois queriam ver.

— É muito diferente estar aqui, do que ver na televisão — ela afirmou.

— A maioria das coisas é assim — ele respondeu — Não é muito divertido ver pela televisão quando se pode estar aqui tocando e cheirando as ruínas distantes.

Ela parou e o encarou com o coração nos olhos.

— Eu nunca achei que estar casada seria tão divertido.

Ele a abraçou com força.

— E nós estamos apenas no começo — ele concordou, os olhos azuis decorando o rosto dela — Eu espero que nós ainda tenhamos uns cem anos à nossa frente.

— Eu também — ela apertou os braços ao redor dele e fechou os olhos — Eu também, Bentley.

Ela voltou a trabalhar com ele na clínica. Havia concordado que se Keely, que também estava muito bem casada, podia continuar trabalhando, ela também podia. Ele não havia protestado muito. Ficava feliz por estar perto dela o dia inteiro.

— Você não quer um gato? — Keely perguntou na semana em que eles voltaram de lua de mel — Grace Grier pediu para que eu encontrasse um lar para seis gatinhos, mas só encontrei para quatro.

Cappie riu.

— Eu adoraria.

— Eu também — Bentley concordou colocando a cabeça no vão da porta — Cy Parks disse mais alguma coisa sobre aquele touro que se cortou no arame farpado?

— Disse. Ele disse que se você der uma passada por lá no caminho para casa, Lisa pode preparar algo para vocês dois — Keely deu um risinho — Eles estão preparando chili caseiro e pão de milho.

— Meu favorito — Bentley disse.

— Meu também — Cappie respondeu ao mesmo tempo.

— Ele disse que vocês podiam levar Kell — a outra mulher acrescentou.

— Kell foi a algum lugar com Rourke e Chet — Cappie suspirou — Não disse onde. Ele some por dias, e ninguém sabe onde eles estão. Ele é o meu único irmão. Ele poderia confiar em mim.

— E em mim — Bentley acrescentou.

— Ele tem os seus motivos — Cappie disse — Quaisquer que sejam eles.

— Eu acho que deve ser algo secreto, perigoso e excitante — Keely disse alto.

— Eles estão ajudando o detetive Marquez a descobrir um clube noturno ou algo do tipo — Bentley deu um risinho — Ele também mencionou que precisava de alguns voluntários para um projeto especial que ele e o promotor de justiça estão elaborando.

— Nós devemos uma ao promotor — Cappie concordou — Ele convenceu os cúmplices de Frank a testemunhar contra ele para conseguirem sentenças reduzidas. Ele disse que Frank não sairá antes que seus cabelos estejam brancos. Ganhei o dia — ela acrescentou.

— Eu também — Bentley assegurou — Ok, pessoas, voltem ao trabalho.

— Sim senhor, dr. Rydel, sim senhor — Cappie disse brincando.

Ele fez uma careta para ela. Em seguida sorriu.

Ela sorriu de volta, voltando para trás do balcão.

— Quem é o próximo, Keely?

— A senhora Anderson o seu chihuahua. Aqui está a ficha.

Cappie a pegou e foi até a sala de espera, que estava lotada. Seus olhos brilharam de felicidade ao trocar um olhar com o seu belo marido, pouco antes de ele entrar em sua sala para examinar um paciente. Ela sentia-se quase flutuando.

— Ok, senhora Anderson — ela disse à senhora, com um sorriso no rosto — Se você trouxe Tweedle aqui, o dr. Rydel poderá examinar a pata dele.

— Ele é um veterinário muito bom — a mulher disse à Cappie — E você é uma mulher de

sorte!

— Sim, você é! — Bentley disse de dentro das ala — Nem toda mulher consegue um marido que é realizado e modesto como eu! Você deveria ter orgulho de si mesma!

— Eu tenho, querido, e como você gostaria de ter as suas batatas... queimadas ou cruas?

Houve uma pausa.

— Nem todo marido consegue uma mulher tão realizada e modesta como você, querida!
— ele disse.

Ela deu um risinho.

— Agora sim você vai ganhar uma deliciosa batata e uma suculenta carne assada!

Uma divertida senhora Anderson arqueou as sobrancelhas enquanto seguia Cappie até a sala de tratamento. Cappie apenas sorriu.

*****Fim*****